



Propostas novas para novos mundos

Alejandra Coz Rosenfeld Ana Cláudia Henriques Andreia Azevedo Moreira
Carlos Nuno Granja Carlos Seabra Dennis de Oliveira Eliane Testa Fiamma Viola
Franco Barbato Gian Luca Masciangelo Graziela Andrade João Morales
Julie-Cerise Gay Marcia Langfeldt Marcos Silva Melina Sarnaglia
Mirian Ringel Paulo Branco Lima Peilin Yu Pilar Colás Pires Laranjeira
Rômulo Garcias Virna Teixeira Wagner Merije

(C) Aquarela Brasileira Livros
(c) Autores/as

Aquarela Brasileira Livros

www.aquarelabrasileira.com.br
facebook.com/aquarelabrasileira
E-mail: faleaquarela@gmail.com

Brasil - Portugal

Organização e Coordenação Editorial: **Wagner Merije**

Editor adjunto: **Paulo Branco Lima**

Arte & Design: **Rômulo Garcias**

Produção: **Bella Rossi**

Revisão: **Maria Rita Cândida**

ISBN: 978-65-86867-05-3

Ao citar esta publicação,
dê crédito aos autores e à obra.

When quoting this publication, give credit
to the authors and the work.

Agosto/August/2020

Comitê Editorial / Editorial Board

Augusto Rodrigues da Silva Junior
Universidade de Brasília - UNB

Hérica Jorge Pinheiro
Universidade de Coimbra / Ministério do Ensino Superior,
Ciência e Cultura de Timor-Leste

Jairo Faria Mendes
Universidade Federal de São João del Rei - UFSJ

João de Deus Leite
Universidade Federal do Tocantins - UFT

Jorge Lucio de Campos
Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

Roberto Antônio Penedo do Amaral
Universidade Federal do Tocantins - UFT

“We were scared, but our fear
was not as strong as our courage.”

Malala Yousafzai



SUMÁRIO / Contents

- 6 Prefácio
- 10 Preface
- 14 **Retratar a realidade**
Virna Teixeira
- 17 **Buraco Negro**
Pires Laranjeira
- 22 **Propostas antigas para o mundo de sempre**
João Morales
- 29 **Reflections on time in the days of a Pandemic**
Miriam Ringel
- 34 **As últimas coisas**
Marcia Langfeldt
- 45 **Na cama a ganhar coragem para me levantar, ouço-o baixinho para o tecto:
quando saímos daqui?**
Andreia Azevedo Moreira
- 60 **Gnõthi seauton: pensamentos e práticas à procura de novas primaveras**
Wagner Merije
- 75 **Tempo: uma breve ontologia de pijama**
Graziela Andrade
- 81 **Corona Vírus como possibilidade de uma nova era:
O Princípio do fim da Barbárie**
Ana Cláudia Henriques
- 94 **Somos aqueles por quem estávamos esperando**
Fiamma Viola + Melina Sarnaglia
- 110 **As iniquidades que nos afetam: passado, presente e futuro**
Marcos Silva

- 116 Cicatrizar es un proceso biológico**
Alejandra Coz Rosenfeld
- 121 Um quarto de volta e mais um regresso**
Carlos Nuno Granja
- 130 Proposta, protesto em França!**
Julie-Cerise Gay
- 135 Aprender, tecnologia e pós-pandemia**
Carlos Seabra
- 142 Mãe terra maltratada, seus filhos se perdem**
Dennis de Oliveira
- 146 Faca, arbusto e uma vida nova depois da Covid-19?**
Peilin Yu
- 152 O Sabor do Próprio Veneno**
Paulo Branco Lima
- 158 Versos des(confinados)**
Rômulo Garcías
- 172 Dos vastos mundos (im)possíveis**
Eliane Testa
- 184 Elijo vivir**
Pilar Colás
- 188 Irrealismo Poético**
Franco Barbato
- 208 Hello world / ciao mondo**
Gian Luca Masciangelo
- 210 Notas e Agradecimentos**
- 211 Notes and Acknowledgments**



Prefácio

CosmoGénes e o respirar de vários corações

Este projeto surgiu durante a pandemia, nos primeiros meses de 2020. Tudo o que tínhamos pela frente era incerteza. Na verdade, mais do que nunca, agora temos uma certeza: que a natureza é brutal e pode promover a nossa extinção com facilidade. No fundo, somos todos indivíduos frágeis. Talvez ainda não sejamos bons o suficiente nem fomos capazes de usar mais da nossa capacidade racional, e é preciso que tenhamos coragem para reconhecer isso.

Sem uma determinada organização e elevado instinto de justiça e solidariedade, muitas vidas serão perdidas. Ao mesmo tempo, somos seres plurais, o universo é composto de muitas vidas, e só o respeito mútuo permitirá a comunhão dessas vidas no Planeta Terra.

Muitos de nós atravessámos o período de confinamento a observar e refletir sobre o mundo e a vida. Parados em casa por dias e dias (quem pôde, enfim), fomos perdendo a noção de tempo e passámos a mensurar o valor das amizades, das companhias, da simplicidade, ao invés de contar quantas roupas ou sapatos, quantos carros ou privilégios que o dinheiro pode comprar — coisas, posses, em determinadas situações, perdem o sentido.

Em que acreditamos? Como agimos? O que podemos fazer que não fizemos? Era bom que pudéssemos trocar umas

ideias sobre uma série de assuntos. Eis um convite para ler estas páginas e partilhar dessas visões de vidas e de mundos, eis aqui alguns pontos de vista em busca de olhares mais coletivos.

Este livro é como que uma entidade coletiva, constituída por vários indivíduos que atravessaram momentos assustadores, angustiantes e de profunda incerteza. É também um documento deste tempo e para a eternidade, seja qual for, e o que se espera é que estas reflexões, aqui anotadas, possam ser úteis para alguém, para alguma coisa. Por mais que alguns pragmáticos senhores e senhoras da verdade puguem conta, não podemos prescindir de filósofos, sociólogos, artistas e escritores.

Cabe a todos, mas principalmente aos que não fogem da reflexão, elaborar a confusão dos nossos dias em busca de tornar as coisas mais claras e inteligíveis. É árdua a tarefa de trabalharmos nas ações cotidianas um exercício equilibrado de criação, formação e expansão de saberes. Entretanto, a maior catástrofe é não evoluir, ou evoluir como pensávamos que evoluíamos. É hora de termos o apoio da inteligência, do amor e da dignidade, para sermos seres completos, livres e felizes.

Nosso mundo é hoje, mas importa pensar que mundo deixaremos para as crianças do amanhã, especialmente numa fase da civilização em que a educação dos filhos é, por necessidade, muitas vezes delegada a outras figuras e instituições.

Não estamos sozinhos na dança da solidão, a saudade está sempre junto da morte e “A pior cegueira é a mental, que faz que com que não reconhecamos o que temos à frente”, conforme escreveu José Saramago.

Elaborados por pensadoras e pensadores nativos ou habitantes de países como Brasil, Chile, China, Equador, França, Inglaterra, Israel, Itália, Noruega e Portugal, aqui estão em discussão vários temas, como a falta de clareza quanto aos rumos da sociedade, o afeto, a maternidade, a família, a educação, a arte, a justiça e a injustiça, o racismo, a violência, a economia, a ecologia e muito mais.

Entre os testemunhos, há o impressionante relato da poeta e tradutora Virna Teixeira, profissional de saúde mental no Reino Unido, que foi contaminada no trabalho com o Covid-19.

É interessante observar como há, nos vários textos, todos fundamentados na experiência de vida de cada um, sem perder de vista a coletividade, conceitos que coincidem e outros que se contrapõem. É nesta não uniformidade das ideias que se torna vivo e pulsante o conjunto, permitindo que se identifiquem tendências e propostas para serem avaliadas com o coração e a cabeça aberta.

A verdade só pode ser difundida com astúcia. Vamos precisar aprender muito para sobrevivermos ao capitalismo de vigilância, à distância que as máscaras nos tornarão a impor, sem esquecer o nosso dever de manter a sanidade sensível e pensante em tempos obscurantistas.

A injustiça tem passos firmes e, assim como está, não vai ficar. Como disse o educador Paulo Freire, na obra *Pedagogia do Oprimido*, “é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tão pouco tornar-se simples trocas de idéias a serem consumidas pelos permutantes”.

Podemos esperar pela chegada da Máquina de implantação de noção de grupo/entidade colectiva, em solidariedade ao João Morales? Para a Julie-Cerise Gay, “Enquanto houver vida, há esperança. Enquanto houver ideia, há imaginação”. Como diz Andreia Azevedo Moreira, “A arte, a amizade, o amor, a música, a dança, os bons filmes, as peças de teatro que se guardam, o desporto, as gargalhadas, as paisagens, os livros intemporais, a cultura, os orgasmos: curam!”. Ou, por outro lado, como salientam Fiamma Viola e Melina A. Sarnaglia, necessitamos de aprofundar “a busca de alternativas que integrem o ser humano na natureza”, pois esta “é a chave para a construção de um novo projeto de sociedade, onde a acumulação infinita e a produção e circulação de mercadorias não seja nossa sentença de morte”.

Leiam! Leiamos! Busquemos a luz, sabendo que há uma luz divina dentro de cada um de nós. Mesmo nas maiores dificuldades, não estamos sós, porque esta luz faz-nos companhia e é a força que precisamos para superar todos os obstáculos. Que a gente enxergue isso e veremos que podemos fazer diferente.

Paulo Branco Lima
Wagner Merije



Preface

CosmoGenesis and the breathing of various hearts

This project emerged during the pandemic in the first months of 2020. All we had ahead of us was uncertainty. In fact, more than ever, we now have one certainty: that nature is brutal and can promote our extinction with ease. In essence, we are all fragile individuals. Perhaps we are still not good enough and we have not been able to use our rational capacity any more, and we need to have the courage to recognise that.

Without a particular organization and high instinct for justice and solidarity, many lives will be lost. At the same time, we are plural beings, the universe is made up of many lives, and only mutual respect will allow these lives to be shared on Planet Earth.

Many of us go through the period of confinement to observe and reflect on the world and life. Standing at home for days and days (who could, at last), we lost track of time and began to measure the value of friendships, companies, simplicity, instead of counting how many clothes or shoes, how many cars or privileges money can buy — things, possessions, in certain situations, lose their meaning.

What do we believe? How do we act? What can we do that we have not done? It would be nice if we could exchange a few ideas on a number of issues. Here's an invitation to read these pages and share these visions of lives and worlds, here are some points of view in search of more collective looks.

This book is like a collective entity, made up of several individuals who have gone through frightening, distressing and profoundly uncertain moments. It is also a document of this time and for eternity, whatever it may be, and what is expected is that these reflections, noted here, may be useful for someone, for something. However much some pragmatic lords and ladies of truth preach, we cannot do without philosophers, sociologists, artists and writers.

It is up to everyone, but especially to those who do not flee from reflection, to elaborate the confusion of our days in search of making things clearer and intelligible. It is an arduous task to work on daily actions a balanced exercise of creation, formation and expansion of knowledge. However, the greatest catastrophe is not to evolve, or to evolve as we thought we would. It is time to have the support of intelligence, love and dignity, to be complete, free and happy beings.

Our world is today, but it is important to think what world we will leave for the children of tomorrow, especially in a phase of civilization where the education of children is, by necessity, often delegated to other figures and institutions.

We are not alone in the dance of loneliness, longing is always close to death and “The worst blindness is mental blindness, which makes us not recognize what is ahead,” as José Saramago wrote.

Elaborated by native thinkers or inhabitants of countries like Brazil, Chile, China, Ecuador, France, England, Israel, Italy, Norway and Portugal, here are under discussion several themes, such as the lack of clarity regarding the directions of society, affection, motherhood, family, education, art, justice and injustice, racism, violence, economy, ecology and much more.

Among the testimonies is the impressive account of the poet and translator Virna Teixeira, a mental health professional in the UK, who was contaminated in her work with Covid-19.

It is interesting to observe how there are, in the various texts, all based on the life experience of each one, without losing sight of the collectivity, concepts that coincide and, others, that are opposed. It is in this non-uniformity of ideas that the whole becomes alive and pulsating, allowing trends and proposals to be identified to be evaluated from the heart and open mind.

The truth can only be spread with cunning. We'll need to learn a lot to survive the surveillance capitalism, at the distance that the masks will impose to us again, without forgetting our duty to keep our sanity sensitive and thinking in obscurantist times.

Injustice has firm steps and as it stands, it will not stay. As educator Paulo Freire said in *Pedagogia do Oprimido*, "it is the encounter in which the reflection and action of its subjects addressed to the world to be transformed and humanized are in solidarity; it cannot be reduced to an act of depositing ideas of one subject in another, nor can it become a simple exchange of ideas to be consumed by the permutants.

Can we wait for the arrival of the Machine of implantation of the notion of group/collective entity, in solidarity with João Moraes? For Julie-Cerise Gay, "As long as there is life, there is hope. As long as there's an idea, there's imagination". As Andreia Azevedo Moreira says, "Art, friendship, love, music, dance, good films, the plays that are kept, sports, laughter, landscapes, timeless books, culture, orgasms: they heal!". Or, on the other hand, as Fiamma Viola and Melina A point out. Sarnaglia, we need to deepen "the search for alternatives that integrate the human being in nature", because this "is the key to building a new project of society, where the infinite accumulation and the production and circulation of goods is not our death sentence".

Read on! Let's read! Let us seek the light, knowing that there is a divine light inside each one of us. Even in the greatest difficulties, we are not alone, because this light keeps us company and is the strength we need to overcome all obstacles. Let us see it and we will see that we can do it differently.

Paulo Branco Lima
Wagner Merije



Retratar a realidade

Resolvi fazer uma pausa do blog enquanto reajustava minha volta ao trabalho. Estava cansada de notícias, da troca de artigos e novas experiências no manejo ao coronavírus entre colegas médicos, de *webinars* e coisas do gênero, que sem dúvida são necessários neste momento. Todos querem tornar-se especialistas em Covid-19, armar-se contra a pandemia. Mas este excesso de informação científica, tanto para profissionais de saúde quanto para o público geral também é prejudicial e pode causar muita ansiedade. Eu me pergunto se não é uma tentativa obsessiva de controlar o que persiste, neste momento, incontrolável. Para alguns torna-se um ritual de TOC, simbolizado pela lavagem excessiva das mãos.

Leio num e-mail do NHS: ‘o que temos neste momento para combater o coronavírus é oxigênio’. Concordo. Outro dia encontrei no Instagram uma foto de uma *drag queen* com um *catsuit* futurista azul celeste, apertando um spray em direção ao céu numa paisagem bucólica. *Miss Oxygen*. Ela me fez rir. Sim, precisamos arejar nossas mentes. A camada de ozônio está felizmente aumentando. Que sirva de exemplo.

Eu trabalho com saúde mental, e também preciso cuidar da minha. Sou humana e saí de uma *season en corona enfer* muito recentemente. Tive sintomas que me assustaram, isolada dentro de um quarto por dias, e cheguei a ligar para uma ambulância. Tive que lidar com outros casos de Covid-19 na família, e dar algum tipo de suporte médico também (sou apenas uma médica). Perdi meu sogro bruscamente para este vírus maldito. Ele era uma pessoa feliz, saudável, fazia muito por sua comunidade e era um marido, pai e avô dedicado. Há pouco mais de um mês pedimos o mesmo prato num

restaurante, quando as primeiras mortes eram anunciadas na mídia. Ele fez um comentário irônico, com o seu senso de humor peculiar. Fazia shows de mágica para as crianças. Agora esse *disappearing act!* Hei de reencontrá-lo um dia escondido dentro do *Musée de la Magie* em Paris com algum truque novo. Coisas que rumino enquanto pedalo para o hospital.

No trabalho anunciaram que teremos que usar uniformes. Camisa polo e calças compridas. As cores serão variadas segundo a função. Para os médicos escolheram a cor preta. Uma espécie de mortalha oficializada, só pode. Como se já não fosse estranhíssimo interagir de máscara com os pacientes numa enfermaria psiquiátrica. Adoro afirmar a individualidade nas minhas roupas. Planejo usar meus turbantes e meus grandes colares e brincos de acrílico com cores bem vivas. Eu não vou aceitar passivamente essa escuridão desumanizante, eu vou rebelar-me de alguma forma.

Ontem vi um programa novo e excelente no Channel 4, sobre como os artistas estão lidando com o isolamento, com o artista inglês Grayson Perry, que é também o crossdresser mais famoso da Grã-Betanha. Ele não estava vestido como seu alter ego Claire. Estava lá como Grayson apenas, com roupas de *drab* sujas de tinta, e durante o programa desenhou sua mulher, e depois pintou o desenho numa prato de cerâmica. Disse que se sentiu vulnerável e fora da sua zona de conforto ao fazer aquele *portrait* em público. O programa teve a participação de artistas diversos do país, todos mostrando *portraits* de quarentena. Grayson Perry dizia como estamos todos feridos, de alguma forma, e precisamos retratar este momento.

A arte é uma garantia de sanidade, como disse Louise Bourgeois, e permite alguma forma de mágica. Nesse momento me sinto vulnerável para escrever um poema, talvez por usar uma outra técnica para escrever poesia, emocionalmente mais laboriosa, mas

alivia-me retratar minha realidade com as palavras. Há muitas mortes e perdas por aí. Precisamos mais do que nunca de um pouco de imaginação e reinvenção para resistir, não podemos deixar que esse vírus nos destrua, que danifique a nossa saúde mental.

Ainda sobre os retratos. Eu estava há pouco admirando no computador um *portrait* recente de um artista do norte da Inglaterra no site da Saatchi Gallery. A tela mostra em primeiro plano uma menina séria e andrógina, de cabelos escuros e curtos, e um misterioso cobertor colorido ao fundo (seria um objeto transicional deixado para trás?). Eu gosto da expressão desta menina, da força do seu olhar. Das discretas pinceladas de dourado no céu, das pequenas áreas luminosas no seu rosto. Uma espécie de jovem *anima alquímica*, desafiando enigmaticamente esta crise. Senti uma espécie de alento esta manhã.

VIRNA TEIXEIRA nasceu em Fortaleza, Ceará, Brasil, em 1971. É poeta, tradutora e editora. Tem vários livros de poesia publicados no Brasil e exterior. Prepara o seu primeiro livro de contos. É médica, vive em Londres e trabalha com saúde mental no NHS. Contaminou-se no trabalho com o Covid-19, como tantos outros profissionais de saúde, e criou o blog 'Escritos de pandemia' para relatar suas experiências e observações sobre a crise do coronavírus.



Buraco Negro

ao jeito de BB

Ainda estamos vivos
no bairro de onde não saímos.
O sol queima
sem a dor da noite. Que esplendor !
A chuva rítmica
sob os cobertores
de tamborilar
a língua
como é benquista.
E é isso que conta
ou que canta.

Alguns bisavós andam por aí
completos
incomensuráveis
como quando não havia
grandes novidades
na música e no mais
da calmaria.
Mas têm falta de ar e couves
em altos quintais
suspensos e perfumados
pela tuberculose.

Os pais dos ancestrais
já não moram cá
e ninguém ilustrou
os seus olhos delicados
no murro da memória.
Cortamos as mãos às biografias
e nada acontece.
Apenas alguns retratos
esvaídos em cinzento
e o sorriso do foguetório ritual.
Não queremos não
não queremos
mas aqui na margem insistimos
sentados
a tarde inteira
a vida toda
sem remédio.

Seguimos sem saber.
Ninguém no outro lado sabe.
A vizinha portanto
não sabe
porque de súbito chora.
Esqueceu tudo lá atrás
e agora sozinha
pensa mal. Não pensa
mesmo nada.

Ninguém se aproxima devagar
com muito medo de chegar.

Não há ruas. Já se sabe
mas pouco importa
porque a intriga se repete
sem intriga.
O zero existe. O nada não.
Não há ninguém. Apenas médicos
e engenheiros mentais.
Não há nada.
Mas o zero existe
igual
ao infinitamente nada.

Apenas palavras lentas
e flores de circunstância
desfolhadas sem nexos.
Como um filme negro
infinitamente branco.
Como a garganta com musgo
e os olhos moídos
como vidro
ou como se a terra apodrecesse
comovida
pela lancinante levadeza.
Morrer só
de só morrer
e mais nada.
Nada mais.
Mas os netos ? Será que escrevem ?
Tenho muitas dúvidas.

A ave que voou do egito
pernoita
e não vai a bar nenhum
há quanto tempo
porque ninguém vai.
Perdeu a noção de ser
e nunca mais se levanta
nunca mais
das colheitas do alentejo.

Não vamos a rio nenhum
sem saber se há turismo.
Não digas nada ao Edgar
absolutamente nada
a esse grande filho de uma cadela !
Sujeito perigoso de todos os poemas
que serve apenas ao poder
de abocanhar
o nosso desejo
a desejar.

Vamos ao egito piramidal
vamos ao egito.
Vamos lá desanuviar
com chuva ensolarada
e felinos negros
ancestrais.
Vício das maravilhas
vírus da vida à luz do nilo
que o buraco negro inspira.
Vamos lá sair daqui.

Coimbra, Vale das Flores, maio/junho de 2020.

PIRES LARANJEIRA (n. em 1950, em Melgaço, Portugal, mas foi criado em Rio Tinto e no Porto). Foi militar em Angola e viveu também no Brasil, países que o marcaram profundamente. Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Dedicou sobretudo à área de Literaturas e Culturas Africanas em Português, durante cerca de 47 anos, com extenso trabalho universitário e de intervenção cultural. Desde 1965, publicou centenas de textos científicos, culturais, jornalísticos e literários. Foi crítico literário dos jornais *Diário de Luanda* e *A Província de Angola* (1972-74), *África* (Lisboa, anos 80) e *Jornal de Letras, Artes & Ideias* (Lisboa, 2002-12). Escreveu mais de 450 verbetes literários. Coordenou duas coleções de ensaios e de ficção brasileira. Foi jornalista em Luanda (1974) e no Porto (1979-83). Expôs alguma fotografia e desenho e ilustrou capas de livros e cartazes, integrou júris literários e o júri do último Festival da Canção de Luanda (1973), entre muitas outras atividades culturais. Publicou uma dezena de livros sobre literaturas africanas e as seguintes recolhas de poemas: *Vinte e seis poemas iniciais* (1971), *As portas do corpo* (1980), *As figuras de estilo e outras figuras* (1990), *Máximas mínimas e outros textos* (2003) (com o heterónimo de Suffit Kitab Akenat, ed. brasileira e portuguesa), *Vã poesia* (2005, folheto) e *O vento que passa* (2013). No prelo: *Amor e consequência* (2020, folheto) e *Erótica mínima* (2020).



Propostas antigas para o mundo de sempre

Um dia os humanos olharão para o ano de 2020 com a mesma banalização com que hoje falamos sobre a dizimação dos índios na América do Norte, corria desalmadamente o século XIX, cunhado na História como Século das Luzes. Encandeantes, em alguns casos, como se vê. E, contudo, não foi assim há tanto tempo. Tendemos a integrar cataclismos e tragédias numa régua de tempo asséptica e geometricamente igualitária, transformando em certezas colectivas alojadas no passado o sentir e o duvidar que já foram condimentos do presente.

Quando era criança, nas folhas de avaliação a diversos aspectos surgiu um campo cuja descrição sempre me fascinou, ao ponto de quase fixar o texto: “aplicação dos conhecimentos adquiridos na resolução de novos problemas”. Depois percebi que a pergunta, em si mesma, é uma quase simbólica metáfora da existência humana, dos procedimentos com que afluamos o conhecimento, desde os tempos em que um dedo dobrado era o desafio máximo, a luz do fogo nos Prometeu um destino infinito ou uma forma circular questionava os limites e significado do esforço de Sísifo.

Quando se pedem prognósticos sobre um futuro para a Humanidade, arrisca-se a considerar as alterações sobre aquilo que conhecemos à luz do que nem sonhamos. Não há muitos meses, o discurso corrente e dominante apelava a menos tempo passado frente ao computador, à necessidade de passarmos mais tempo com amigos e familiares, a um desfrutar de possibilidades algo esquecidas do quotidiano generalizado. Com o eclodir da pandemia, assistimos aparvalhados – lamento a coloquialidade do termo, mas será a forma mais adequada para manter uma coerência e honestidade

narrativas – a um apelo generalizado. Não tocarmos uns nos outros, não estarmos uns com os outros, não partilharmos espaço, refeições, abraços e beijos sequer – manifestações que desempenham um papel insubstituível na actividade afectiva dos seres humanos e, conseqüentemente, no seu equilíbrio emocional e intelectual. Na sua saúde, portanto.

Pedir propostas para um novo mundo não é mesmo que pedir novas propostas para o mundo que conhecemos, mas nem o mundo que conhecíamos regressará ao nosso convívio, nem nós seremos como éramos, mesmo quando tentarmos regressar ao mundo que já não existe, mas que buscaremos ainda durante algum tempo. Confusos? Estamos, pois, não é todos os dias que nos convidam e nos apadrinham a um encarceramento maciço (e todos se lembram como convém aceitar um convite feito pelo padrinho).

Consultei um dos oráculos de que dispunha. Desapegado de alguns pertences apenas adquiríveis fora de casa, distinguindo entre os fios de uma teia (não confundir com um ateu) de aranha, alguns dotados das Propriedades Intrínsecas à Adivinhação dos Futuros Incrustados Naturalmente Ocasionalmente (também designadas em meios frequentados por iniciados como PIAFINO), optei por uma rápida consulta caseira, concluída depois com um pano cor de laranja. Aqui ficam algumas das disposições fornecidas, após tradução e desinfeção.

Máquina de implantação de noção de grupo/ entidade colectiva

– de cada vez que telefonar para um serviço de atendimento, perguntar ao segurança de uma grande empresa ou necessitar de uma informação sobre como preencher um documento estatal, nunca mais vai escutar clássicos como “isso não é comigo”, “não faço a mínima ideia”, “isso é com o meu colega... só entra às três”, “pois, isso, já não sei...” ou o especialíssimo “não faço ideia... isso é com elas... passar chamada? Tem de desligar e voltar a ligar...!”

Noções de humildade intrínseca – de cada vez que alguém morrer, as redes sociais vão apagar todas as referências na sua página; todas as fotos do seu disco rígido onde essa pessoa surge; todas as histórias que permanecem na sua memória, vividas em conjunto; todos os elogios que lhe forem feitos nas 48 horas seguintes. Perdurará apenas na memória humana, individual, colectiva, aquela a que tiver direito por conquista própria.

Abelhas dotadas de inteligência artificial e discernimento acoplado – preparadas para picar cada escritor, músico, actor, pintor, escultor, e outras variantes, que apregoar a inutilidade da comercialização da arte, porque, afinal, os valores estéticos mais criativos apenas dependem da verdadeira essência e da mais profunda entrega ao exotismo mais extremado, embora, simultaneamente, disponha de apetecíveis contratos com entidades estatais (quanto mais conservadoras, melhor pagam), uma ribalta patrocinada, heranças apaziguadoras e outras ferramentas diletantes.

Posso dizer-vos que estava animado com a pesquisa e continuaria por ali mais umas horas, se não tivesse acontecido algo de inaudito, termo muito em voga nos escritos banais, como este se revelará gradualmente. A campanha tocou e quando atendi, a voz do outro lado do intercomunicador fez-se ouvir através de um conjunto de palavras incompreensíveis, remetendo para uma linguagem diferente de tudo o que já escutámos, mesmo nos exercícios sonoros mais experimentalistas.

A única solução foi recorrer ao Túnel Cognitivo, o aparelho religiosamente (res)guardada há muito e cuja necessidade de utilização só poderia querer dizer uma coisa: era chegada a hora de dar início a uma segunda fase da minha tarefa, preparada durante tempos de difícil medição. Activei o canal que me apareceu mais adequado,

mas, mesmo assim, não foi imediatamente possível entender os sons que me chegavam, emitidos pelo meu inesperado visitante. Optei por conjugar dois canais em simultâneo, atravessando cada parcela sonora por filtros especiais e, ao fim de algum esforço, consegui extrair uma mensagem eficaz que me fez descer rapidamente até à rua.

Alguns vizinhos conhecidos e uma outra pessoa cujas feições me pareciam indiferenciadas passavam pela rua, várias delas com a indispensável máscara, muitas com o modelo standartizado que evoca a dimensão médica da situação, outras com modelos personalizados, cuja ilustração ajuda a passar os dias.

Acordei subitamente. Estranho sonho. Dei-me conta de como o cansaço destes dias funciona de uma forma diferente. Não é uma fadiga pelo que fizemos, mas uma fadiga pelo que ficou por fazer. Sentei-me um pouco a descansar, pensando no desafio que me foi proposto, e o sono completamente desgovernado que impera por estes dias fez o resto. Recordo-me de olhar para o raio da discreta teia de aranha que está a surgir ao canto do tecto, pensar que tenho de arranjar um escadote e, pouco mais. Uns minutos a sono solto que me apareceram horas quando voltei a abrir os olhos.

Propostas para um novo mundo. As ideias surgem enviesadas, não sei se ainda é fruto do sono, mas, quer-me parecer, as sugestões que possam fazer sentido prendem-se com problemas que já cá estavam. Durante a pandemia falou-se um pouco sobre a infoexclusão, a reboque das crianças que estariam com problemas no acompanhamento das novas exigências da aprendizagem, visto que não terem acesso a um computador. Poder-se-ia juntar a isso as famílias em que um ou mais adultos, estando em tele-trabalho, teriam o seu computador agora partilhado com os desafios escolares da prole. E, será que todos os idosos aderiam sem problema aos pagamentos pela Internet? Ainda há pouco mais de um mês os via nas dependências bancárias a solicitar ajuda para actualizar a caderneta...

No que respeita aos rendimentos, então, a coisa foi gritante. É fácil de desmontar a falácia do “vamos todos ficar bem”, basta fazer algumas contas básicas para perceber que em algumas remunerações, estar dois meses sem receber significa uma quebra nas extravagâncias; noutras, é um bilhete expresso para a penúria mais real e devastadora, num país onde se insiste em promover campanhas a favor da poupança junto de uma população que luta para que o seu salário atinja o final do mês. Os recibos verdes e a fragilidade de quem os passa, os vencimentos pagos na clandestinidade da ausência de recibos, a penúria do ordenado mínimo que à mínima redução causa um rombo devastador e acelera um naufrágio abutre que sempre navegou à vista de todos. Os que arriscaram montar estruturas e lançar alicerces mais fundos, hoje com a responsabilidade de alguns outros vencimentos associada ao seu próprio sucesso.

Num outro quadro, a questão da sobrelotação de alguns supostos estabelecimentos “hoteleiros” (não esquecer as aspas), desencadeada pela descoberta de imigrantes infectados também não é uma invenção do vírus, é um elefante-em-loja-de-porcelana que já por aí abanava a estrondosa cauda, perante uma audiência politicamente surda. As casas diminutas onde habitam famílias inteiras e uma quarentena inesperada só poderia ser devidamente cumprida na escada do prédio. Ou na varanda, quando haja.

Deixo para encerrar esta rapidíssima reflexão as questões “macro”, como hoje se diz. Haverá mais solidariedade, depois do vírus estar controlado e reduzido a umas páginas de enciclopédia, meia dúzia de filmes de época e um ou outro livro de poemas que consiga seduzir algum editor perseverante? Haverá uma maior noção de que todos partilhamos o mesmo planeta e a velhinha teoria das asas da borboleta é muito mais que uma simples imagem simbólica?

Se a disparidade entre os comportamentos de algumas figuras de proa no xadrez político internacional já deixa antever que o ancestral egoísmo humano está bem entregue e recomenda-se, outras tantas iniciativas nascidas da fúria dos dias espelham a dimensão solidária que, igualmente, integra as valências da Humanidade, cozinhada com as mais exóticas especiarias espirituais e éticas, oscilando constantemente entre uma matriz internacional (ou global, como é da praxe grafar) e as contingências dos sabores locais.

Esse tal “novo mundo” não será mais que a continuação deste, com actores moldados no mesmo barro, apesar das vestes e da linguagem sofrerem regularmente a integração de ficheiros de actualização, a fim de – quase todos – podermos tirar partido das mais recentes funcionalidades. Qualquer proposta de fundo para a realidade emergente, não poderá deixar de integrar todas as reivindicações antigas e insatisfeitas que testemunham a desigualdade, a originalidade, a ambição, o acanhamento, a criatividade, o atavismo, a solidariedade, a ganância, a cegueira, a antecipação, e tantas outras características que asseguram a nossa condição: humanos.

Para uma coisa, estou certo, este novo desafio serviu. É difícil negar a importância daquilo que não conseguimos, felizmente, sintetizar, seja através de aplicações informáticas, alimentos mais ou menos inventados e outros sucedâneos. Falo dos afectos, da convivência com outros seres humanos, a noção do valor do toque físico, numa amplitude que vai da festa que fazemos inconscientemente a uma criança, um progenitor, do abraço que damos sublinhando a fraternidade da existência, o beijo que liberta elementos químicos, ao mais impúdico contacto sexual.

A principal proposta para os dias que nos esperam talvez seja que os sentimentos e gestos mais antigos da Humanidade não se deixem mecanizar e ultrapassar por uma visão pós-moderna da sua

funcionalidade, reconhecendo que é na sua simplicidade e naturalidade que reside toda a sua força, a garantia de, seja qual for a arquitectura social e produtiva que adoptemos, continuemos HUMANOS. Também nós, cada um de nós, vai tecendo, com o afincos possível, uma teia discreta, translúcida, frágil, capaz de inspirar, nos outros, propostas constantes, para o novo mundo que é o mundo de sempre, renovado a cada instante, ultrapassando fronteiras que, tantas vezes, só discernimos depois de as ultrapassarmos.

JOÃO MORALES (n. Lisboa; 16-06-1970) começou no jornalismo em 1993, no Diário de Notícias. Escreveu no Correio de Domingo, A Capital, Gazeta de Lisboa, Meios & Publicidade, Media XXI e Os Meus Livros, que dirigiu. Foi colaborador da revista Time Out (2016-2018). Programou o ciclo Confesso que Li (Almada; 2014-2017). Programa o festival Livros a Oeste (Lourinhã) e o ciclo Viver (com) a Escrita (em Santiago do Cacém). É um dos organizadores do Fórum Fantástico. Criou o ciclo Recordar os Esquecidos (2015-2017, na Livraria Almedina do Saldanha), o projecto Literatura – Língua Comum, para o Programa Escolhas (2013) e integrou o Júri do Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca (2012-2017). Integra espectáculos de poesia musicada e desenvolve actividades culturais em escolas, bibliotecas e outras instituições.



Reflections on time in the days of a Pandemic

[...] em lugar de reconhecer-se uno e inteiro na sucessão dos instantes, se encontrasse repartido ao longo da duração destes últimos dias, da duração psicológica ou subjectiva, não da matemática ou real, e com ela se contraísse e dilatasse. Sou definitivamente absurdo, repreendia-se o Sr. José, o dia já tinha vinte e quatro horas quando foi decidido que as tivesse, a hora tem e sempre teve sessenta minutos, os sessenta segundos do minuto vêm desde a eternidade, se um relógio começa a atrasar-se ou a adiantar-se não é por defeito do tempo, mas da máquina, o que eu devo ter, portanto, é a corda avariada. A ideia fê-lo sorrir frouxamente, Não sendo o desarranjo, pelo menos que eu saiba, na máquina do tempo real, mas na mecânica psicológica que o mede, o que eu deveria fazer era procurar um psicólogo que me reparasse a roda de escape (Saramago)¹

In 2000, I traveled to Portugal to give a workshop with my Portuguese friend Filomena, at a conference of Christian women from all over Europe in Porto. On my way, I made a regular stop in my favorite city, Lisbon. I bought Saramago's book "All the Names" that the epigraph was taken from and sank into reading it in the hotel room. I remember reading and shedding tears. I was sure this book was a kind of saying farewell to the world (gladly, Saramago lived another ten years and died in 2010).

A phone call to my hotel room from the translator of his books into Hebrew told me that Saramago would be in Lisbon the next day and he asked to meet me (he already knew I was researching his work). A good friend of mine told me I must postpone my flight to

¹ Saramago, José (1997), *Todos os Nomes*, Lisboa, Caminho. P. 180.

Porto, saying: “you know, Saramago is not so young, you can’t lose this chance to meet him.” Of course, I stayed and experienced my first of many encounters with the author of my life journey.

Well, this incident of the past made me think about time, about the several times I met Saramago, and what he would say if he were still alive in this pandemic time.

In an era when human rights are daily talked about, I wonder what makes people change their minds. Does biological age have meaning? What influences the change of opinion? How does an ideologue change his mind, if at all?

We live in a continuous present, not in ‘mathematical time’ because we have the feeling it “disappeared” during this time. But in the psychic time (*tempo da alma*), in the psychological time, like José, Saramago’s hero in “All the Names.” What does loneliness do to humans? José is busy with the collection of cards of important people he finds in the Central Registry where he works. A lonely man who is alienated to himself his surroundings until an anonymous woman’s card falls into his lap and push him out of his home shell to look for her.

I feel like I’m living in a bubble, a bubble that keeps me from meeting my children and grandchildren, but makes me enjoy every moment of meeting friends (zooming, of course), which allows me to learn something new every day. For myself, for others, for the world, and especially for the passing of the time which does not stop to “ask” me what I think of it?

Is chronological age a component of our view of the time these days? Or our viewpoint on life is a whole set of education and experiences we have throughout life. The preoccupation with death as a threat to human existence is widely found in Western literature. We can find it in the works of Tolstoy, Dostoyevsky, André Malraux, Albert Camus, Kafka, Rilke, and many others.

The point of view of South American writers such as Garcia Marquez or Jorge Amado is quite different. These writers dealt with death as a routine. The horror of death disappears when the protagonists live after death, as in Amado's wonderful novella, *A Morte e a morte de Quincas Berro D'água* or in the *Chronicle of a Death Foretold* of Garcia Marquez. In an article "Todos Santos, Día de Muertos" the Mexican poet and essayist Octavio Paz talks about the festivals held to this day in Mexico around death.²

Paz argues that two approaches are referring to death: one that moves forward, which is perceived as creation, the other a return backward expressed in the magic and nostalgia of oblivion. No Mexican or Latin American poet ever came close to these two concepts, except, perhaps, Cesar Vallejo:

Em suma, no poseo para expresar

*mi vida sino mi murete.*³

So, in the end, I can't help but talk about longing, which is also an important component of time. And instead of writing about it, let some poets express the saudades.

2 Paz, Octavio (1991), "Todos Santos, Día de Muertos" in https://www.ingenieria.unam.mx/dcsyhfi/material_didactico/Literatura_Hispanoamericana_Contemporanea/Autores_P/PAZ/Todos.pdf

3 Cesar Vallejo 1980, p. 208 - The poem was written on November 25, 1937 and found in a collection published after the poet's death.

Sentimento urgente

Clarice Lispector

*Saudade é um pouco como fome
 Só passa quando se come a
 presença
 Mas, às vezes, a saudade é tão profunda que a presença é
 pouco
 Quer-se absorver a outra pessoa
 toda
 Essa vontade de um ser o outro para
 uma unificação inteira
 É um dos sentimentos mais
 urgentes que se tem na vida.*

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,

Álvaro de Campos

*Sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo
 Espécie de acessório ou
 sobressalente próprio
 Arredores irregulares da minha
 emoção sincera
 Sou eu aqui em mim, sou eu
 Quanto fui, quanto não fui, tudo isso
 sou
 Quanto quis, quanto não quis, tudo
 isso me forma
 Quanto amei ou deixei de amar é a
 mesma saudade em mim...*

MIRIAM RINGEL holds a Ph.D. in the Program for Hermeneutics and Cultural Studies at Bar-Ilan University, Israel. The subject of Dissertation: Textual Experiences as Denoting Subjectivity in José Saramago's Work. Dr. Ringel holds an M.A. in Comparative Literature from Bar-Ilan University, Israel, and was the Head of Literature Studies in Ort – Colleges & Schools for Advanced Technologies & Sciences (1991-2007). Dr. Ringel speaks Hebrew, English, French, and Portuguese and has passive knowledge in Spanish and Italian. Her first book was published on 2009, in Hebrew – *Viagem na Senda das Vozes – A Obra e a Vida de José Saramago*, (Journey Following the Voices – *Life and Work of José Saramago*, Carmel Publishing House, Jerusalem, Israel. The book was published with the support of José Saramago Foundation, Portugal). Her second book was published in 2015, following her Ph.D. thesis with the title: *Moral Imagination in José Saramago's Work*. Carmel Publishing House, Jerusalem, Israel.



As últimas coisas

These are the last things.

One by one they disappear and never come back.

Paul Auster

Marcia Langfeldt

Diante da vertigem que acometeu pessoas no mundo inteiro, obrigadas a se encavernarem em seus lares, junto a familiares próximos ou mesmo solitariamente, foram surgindo citações diversas de filmes e livros que traziam uma realidade similar à desta pandemia de 2020. Da ficção científica a obras de conteúdo religioso-espiritual, as redes sociais e a imprensa apressaram-se em divulgar narrativas em que o mundo é devastado por uma epidemia incontrolável e letal. Com efeito, algumas destas obras apresentam um conteúdo extremamente realista, inclusive pelo fato de se terem contratado especialistas em epidemiologia para contribuir na realização das mesmas. Este é o caso do filme estadunidense *Contagion* (2011), que se tornou o *blockbuster* do confinamento, devido a uma impressionante precisão de detalhes que o aproximam dos acontecimentos causados pelo Covid-19. O filme gira em torno de uma epidemia surgida na China, provavelmente originada em morcegos, que assola todos os países do mundo, obrigando as populações a se refugiarem em casa. Apenas para se ter conta do grau de verossimilhança do filme com a nossa realidade atual, em dado momento, há falta de papel higiênico e bactericida para as mãos, por exemplo.

Contudo, um dos principais médicos que prestou assessoria aos realizadores da obra, assumiu recentemente em [entrevista à rede ABC News](#) que toda a equipe de especialistas que contribuiu nesta produção não previu algo muito importante ocorrido durante esta pandemia de 2020: o não cumprimento por boa parte do público

das prescrições dos cientistas. Isso porque, a despeito da extrema acurácia científica da ficção que se tornou realidade, é necessário admitir que especialistas em vírus e bactérias nem sempre são bons intérpretes da alma humana. Isso é a esfera principal da literatura. Portanto, para conceber propostas novas para um mundo novo, que é o objeto deste artigo, é necessário não se esquecer que, se o mundo é novo, a gente que o habita não o é e torna-se imprescindível verificar este aspecto.

Um destes casos é a peça do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen, *Um inimigo do povo* (*Em folkefjende*), de 1882. A peça narra a história de um médico de uma pequena cidade-balneário da Noruega, que pesquisa as causas de uma estranha doença manifestada em alguns pacientes. Ele descobre então que as águas da cidade, principal atração turística e, portanto, fonte de renda da população, estão poluídas. Entretanto, o tratamento das águas implicaria no fechamento do balneário por dois anos, o que prejudicaria a economia local. Assim que o médico Thomas Stockmann divulga este fato – uma questão científica, simples e inquestionável – as pessoas não o aceitam e o drama de Ibsen vai mostrando como o cientista passa a se tornar, pouco a pouco, o inimigo de todos. O médico Stockmann não desiste e continua, até o fim, mesmo hostilizado, a tentar convencer aos outros da verdade. A ideia central de Ibsen é demonstrar que nem sempre a maioria tem a razão, uma incômoda constatação das nossas sociedades contemporâneas.

Contudo, dentro desta esfera de tentar compreender os sentidos humanos diante de uma situação de crise devastadora, não há como não recordar a narrativa *In the country of last things* (1987) do escritor americano Paul Auster, traduzido no Brasil e em Portugal como *No país das últimas coisas* (em 2000 e 2010, respectivamente). Autor de uma obra consistente, Auster é sobretudo o poeta de

um mundo distópico. Suas narrativas se situam principalmente no ambiente norte-americano e, do conjunto, destaca-se a trilogia de Nova Iorque (1985-1986).

Em *In the country of last things*, a narradora Anna Blume viaja até uma cidade nunca nomeada, em busca do irmão desaparecido. Ele havia sido enviado pelo jornal onde trabalhava como repórter para descobrir o que exatamente se passa naquele local, que teve as fronteiras fechadas em função de uma epidemia e, em um curto espaço de tempo, tornou-se uma espécie de fim do mundo. A narrativa se dá a partir de cartas que Anna Blume escreve para um amigo, sem saber se ela conseguirá enviá-las ou se ele conseguirá recebê-las. O leitor acompanha o dia-a-dia da narradora nesta cidade de cadáveres ambulantes, onde a principal atividade dos governantes locais é a coleta de corpos para a incineração em grandes crematórios construídos nas bordas da cidade. Há falta de vários itens, sobretudo alimentos, e as casas e lojas são constantemente invadidas por ladrões.

Algumas coincidências entre este romance ficcional e a realidade atual são assustadoras, como o fato de que os edifícios da cidade perdem a sua função original e passam a ter outros usos. Assim, na narrativa, a biblioteca central vira um condomínio, uma sala de leitura torna-se um açougue de corpos humanos. No que diz respeito ao mundo real durante a pandemia causada pelo Covid-19, como não lembrarmos do ringue de patinação espanhol transformado em câmara funerária durante a epidemia de 2020? Do mesmo modo, pode-se citar diversos estádios esportivos que passaram a abrigar leitos emergenciais. Na Dinamarca, um estádio de futebol foi utilizado por escolas locais durante o processo de reabertura das instituições no país, pois oferecia um espaço mais amplo e mais arejado do que salas de aulas. Uma parte do Central Park, em Nova

Porque, aquele que frequenta o imaginário do mundo inteiro a partir das centenas de filmes ali realizados, tornou-se um hospital de campanha. Vivemos tempos de guerra, tempos das “últimas coisas”.

Entretanto, qual seria o significado desta expressão no romance de Paul Auster, cujo título original, em inglês, faz um trocadilho com as coisas perdidas (*lost things*)? Creio que está aí a chave da obra. Alguns críticos analisaram a narrativa como se fosse uma espécie de retrato da Shoah, ainda que esta menção se dê indiretamente. De fato, o mundo pós-Shoah é um mundo distópico, mas este é um evento de conteúdo histórico-filosófico e a questão de Auster é menos pontual. Em outros termos, o autor deseja averiguar o que ocorre com a alma humana em situações-limite. Obviamente a Shoah é uma situação-limite e, neste sentido, poderia ser associada ao romance.

Entretanto, *In the country...* é também uma narrativa de esperança e está claro que ela reside nestas “últimas coisas”. Anna Blume sobrevive pelo menos até ao final da narrativa, quando ela consegue um modo de sair da cidade. No romance, é subentendido que o mundo exterior não foi afetado pelos mesmos problemas daquele local. E o que fez com que ela conseguisse, não foi apenas o acaso, mas a sua força pessoal, inteligência, capacidade de dar e receber amor e, principalmente, uma persistência impressionante em se manter humana dentro de uma lógica da destruição e do extermínio.

Assim, lê-se em dado trecho do livro, quando a narradora se autoanalisa ao encontrar uma criança morta:

The things before your eyes is not something you can very easily separate from yourself. That is what I mean by being wounded: you cannot merely see, for each thing somehow belongs to you, is part of the story unfolding

inside you. It would be good, I suppose, to make yourself so hard that nothing could affect you anymore. But then you would be alone, so totally cut off from everyone else that life would become impossible. (AUSTER 1987: 19)

Ou seja, diante do insuportável, Anna Blume se nega a deixar de se comover, ela se recusa a se desumanizar e a desumanizar os outros pois, para ela, desligar-se da humanidade tornaria a vida sobre a terra impossível.

Sendo assim, a partir destas duas narrativas é que se pode já agora vislumbrar duas propostas de construção de um novo mundo pós-pandemia: a busca da verdade e a perseverança naquilo que nos torna humanos.

Como estes dois movimentos serão agenciados em cada situação, é precisamente o aspecto de fortes divergências. Porém, há alguns direcionamentos gerais que merecem ser trazidos à luz. Para começar, vamos encontrá-los no epicentro do mal que assola o mundo contemporâneo. Não, não se está referindo à cidade de Wuhan, onde surgiu o Covid-19. Trata-se do jornal *Financial Times*, a bíblia do liberalismo, que tem dedicado espaço a uma série de profissionais de alto nível, para que analisem, dentro de suas esferas de especialidade, como será o mundo pós-pandemia.

Entre eles, está o artigo da economista Wendy Carlin, da University College London e membro da Secretaria de Responsabilidade Financeira do governo do Reino Unido, publicado a 23 de abril de 2020, portanto, em pleno desenrolar da epidemia mundial. Para ela, tal como para inúmeros outros economistas em todo o mundo, uma das principais consequências no nível da governança global, será o de uma guinada à esquerda dentro da dicotomia governo forte *versus* mercados liberais. A economista cita a política

pós-depressão americana de Franklin D. Roosevelt para afirmar que “economias deixadas à própria sorte podem causar estragos generalizados na vida das pessoas e que governos podem promover o bem público” (“*economies left to themselves can wreak havoc on people's lives and that governments can advance the public good*”). A essa altura, não deveria causar sobressalto a ninguém esse tipo de afirmação, mas sim o local onde ela está estampada. Dr. Stockmann, o inimigo do povo, daria seu polido sorriso de aquiescência.

Neste aspecto, note-se o caso de certos países, ao longo destas semanas em que o Covid-19 assolou o mundo, cujos dirigentes, em parceria com seus habitantes, realizaram um trabalho de cooperação, no difícil balanço entre resguardar vidas sem destruir por completo a economia, que resultou em milhares e até dezenas de milhares de vidas salvas. São exemplos como os de Portugal, Alemanha, Austrália, Nova Zelândia e a maioria dos países escandinavos (sendo a Suécia talvez a exceção menos bem-sucedida).

Ou seja: está colocada em relevo desde agora a importância inquestionável do papel do Estado na qualidade de vida dos cidadãos. Além disso, a participação ativa de cada indivíduo dentro da construção de um mundo novo é fundamental. Estes fatos são irrefutáveis e negá-los seria agir como a população da cidade-balneário da peça do escritor norueguês Henrik Ibsen, que preferiram morrer de águas poluídas do que enfrentar a verdade.

Saindo do plano abstrato, apenas para ficarmos em um caso econômico extremamente afetado pela epidemia de 2020 no mercado globalizado de bens e mercadorias que vivemos hoje, abordemos aqui a indústria da *fast-fashion*. É provável que todos os leitores deste artigo (salvo alguma exceção abonada) estejam vestidos neste momento com um produto confeccionado dentro desta indústria. Mas o que é a *fast-fashion*? Trata-se basicamente de uma grande indústria

global de produção de indumentárias consumidas principalmente por habitantes dos países ricos, a baixos custos, confeccionadas em países onde não apenas os salários são mais baixos, mas onde as pessoas sobrevivem dentro de condições de qualidade de vida geral muito aquém do desejável e, eventualmente, do que determinam as leis internacionais.

O próprio *Financial Times* nos informa alguns dados interessantes sobre o assunto, em matéria assinada por Patricia Nilsson e Emiko Terazono, de 16 de maio de 2020, intitulada “É possível remendar a cadeia de produção de 2,5 trilhões de dólares da *fast fashion*?” (“*Can fast fashion’s \$2.5tn supply chain be stitched back together?*”¹). Segundo os autores da reportagem, o fechamento de lojas em Londres e Nova Iorque devido ao corona vírus já causou a falência de dezenas de fábricas em Bangladesh e na criação de pilhas e pilhas de estoque de algodão na Índia. Sim, porque Bangladesh e Índia são alguns dos locais que sediam terceirizados na produção de moda consumida principalmente por cidadãos europeus e americanos. Entre os países que se tornaram importantes produtores de roupas para a Europa e Estados Unidos nas últimas décadas estão, além destes mencionados, Vietnã e Sri Lanka. Com o objetivo de lutar contra o fechamento em massa que tem assolado o país, algumas fábricas no Vietnã estão negociando com os Estados Unidos acordos para a produção de máscaras e, assim, possibilitar a manutenção de empregos. Nestas localidades, não se discute se todas as pessoas devem ficar em casa para se protegerem. Sendo a industrial têxtil uma das principais fontes de renda de Bangladesh, que é o segundo maior produtor de moda do mundo, o governo deste país determinou um *lockdown* geral a partir de março, ou seja, o fechamento de todos os setores econômicos não-essenciais, exceto as fábricas de roupas.

¹ Obs: a leitura deste artigo é exclusiva para assinantes, por isso o link não está aqui.

Nos países acima citados, os empregos não têm estabilidade e centenas de fábricas estão fechando. Na Índia, cerca de 4 milhões de pessoas trabalham na indústria têxtil, sendo a maioria mulheres, e metade deste contingente foi mandada embora até à primeira quinzena de maio de 2020, segundo a associação indiana dos produtores de moda. Em Bangladesh, o prejuízo com produtos já manufaturados e não pagos remonta a US\$ 2 bilhões. Obviamente, estes caloteiros poderiam ser processados internacionalmente. Entretanto, como afirma o diretor da fábrica *Denim Expert* de Bangladesh, Mostaviz Uddin, aos repórteres do *Financial Times*: “se o fizermos, ficaremos conhecidos para sempre como aquele fornecedor que processou o cliente. Seria como desistir do mercado” (Nilson & Terazono, 16 de maio de 2020). Entre os inadimplentes desta fábrica estão a inglesa *Peacocks* e a empresa proprietária da marca *Zara*.

Elizabeth L. Cline, uma pesquisadora com diversos trabalhos sobre a indústria da moda global, afirma que a terceirização permite aos varejistas se distanciarem dos riscos envolvidos na cadeia produtiva, de modo que, legalmente, aqueles operários essenciais à confecção de seus produtos, não são seus funcionários e, portanto, não têm direitos nenhuns a receber, nem por parte deles, nem por parte dos governos onde eles estão sediados.

Entretanto, qual poderia ser a solução para tais procedimentos? Simplesmente que os consumidores parassem de comprar roupas destas cadeias gigantescas, causando assim um desemprego massivo e imediato, como vem demonstrando esta epidemia mundial? Ou talvez, justamente o contrário, que os consumidores afluíssem em massa aos websites destes varejistas pantagruélicos e comprassem o que pudessem, para ajudar a manter empregos? Ou melhor, subempregos?

É mais do que claro que essa cadeia precisa ser interrompida urgentemente, por mecanismos legais internacionais e por uma mudança radical e consciente nos hábitos de consumo dos cidadãos dos países desenvolvidos. Ou seja, este é apenas um exemplo da complexidade da situação da economia global que o corona vírus apenas evidenciou de modo mais contundente. Poder-se-iam citar outros: a produção de equipamentos eletrônicos, como celulares e câmeras, por exemplo. Ou alguém duvida que eu, você e a maioria dos leitores deste artigo não poderiam trocar a cada dois anos de celular, caso eles fossem inteiramente produzidos na Alemanha ou nos Estados Unidos? Um dos primeiros sentidos da palavra consumir no dicionário é destruir (se) completamente. Há uma necessidade de se rediscutir não apenas o posicionamento de cada país de assumir as suas responsabilidades frente aos seus respectivos cidadãos. Mas de repensar de modo global como melhor proteger a humanidade, com instituições de controle e vigilância de atuação mundial e com as universidades e centros de pesquisa de todas as áreas, da técnico-econômica, à legal e, sobretudo, à cultural, que é a esfera de atuação dos pesquisadores que participam deste livro no qual este artigo se insere. O corona vírus nos impõe a urgência do engajamento.

É preciso que todos se envolvam na discussão destas realidades sem exceção e sem melindres de que assuntos de economia ou de relações internacionais não possam ser acessados por pessoas comuns. Enquanto não se abordar estes problemas-chave, será praticamente inviável qualquer possibilidade de construção de um novo mundo, se as práticas de governabilidade e a economia global continuarem as de sempre. São assuntos complexos para os quais se exige união e, acima de tudo, a perseverança.

Assim, retornamos às lições que a cultura nos fornece para um momento desafiador. Anna Blume, a narradora do romance de Paul Auster, nunca abandona a capacidade de espanto e de profunda

empatia com o sofrimento alheio. E essa voluntária opção de permanecer humana é a chave da sua própria sobrevivência.

Por outro lado, no último ato da peça de Ibsen, o médico Thomas Stockmann oscila entre permanecer na cidade de Molendal e enfrentar o ódio de seus concidadãos, ou partir – vejam só – para a América. Naquele período, os Estados Unidos eram vistos na Noruega como a terra da oportunidade e, de fato, muitos noruegueses imigraram para lá, fugindo de uma dura realidade. Ao final, Stockmann decide ficar e lutar pela verdade, porém, desta vez sem ilusões e sabendo que “o homem mais forte é o que está mais só”. (IBSEN)

Esperemos apenas que ele realmente não esteja.

Referências:

AUSTER, Paul. *In the Country of Last Things*. Faber & Faber, Londres, 1987.

CARLIN, Wendy, “Covid-19 is resetting the way we talk about the economy”, in: FINANCIAL TIMES, 23/04/2020. <https://www.ft.com/content/cb827cea-849d-11ea-b6e9-a94cfff1d9bf>, acessado em 15/5/2020.

CHARD-HUTCHINSON, Martine. « Au pays des horreurs d’Anna : In the country of last things de Paul Auster, ou dire la Shoah autrement ». In : Revue d’Histoire de la Shoah, 2009/2, p. 133-148.

IBSEN, Henrik. *Um inimigo do povo*. Lê Livros, <http://lelivros.site/>, acessado em 15/5/2020.

NILSSON, Patricia & TERAZONO, Emiko. “Can fast fashion’s \$2.5tn supply chain be stitched back together?”, in: FINANCIAL TIMES, 16/05/2020. <https://www.ft.com/content/62dc687e-d-15f-46e7-96df-ed7d00f8ca55>, acessado em 16/5/2020.

THE STREAM. “Coronavirus: Is Bangladesh putting its economy before people?”, in: AL JAZEERA, 4/5/2020. <https://www.aljazeera.com/programmes/thestream/2020/04/coronavirus-bangladesh-putting-economy-people-200430180547872.html>, acessado em 16/5/2020.

TORRES, ELLA. “Doctor who consulted on pandemic movie ‘Contagion’ describes parallels with new coronavirus”, in ABC News, 25/3/2020. <https://abcnews.go.com/Entertainment/world-cues-contagion-battle-coronavirus-epidemiologist-consulted-script/story?id=69767855>, acessado em 15/5/2020.

Página eletrônica oficial do filme *Contagion*:

<https://www.warnerbros.com/movies/contagion/>

MARCIA CAETANO LANGFELDT é jornalista, mestre em Língua e Literaturas de Língua Francesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e doutora em Estudos Lusófonos pela Universidade Sorbonne Nouvelle-Paris 3. Atuou como jornalista para a Folha de São Paulo na sucursal do Rio e em Nova Iorque e como relações públicas para múltiplas empresas e instituições brasileiras e internacionais. Reside em Oslo, na Noruega, desde novembro de 2019.



Na cama a ganhar coragem para me levantar, ouço-o baixinho para o tecto: quando saímos daqui?

Dias a ponderar ideias novas para o mundo novo. Ocorreram-me as batidas, pensadas e ditas por sábios visionários. Não enunciou Séneca o que pudesse implicar a humanidade? Adoraria ter respostas-consolo mas as perguntas multiplicam-se como o vírus que nos apartou. Escrevi maldito, retrocedi, apaguei. Porque na não-vida vislumbro possibilidades de reflexão.

Um elemento patogénico desinteressado das competências: elevação, vilezas, omissões, atitudes redentoras. Invade indiferente às obras grandiosas, marcas da nossa passagem pelo planeta, como à devastação que também soubemos inscrever.

Esta forma de existência desprovida, a que nem se pode denominar viva, para a qual somos utilidade, coisa de ocupar e destruir, vem confrontar-nos com a grande incapacidade da História Humana: a discriminação do seu semelhante. Para “Isto” somos um inequívoco hospedeiro global. Não há idiosincrasia que valha, fronteiras, tão-pouco muros, estratos sociais, vestes, línguas, orientação sexual, tonalidades, sentenças absolutistas. Há, porém, diferenças gigantescas no impacto que tem sobre as pessoas, consoante as coordenadas. Os vulneráveis são-no de modo atroz. Os restantes prosseguem providos de oportunidades. Justo? Ameaçados de extinção, concebemos o óbvio?

«Podemos acordar?»

URGENTE ler o «*Ensaio sobre a cegueira*».

É desgosto a impotência. Frágeis: um sopro. Basta o espirro, a mão pousada incerta levada aos olhos, à boca, ao pensamento. E agora? Expiramos exilados dos braços mais importantes? Até quando?

Por que motivo não perecemos, antes de “Isto” se abater sobre todos, de cada vez que escutámos as piores notícias? Os acontecimentos tenebrosos não foram suspensos, por estarmos comprometidos com a sobrevivência. Há um número inconcebível de pares sem-abrigo, sem país ou continente que os acolha, arredados de qualquer gesto-resgate da confortável minoria. Como não vergámos à angústia, por cada desamparado do mundo?

Acordamos no presente em desespero, tentando imitar a rotina de há dois meses. Por que insondável motivo? Por quem, para quê? Recusamos crer que o quotidiano habitual foi interrompido. Se tivermos de ser outros no mesmo corpo? Pisar o mesmo chão sem os sapatos de outrora? Voltaremos a sujeitar os próprios pés àqueles que nos não sirvam? Saberemos andar, enfim, com os alheios?

«Talvez o Amor ao próximo precise de ser inoculado.»

Talvez tenhamos de adoecer com um Amor maior do que o que nos contenta. Sentimento universal capaz de tocar cada humano, independente das circunstâncias. Corações elásticos como estômagos. A propagação dar-se-ia através dos beijos e dos abraços fraternos.

Tardámos.

Pudemos.

Houve o Novembro de um ano passado em que todas as temperaturas estavam ao alcance. Era questão de termos aberto o peito,

sem travões, facilitando o contágio.

«Amaríamos o próximo e pronto.»

«Mesmo o execrável?»

«Sim. Há que ser indulgente, aceitador, até com quem queira matar.»

«Parece um plano bonito. E pô-lo em prática? Como?»

Um filho lembra o pai velho, abusador, pérfido, trancado em casa, no rés-do-chão lúgubre em que se acantonou há anos. Quartel-general para as maldades. Primeiro, pensamentos sombrios. Inconfessáveis. Depois, à medida que o tempo se estende na crueldade que podem ser as paredes, povoam-no ideias de absoluta compaixão, pura vontade de esquecer a violência implacável e perguntar: «está bem? Precisa de alguma coisa?»

Alguém ajude estes filhos a fazerem as perguntas impossíveis.

(Sem julgamentos.)

A certeza de que a morte pode chegar dentro de um abraço ainda se há-de enterrar, profunda, nos instintos. Descoberta a vacina contra o vírus trabalhemos, incansáveis, na que trará a cura para a desconfiança.

No início, a vizinha do terceiro andar esquerdo do número 25 afixou um papel, manuscrito, em que se disponibilizava para ir às compras. Respondeu um que se voluntariou, pondo-se a par. Tocou às campanhas quando arranjou álcool.

«Eis quem se preocupa.»

Comentou a vizinha do primeiro direito retomando uma tarefa a que não atribuía importância.

«O mundo precisa de gestos.»

Retorquiu a do lado, que não se levantara para abrir a porta, mesmo reconhecendo a voz.

Em parte do globo terrestre trata-se de um isolamento com conforto. A ansiedade com o frigorífico atestado e o sol a inundar o soalho?

URGENTE ler «*O Diário de Anne Frank*», «*Se isto é um homem*» e a composição sobre a menina timorense em fuga com a família. Caíra na noite das montanhas e não chorara a sua dor ou o seu susto, para evitar denunciar-se.

«As crianças deste lote riem, choram, gritam, dão cambalhotas e pinotes, esbracejam exuberantes e podem abrir as janelas que dão para a sua cidade de pé.»

«Tudo me atormenta.»

Exclama a resignada do segundo direito, de pernas nuas a nutrir a tez anémica na cozinha, enquanto recorda a reportagem sobre o estado de emergência na Colômbia: uma mãe chora sem lágrimas ao fazer renda, por não ter com que alimentar a descendência no dia seguinte. Impressiona a tranquilidade dos gestos. A dignidade da compostura. O filho brinca com um carrinho, como os meninos de toda a parte a quem põem um brinquedo nas mãos. É a candura na iminência da fome e ainda sabe divertir-se.

«Vi duas borboletas perto do estendal. Nunca tinha acontecido ou falhava reparar.»

«É uma nesga de oceano. Um risco azul intenso a três, vírgula, dois quilómetros de distância. Valerá a pena debruçar-me naquela direcção? Quando é que lá volto a molhar os pés, a cintura e a existência?»

«Levantaria vôo se os firmasse mal nos azulejos?»

«É impressão minha ou está mais intenso o canto dos pássaros?»

Há dias duros, mesmo entre aqueles por quem damos a vida. Minutos somados em que os gritos ganham corpo, a compreensão cede, vence o ressentimento. A subjugação ao amargor.

«De que nos queixamos, afinal, sentados num sofá impecável?»

Inábeis a lidar com os nossos quando o cerco cinge, o perdão lento e árduo: como lidar com estranhos?

«Tudo me rouba o alento.»

«Não subestimes o poder do riso.»

Proferiu, solene, um filho de sete anos, silenciando a rabugice da mãe. Desenhou a esferográfica azul o coronavírus com calças. O mais velho pergunta repetitivo.

«Estás triste?»

«Confirmo. Sustive a respiração perto de outros. Era terça-feira, na mercearia ao fundo da rua. Como foi possível ter permitido o domínio da estupidez?»

«Gostava de ser um pai fortaleza, daqueles que conseguem ocultar aos filhos os desmoronamentos.»

A arte, a amizade, o amor, a música, a dança, os bons filmes, as peças de teatro que se guardam, o desporto, as gargalhadas, as paisagens, os livros intemporais, a cultura, os orgasmos: curam!

«Amiga de infância. Há anos que não nos visitávamos. Parou o carro à minha porta. Telefonou: espreita para nos vermos. Como-veu-me o desvio. Sei o quanto lhe custa o imprevisível. Estive para não atender. Ligar-lhe-ia mais tarde. Fui alegre por não ter adiado, por ter podido vê-la. Desta vez.»

«Não se esqueçam de se agarrarem a essa lista dos inadiáveis! Cumprila-ão mais tarde, claro! Quando? Não sabemos!»

«Nestes quarenta e três dias enchemos duas folhas A4 com lugares aos quais ambicionamos regressar. Experiências imateriais, ainda que tenha o seu custo aceder-lhes.»

«Espero que cheguemos ao outro lado da quarentena do mundo...»

Mente no momento em que o declara.

Morre gente, todos os dias, aos milhares. Já morria antes. Só agora nos deitamos a sofrer?

«O vinho auxilia as noites, por isso bebo mais.»

As palavras.

Vamos todos qualquer coisa.

Agridem os excluídos.

Ideias para viagens: Egípto, Nova Iorque, Perú. Haja *wi-fi* e *youtube* para tanta exploração incumprida.

«Poderemos viajar com os miúdos num futuro próximo? Havia tanto para lhes mostrar. Guardamos a vontade para quando pudermos fazê-lo ou contamos-lhes mil e uma histórias?»

Quanto viveram as irmãs Brontë sem saírem de casa?

Serão importantes as viagens, quando podemos nem sobreviver a “Isto”?

Quão risíveis podem ser os problemas?

«Tenho receio de que as esferográficas acabem.»

«As entregas ao domicílio estão indisponíveis até ao mês que vem. Tens de pôr uma máscara, as luvas e partir. Não toques no teu rosto, nem no de outro homem, por favor.»

Aquele rapaz que faltou à própria festa de aniversário já quer comparecer às surpresas. É o seu dia. Resta-lhe sorrir para o écran.

Crianças e adolescentes têm encontrado os amigos em plataformas digitais. Os seus olhos iluminam-se quando se revêem.

«Dará para fazer lanternas alimentadas a alegria?»

As decisões tomam-se lentas nestes dias estendidos. Aprendemos, impacientes, o desapego à pressa.

Páscoa: os sinos troam jubilosos a ressurreição do senhor em quem a mãe que chora aos soluços não crê. Seca as lágrimas revoltosas e, despreocupada em disfarçar o desânimo, predispõe-se a jogar às escondidas com os quatro filhos, depois de gritarem a ira para dentro das almofadas. Eles riem o desconcerto de serem autorizados a berrar. Ela alivia-se da agonia deste modo tosco e divertido. De-sassombro puro.

Pesadelo: sonhei que te sacrificaste por nós. Havia muito peso lá em cima, o espaço não chegava para todos. Saltaste, começaste a planar. Então, o deus devolveu-te dizendo: «os que vivem bem a vida têm uma segunda oportunidade.»

O sonho de uma criança.

«Sabes qual é a frase que eu mais odeio, mãe? Acabou tudo. Sabes a outra? Nunca mais. Quero descobrir o que vem depois da morte.»

Quanto percebem as crianças se nos propusermos a ouvi-las?
Cuidemos bem do seu espanto.

Enquanto lia «Era bom que trocássemos umas ideias sobre o assunto» dei por mim a repreender as personagens: *o que fazem tão próximos? Longe, por favor! Nova ordem. Pretenderão morrer? Como*

ousam a desobediência? Passearem livres pela brisa da tarde, junto ao Tejo? A literatura a falhar abduzir-me à actualidade. A cabeça-tropeço, equivocada, a acompanhar o corpo-refém. Trinta e seis dias.

«Mãe, não aguento! Quero ir à Rua mas tenho medo de morrer!»

À janela, os vizinhos que não saem há quarenta salivam, observando os pais que descem o passeio com os filhos, trinta e oito dias volvidos.

Há contabilidades irrelevantes.

«Oh pai, a nossa casa é a mais pequena?»

As ditaduras insinuam-se nos pormenores. Identifiquemos os ardis.

Podemos ser matilhas de cães raivosos rasgando carne com as presas, não por fome dela, antes por sofreguidão de destruir. São horas de maldizermos desconhecidos, de darmos azo às ideias envenenadas.

Podemos escolher a posição antes do ataque?

Seria possível estendermos às pessoas de quem nos sentimos distantes, a cegueira de que padecemos quando desejamos, inflamados, outrem?

Tenho sonhado com o primeiro abraço fora de casa, Depois D'Isto (DD). Dizem no telejornal ser inevitável que tarde. Ouço previsões inconcebíveis, principalmente no que respeita aos nossos velhos. Suportaremos, nesse dia, a comoção do período em que fomos castigados pela saudade?

«Acredito. Obedeço. Aguardo.»

Depois de...

«O mais novo mascara-se, encanta com a imaginação. O mais velho põe tudo em causa com um sorriso malandro. Gargalhamos juntos. Fazem tantas perguntas que obrigam a pensar.»

Deveríamos agir, sempre, depois de reflectirmos sobre o modo como uma criança nos pontuaria as frases.

«Pudesse voltar atrás: trocaria o apelo dos miúdos pelo tempo passado a deslizar o polegar iludido?»

«O neto, ao telefone, para a avó: acho que o coronavírus foi o pior que aconteceu ao mundo.»

«Terá sido o vírus?»

Questionou a desesperançada. Pediu à filha que a abraçasse e ela negou-lho a dois metros de distância. Encarava-a quando cumpriu, diligente, as normas da DGS relativas ao distanciamento social. Agir acertada afigurou-se crueza impronunciável. Abraçara-a com os olhos. Percebeu que, apesar da intensidade que depositara nesse olhar, fora insuficiente. A escassez acompanha-a desde o parto, pouco a fazer. As saudades de ambas são as de três dezenas de dias e o corpo fala com as mãos, não com a boca.

«Ouvi a notícia de haver anciãos a abandonarem-se à demência, a entregarem a alma ao corpo gasto, por se crerem abandonados. É terrível, não é?»

«Será mais absurda a tristeza, a fome ou a guerra?»

Temos de inventar vocabulário que traduza os gestos dos quais nos vemos impedidos. Palavras que sejam afagos. Abraço é insuficiente desacompanhado da hipótese de acontecer. Esqueceremos aos beijos os sabores díspares. A cautela invade, insidiosa, o âmago dos vocábulos. Perdemos fragmentos aos significados. A pele sem reciprocidade afigura-se ficção. Por isso nos despedíamos dos mortos com festas. Para afiançar que existiram. Os seus corpos, mensageiros últimos. Isso acabou.

«Nunca mais.»

Frase odiada por uma criança.

«Recuperaremos o sabor da espontaneidade?»

«A partir de quantos dias o isolamento dos mais velhos excederá a medida de protecção, para ser tortura?»

«E se os corações param de tristeza?»

25 de Abril. Algumas pessoas cantam da janela, para os bairros em silêncio, a canção da LIBERDADE. Posicionam-se. Clamam ao que vêm sem vergonha de dizerem o que pensam ou medo de que as venham buscar. Houve presos, torturados e mortos por este direito singelo que não se deve tomar por adquirido.

«Gratidão ainda é uma palavra com alcance.»

A preocupação geral tem sido a de sobreviver à pandemia, mais tarde, será a de não sucumbirmos à hecatombe socioeconómica. O que fazer pelos lugares preferidos?

Livrarias, cafés, restaurantes de bairro, comércio pequeno, independente, teatros, cinema de autor.

Pelos artistas, pelos conhecidos a quem suspeitamos a luta para se manterem à tona?

«Segurança é construir um forte na sala.»

Sofá, cadeiras, todas as mantas inúteis mal o tempo aquece. Cabos de vassouras. Colchões de campismo. Queda para a fantasia. Beber do entusiasmo das crianças. Cabemos?

Como acolher a diferença, obrigados ao afastamento? Ou impedir que nos tornemos mecânicos, organismos inaptos para as paixões, para os afectos, fugindo de comprometer um correcto funcionamento: a existência limpa de infecção. Dói a doença ou o resguardo? Pode a emoção viver desirmanada do toque? O que será de nós, da sensibilidade? Para que servem, hoje, as palmas das mãos?

«Ontem cumprimentei um vizinho desconhecido. Colocávamos molas. Sorri-lhe. Ele voltou para dentro, sem corresponder, com uma rapidez que me fez duvidar da visão.»

«Conheces os habitantes dos prédios contíguos?»

Qual a resposta pretendida?

«Deixem-me rir. Sairmos melhores DD?»

O sarcasmo.

Alcançar um novo mundo? Ainda há o que fazer pelo velho, não? A redundância.

«Era o quinto dia cinzento consecutivo, corremos para a janela mal houve uma aberta. Sentámo-nos. Nada importava mais do que a luz. Começámos a conhecer-nos. Conversávamos.»

Um poeta com apelido de flor espinhosa imortalizou palavras de urgência. Caem como bombas nos nossos colos circunscritos. Há quem não abrace há semanas e quem tenha vivido sempre adiado.

«Qual de vós emendaria escolhas mal feitas? A que preço?»
O sacerdote.

«Onde param as garantias de outrora?»
Os que interrogam o céu, dos seus andares.

É-nos comunicado com enorme compostura que os membros superiores dos entes queridos se encontram transformados em armas silenciosas, por tempo indeterminado. Estamos proibidos, pelo dever cívico, de nos aninharmos neles ou de procurarmos o reconhecimento nos seus hálitos. Compreendemos.

«Desaprenderemos o que nos torna humanos?»
O simples.

«Temo esquecer aquele toque e, então, quem me tocava. Pode a paixão clandestina sobreviver ao afastamento sem prazo?»

Os corações vadios inseguros.

Há gente que se abstém da acidez nos comentários, quando constata o parceiro distraído, apesar do rancor. Quem aguenta o amar domesticado?

Pais crêem no amor dos filhos que lhes abastecem a despensa, porém, com fé cega, já que os gestos são os de agentes comerciais. Depositam os sacos no tapete da entrada, desinfectam as mãos, despedem-se com acenos-cordialidade.

As imagens em ecrãs não chegam, encararmo-nos a um par de metros não chega, ouvirmos vozes não chega. Sem calor, ficamos aquém.

Palavras que sejam afagos.

Reconhecer: somos um, ao frio.

No princípio de Março ao ler os relatos do que se passava em Itália caí com estrondo em mim. A senhora ao meu lado tossia, espirrava para a mão e eu sem coragem de dizer-lhe que não podia agir negligente, que temos de nos proteger uns aos outros. Era o princípio do ódio quando vi um coração gigante desenhar-se nas nuvens.

Empatia. Cuidado com o próximo. Solidariedade. Cooperação. Assim sejam as nossas horas.

Uma prece.

Repeti: empatia. Cuidado com o próximo. Solidariedade. Cooperação. Assim sejam as nossas horas.

«Até que nos possamos abraçar a céu aberto!»

Gritou. Todos, no Bairro, ouviram.

«Deus, a existir, instalado em cada coração!»

Uma prece ao contrário. Na vez de dirigida às divindades, a nós próprios.

«Que a premência seja espalhar o Amor e não, apenas, sobreviver.»

Aplaudimos à janela.

Pode alguém tolhido pelo confinamento ensaiar pensamentos de querer mudar o mundo?

Aponta o indicador na própria direcção e dispara.

Não é uma resposta.

É esperança.

ANDREIA AZEVEDO MOREIRA (1978) nasceu em Lisboa, licenciou-se em Engenharia Florestal e não exerce. Não estudou Letras, mas dedica-se-lhes com paixão. Publicou online até à oportunidade de publicar em papel «Os cães ladram» na antologia «O País Invisível», pelo Centro de Estudos Mário Cláudio. Escreveu os argumentos e os guiões das curtas-metragens «Espelho meu» (2018) e «A Escritora» (2019) em parceria com Hugo Pinto, o realizador. «Pode um corpo morto» (2019) é o seu primeiro livro («Crateras», Ed. Nova Mymosa). Em 2020 o conto «Mar fechado» saiu na grotta – arquipélago de escritores (nº4). Coragem, liberdade e gratidão são três das suas palavras.



Gnōthi seauton: pensamentos e práticas à procura de novas primaveras

Segundo algumas pesquisas científicas, estima-se que entre três milhões até 100 milhões de espécies habitam o planeta Terra - animais, plantas, insetos, micróbios e vermes -, podendo variar para mais ou para menos. O que levou o ser humano a se achar o centro do universo? Quem lhe deu o direito de decidir sobre o fim da vida e a destruição de tudo? Racionalidade ou irracionalidade?

Em busca de respostas para estas e outras questões que me affligiam, resolvi buscar ajuda de um oráculo. As civilizações antigas consultavam oráculos para diversas finalidades: fazer previsões do futuro, para revelar coisas ocultas ou da vontade dos deuses. A palavra oráculo também poderia se referir à própria divindade ou ao local onde a previsão era feita.

Na mitologia escandinava, Odin levou a cabeça do deus Mimir para Asgard para ser consultada como oráculo. Na tradição chinesa, o *I Ching* foi usado para adivinhação na dinastia Shang, embora seja muito mais antigo e tenha profundo significado filosófico.

Dentre todos os que existiram na antiguidade, os oráculos mais conhecidos foram o de Delfos (importante cidade grega, dedicada ao Deus Apolo), os de Zeus (em Olímpia e Dodona) e o de Ámon, localizado no deserto da Líbia.

Para que o devoto que ia consultar o oráculo refletisse sobre sua conduta e se mantivesse na linha, as paredes do oráculo de Delfos foram gravadas com preceitos atribuídos aos sete sábios da Grécia. Eram mais de 140 sentenças, todas muito breves, feitas para serem memorizadas. Incluía recomendações sensatas como “seja

imparcial”, “fale com franqueza”, “escute a todos” e “não dependa da força”.

Três dessas inscrições, por serem consideradas as mais importantes, foram postadas à entrada da morada de Apolo, em caracteres bem visíveis. A primeira era *gnōthi seautón* (γνώθι σεαυτόν), cuja tradução mais consagrada é “conhece-te a ti mesmo”. A segunda, *mēdén ágan* (μηδέν ἄγαν), pode ser lida como “nada em excesso”. Já a terceira tem algo de enigma e foi interpretada de maneiras variadas ao longo do tempo: trata-se de *engúia pára d’átē* (ἐγγύα πάρα δ’ἄτη), que poderia ser traduzida como “uma caução, depois a ruína” ou “fia, e depois a ruína”.

Quanto à primeira, era uma mensagem para o sujeito entender que não era um deus, que tinha os seus limites como ser humano, que era mortal. Era uma frase que exortava à mesura, à contenção de si, à humildade.

Ao consultar o oráculo que me foi possível, a presença divina assim contestou-me:

— O que você busca?

— Respostas para adentrar um novo mundo! - respondi, um pouco apreensivo.

— Sou uma pedra. Estou acostumada a ver de tudo. Algumas histórias me vêm agora à recordação. Nem sei se isso que testemunhei fará sentido para você, mas espero mesmo que sim. Os seres humanos estão confusos, tremem perante os monstros que criaram e parecem não entender de onde vieram, com quem compartilham o mundo e para onde vão. Pois escutem, prestem atenção, quem sabe isso que vos recordarei os ajude a se harmonizarem novamente com a Terra.

Há muito tempo atrás, Aiakos (ou Aeacus), filho de Zeus e Aegina, foi levado pelo pai à ilha deserta de Enone (depois chamada de Aegina) e lá deixado com a incumbência de tudo e de todos cuidar. Antes de partir de volta, Zeus, o deus dos deuses, tentou transformar o filho, um de seus preferidos, em imortal. Porém as Parcas, que representam o destino, o impediram.

Aiakos cresceu e fez da ilha um próspero reino, tornando-se famoso por seu senso de justiça e compaixão, qualidades essas que o fez famoso a ponto de ser convocado em toda a antiga Grécia para presidir julgamentos.

Acontece que quando Hera, a esposa de Zeus, descobriu a infidelidade, enviou uma terrível seca e uma praga que dizimou tudo na ilha. A devastação começou sob um sol escaldante que deixava homens e animais em agonia. Os solos tornaram-se inférteis, os poços e mananciais secaram e a pouca água que restava foi envenenada por milhões de serpentes. A ilha foi se transformando num deserto desolador, até que Aiakos suplicou ajuda a seu pai. Ouviu-se então um trovão e começou a chover na ilha, fazendo cessar o calor e trazendo água pura aos riachos e fontes. Porém, era tarde demais, pois toda a população e os animais tinham perecido. Apesar disso, Aiakos se propôs a recomeçar e reconstruir seu reino, e para isso semeou e cuidou das plantações.

Um dia, sentado debaixo de um frondoso carvalho, Aiakos viu uma multidão de formigas ocupadas com seu trabalho, subindo o tronco carregando grãos. Sozinho, ele desejou intensamente ter uma população na ilha tanto quanto aquelas inúmeras formigas.

De repente, a árvore agitou-se e uma multidão de formigas foi ao chão. Para a surpresa do filho de Zeus, elas começaram a aumentar de tamanho, ficaram eretas e finalmente tomaram a forma humana. Ávidas para buscar seu alimento e perseverantes na conquista de

sua sobrevivência, os homens-formigas ou Mirmidones, saudaram Aiakos como seu rei. Neste instante o coração do monarca se encheu de esperanças, e ele viu seu reino ser reconstruído, tornando-se próspero novamente.

O vento soprou o meu rosto neste instante e por alguns segundos tudo ficou em silêncio. Mas logo o oráculo prosseguiu:

— Feliz, Aiakos casou-se com Endeis, com quem teve dois filhos: Peleu e Telamom. Os Mirmidones ou Mirmidões depois viriam a ser conhecidos com os lendários guerreiros que acompanharam Aquiles à Guerra de Tróia. Embora fossem destemidos e corajosos, sua origem não estava numa raça belicosa e sanguinária, mas na espécie pacífica e laboriosa das formigas, que em grego significa *myrmex*.

O mito de Aiakos serve para refletirmos sobre os tempos de crise que fazem parte da vida, que não costuma ser linear. Há tempos de abundância e mordomias, mas podem surgir percalços arruinando tudo o que se construiu ao longo do tempo. Recomeçar depois de um fracasso exige criatividade e aprendizado com os erros. A grande questão é como nos sentimos e reagimos diante das incertezas da vida. Chegou a hora do ser humano parar de tentar se impor sobre o Planeta e perceber o sentido da comunhão. As misérias da civilização têm desviado a Terra e a humanidade de seu próprio destino num sentido literalmente cósmico.

Brecht foi quem disse que tanto ontem quanto hoje, quem deseje combater a mentira e a ignorância tem de lutar, pelo menos, contra cinco dificuldades. É-lhe necessária a *coragem* de dizer a verdade, numa altura em que por toda a parte se empenham em sufocá-la; a *inteligência* de a reconhecer, quando por toda a parte a ocultam; a *arte* de a tornar manejável como uma arma; o *discernimento* suficiente para escolher aqueles em cujas mãos ela se

tornará eficaz; finalmente, precisa de ter *habilidade* para difundir entre eles.

O retrato que temos mostra um mundo no qual o interesse pelos lucros recordistas se sobrepõe à sobrevivência da própria Humanidade e de todos os ecossistemas existentes, algo que encontra reflexo na negação absurda e chocante, por parte de determinados governos e dos bilionários, dos efeitos do aquecimento global e da necessidade urgente de ações regulatórias que impeçam o sacrifício do Planeta. Hoje, agora, aproveite para parar, olhar ao redor e fazer o seu melhor. E isso não é um desenho animado. Se o ser humano não melhorar em tudo, não vai haver máscara ou remédio que o ajude a respirar.

A ciência emite prognósticos a partir de um acúmulo rigoroso e consistente de dados, modelos e análises das coordenadas do sistema Terra. Esses prognósticos, sóbrios em suas formulações, revelam-se não raro sombrios e assustadores. Isto significa que um aquecimento médio global de 3°C acima do período pré-industrial, que é, mantida a trajetória atual, a mais otimista projeção para este século, significará o fim das florestas tropicais e a conversão em savana do que resta da floresta Amazônica, pela ação combinada de secas e incêndios, com adicional liberação de CO₂ na atmosfera. James Hansen, em 2007, alertava para o fato de que tal nível de aquecimento conduziria à ultrapassagem de pontos críticos no sistema Terra, além dos quais há alta probabilidade de uma transição para temperaturas ainda mais altas.

Talvez seja mesmo muito difícil e penoso para uma parte da sociedade admitir o fracasso puro e simples de nosso modelo econômico e civilizacional. Para muitos, ainda é conveniente e rentável continuar a pensar segundo o paradigma do crescimento econômico e dos “milagres” criados pela revolução tecnológica

permanente a que estamos habituados, desde, pelo menos, o Iluminismo e o advento do capitalismo industrial no século XVIII.

Mas, o que muitos ainda não percebem, é que pela via atual corremos o risco de não resolvermos mais nossos problemas e, assim, não nos aproximaremos mais desses objetivos. Ao contrário, começaremos em breve – na realidade, em parte já começamos – a nos distanciar aceleradamente deles.

Não espanta que, orgulhosa de seus avanços tecnológicos em todas as áreas, inclusive na da medicina, a atual geração nunca tenha imaginado que seria encurralada e ameaçada não pela bomba atômica ou pelas armas químicas dos ditadores, mas sim por uma microscópica proteína coberta de finíssima camada de gordura, um vírus.

Desastres naturais ou humanos não têm só o lado ruim: quando deixam sobreviventes, deixam junto com estes muitas lições. Ao longo da História, impérios nasceram e entraram em decadência. Esse movimento ensina-nos que é mais inteligente investir em educação e solidariedade para que possamos sobreviver em qualquer cenário.

Mahatma Gandhi acreditava que o que destrói a humanidade é a política sem princípios, o prazer sem compromisso, a riqueza sem trabalho, a sabedoria sem caráter, os negócios sem moral, a ciência sem humanidade e a oração sem caridade. E todas estas questões estão aí para serem discutidas, como a questão da acelerada reprodução humana e suas consequências.

Está patente que precisamos retomar uma educação mais humanista e com ética: formar mais educadores, mais médicos, mais jornalistas, mais juristas e mais “cuidadores” com compromisso com o coletivo e o público e com a proteção dos ecossistemas e outras formas de existência.

Por isso, evoco as Tribos da Sensibilidade. “Que nada nos limite. Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja nossa própria substância”, como propunha Simone de Beauvoir. Albert Einstein, quando cravou que “a palavra progresso não terá sentido enquanto houver crianças infelizes”, sabia, tal como Martin Luther King, “que a injustiça num lugar qualquer é uma ameaça à justiça em todo lugar”.

O modo pelo qual mulheres, negros, indígenas, refugiados, ciganos e outros oprimidos ainda hoje são tratados nas vastas latitudes e longitudes do Planeta Terra causa repulsa, apenas reafirmando que a submissão do Homem pelo Homem e do gênero masculino sobre o gênero feminino vêm de longe.

Sob a triste luz deste século, nas práticas cotidianas ainda se percebe uma monocultura mental que atribuiu à mulher o estatuto de segundo sexo, passivo e à disposição dos homens. Em simultâneo, o eurocentrismo atribuiu aos não-europeus a tarja de cidadãos de segunda classe. Esta realidade reforça os abismos criados entre vida e economia, entre o trabalho e os modos de vida, entre as mulheres e os homens, entre os europeus e os não-europeus. Por trás disso está entranhado o patriarcado e o colonialismo e suas garras repugnantes.

Abre-se hoje em dia, sem dúvida, uma nova era de desafios importantes e sérios que as democracias terão de enfrentar, provavelmente durante umas décadas. É inegável que a globalização liberal, posta em marcha no final do século passado, entrou numa fase crítica devido à sua clara e consciente desregulação caótica, responsável por suas contradições atuais.

A busca de um novo equilíbrio eco-econômico-social planetário é, portanto, imprescindível. Enfrentar o desafio deste novo período exige imperativamente que as democracias encontrem modelos econômicos e sociais que apostem, de forma efetiva, na

eliminação da grande brecha atual da desigualdade, e fortaleçam o respeito mútuo e a solidariedade.

Charles Chaplin, em “O Grande Ditador”, lembrou-nos que “nós desenvolvemos a velocidade, mas nos fechamos em nós mesmos; que as máquinas que produzem abundância têm-nos deixado na penúria; que o aumento dos nossos conhecimentos tornou-nos cépticos, empedernidos e cruéis”. É verdade que pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que tudo, precisamos de inteligência, bondade e compreensão. Sem essas virtudes, estaremos todos perdidos. If we can fund a war, why we can't feed the poor? Luto é verbo e sentimento.

Haverá neste mundo lugar para todos? Como disse Hakim Bey, “quando a vida social da terra for harmonizada, nosso planeta voltará a ser incorporado no universo da Paixão e serão experimentadas vastas transformações na forma do corpo humano, no tempo atmosférico, nos animais e nas plantas, e mesmo nos oceanos”.

O certo é que estamos em uma jornada. A nossa bagagem é o que nós somos, o que nos foi dado como herança cultural e toda a harmonia que fomos capazes de gerar. As lembranças serão melhores ou piores, dependendo de nosso agir. Bom seria que lembrassem dos humanos assim: E fizeram novas escolhas. E sonharam com novas visões. E criaram novos modos de vida. E curaram-se e a Terra curou-se completamente.

— Será que atingiremos esse nível de maturidade? - perguntei.

— O mundo é novo todo dia. E isso é um mistério. Mas também nada é igual e não será como antes. Nenhum de nós é igual ao que foi antes. Com o Cosmo e as suas leis temos uma dívida de gratidão. Os vírus estão a explicar-nos isto, com um grande custo.

De repente, a voz do oráculo ficou ainda mais gutural, quando falou assim:

— Pensamentos exigem Práticas para Novas Primaveras, e eis aqui algumas sugestões:

HARMONIZAR OS ESPÍRITOS

É necessário proteger e respeitar todas as existências, todas as formas de vida animadas e inanimadas, todos os ecossistemas: sem isso não haverá equilíbrio nem paz.

CO-EXISTIR

Temos que partilhar a responsabilidade e o sentimento de que o destino não é só individual, mas sim que todos à nossa volta dependem das nossas ações. Valorizar a solidariedade vai de encontro à reciprocidade, ao sentido de pertença a uma comunidade. Temos que cuidar para que cuidem de nós.

DISSEMINAR CONHECIMENTO PARA MELHORAR O NÍVEL DE COMPREENSÃO

Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda. Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo. Cada um de nós é um ser transformador, como foram e são muitos de nossos professores e professoras. As palavras de Paulo Freire aqui ecoam, pois aprender não é um ato findo. Aprender é um exercício constante de renovação. Portanto, partimos da premissa de que o conhecimento emancipa os cidadãos e cidadãs e esses

ganham condições de colaborar para a emancipação do coletivo. A educação necessita tanto de formação técnica e científica como de Humanidades, sonhos e utopias.

REAFIRMAR AS ECO-HUMANIDADES E CULTIVAR A ARTE E A CULTURA

Mais do que nunca as Humanidades precisam estar em contato constante e direto com a realidade, centrando a sua atenção numa cosmovisão. As Eco-Humanidades são fundamentais para construir uma política com mais empatia ecológica, com maior consideração (mas não só) pela ecocrítica, eco-poética, bio-semiótica, ecolinguística, ecotradução, pelos ecofeminismos e por uma sociedade mais igualitária, justa e sustentável. Temos de nos valer da arte e da cultura, que devem receber o tratamento devido. Muito longe de estar descolada da realidade, a arte é capaz de desvelar o mundo de novas maneiras, apresentar-nos possibilidades, interpretações pessoais e plurais.

REPENSAR A SOCIEDADE DO CONSUMO

A segunda inscrição na entrada do Templo de Delfos — nada em excesso — não impregnou o pensamento ocidental de maneira tão rica, mas é ainda assim um conselho sábio, a que deveríamos prestar mais atenção. Esse preceito, atribuído ao célebre legislador ateniense Sólon, é uma das consequências lógicas do autoconhecimento: se sei quem eu sou e o que vim fazer neste mundo, se entendo que sou mortal e um indivíduo entre os mais de sete bilhões de terráqueos num mundo habitado por muitas outras espécies, é absurdo supor que possa fazer uso das coisas do planeta

como se só eu existisse. Os que consomem mais (os mais ricos, as empresas) vão ter que diminuir o consumo de energia e também a geração de resíduos poluentes. Não faz sentido comer demais, se você come demais. Estamos falando de quem tem mais recursos, que são os que podem mais, não dos desprovidos, dos desassistidos e famintos. Trabalhar demais, divertir-se demais, fazer exercícios demais, ocupar-se demais da política e, mesmo pensar demais: tudo isto precisa ser repensado. Também a língua tem de ser posta sob rédeas curtas. Tudo tem a sua medida, a sua medida — e devemos fugir às quantidades fora das proporções e da falta de compromisso com a coletividade. A virtude cardeal a que o preceito se refere é a da temperança ou moderação. Nenhum de nós tem de ser um Sólon para entender que o padrão de consumo apregoado pela publicidade é totalmente irrazoável. E insustentável já, hoje. O que é problemático é que construímos sociedades que se baseiam na acumulação indefinida de bens - como se a Terra fosse infinita.

SABOREAR OS ALIMENTOS

Onde há boa alimentação não entra remédio. Onde entra remédio é por que não teve boa alimentação. Temos que repensar nossos hábitos de vida e de consumo, especialmente os alimentares, tanto no que tange ao que consumimos quanto a como consumimos. Mas o que não podemos mais admitir é o desperdício que acontece todo dia enquanto milhões padecem com fome. Buscar produzir parte do alimento que você consome fará bem ao seu estômago e à sua alma.

AGIR COM ÉTICA

A ética serve para os seres humanos questionar os princípios orientadores da vida humana, as normas e os respectivos fundamentos, o valor da existência de cada ser. Agir corretamente e com ética é mais importante do que ter esperança.

DESMECANIZAR O OLHAR

Ainda há sujeitos com caracteres predominantemente antropocêntricos (que sustentam o homem como o centro do mundo) e androcêntricos (que têm como medida de todas as coisas o homem branco ocidental). Passou da hora de desmecanizar o olhar. O reconhecimento deste multiverso abre espaço à diversidade de conhecimentos e práticas presentes em muitas experiências, as quais estão operativas no planeta e abraçam racionalidades integradoras da coexistência humana e não-humana.

ENTENDER AS FORMAS DE PODER E DOMINAÇÃO

O capitalismo, o colonialismo e o patriarcado são forças que precisam ser compreendidas. As três formas de poder estão de tal maneira articuladas que nenhuma delas existe sem as outras e seus tentáculos prendem e subjagam a maioria dos seres, não só humanos, há séculos. É preciso questionar e enfrentar as forças de dominação todos os dias, pois estimulam o racismo, a xenofobia, a manutenção das castas, a rejeição à diversidade, a paranóia terrorista, o consumismo desenfreado, o feminicídio, a dizimação dos nativos indígenas - ações essas muitas vezes escudadas pelas religiões. Entender como estas forças funcionam e agem é imprescindível para que os movimentos sociais possam lutar juntos, sem barreiras, rompendo outras formas de dominação.

GARANTIR JUSTIÇA, IGUALDADE, EQUIDADE

O preceito “conhece-te a ti mesmo” também tem relação estreita, a meu ver, com uma das virtudes cardeais: a justiça. Ninguém pode ser justo com outra pessoa sem, primeiramente e acima de tudo, ter aprendido a ser justo consigo mesmo. Alcançar os ideais de justiça, igualdade e equidade é um passo importante a dar. Experimentar essas virtudes deve ser um direito de todas e todos.

DIMINUIR A VIOLÊNCIA E ACABAR COM AS GUERRAS

Diminuir a violência se faz imperioso, em todas as esferas e em todo lugar. Promover o diálogo vai ajudar a harmonizar as relações interpessoais e interculturais. Ouçamos as vozes que pedem mais educação, saúde, habitação e que o estado não use a força indiscriminadamente contra seus cidadãos. A guerra não é solução. Saibam que os Estados Unidos desperdiçaram trilhões de dólares em despesas militares para submeter países que procuravam sair da sua hegemonia. E no que isto resultou? Destruição, ódio, dor. A estupidez humana já foi provada em todas as guerras. E continua a ser reiterada pelo uso da força policial e todas as formas de subordinação de outrem.

REPENSAR A REPRODUÇÃO

Plantem mais árvores, flores, ervas e alimentos. Leiam mais livros. E se tiverem filhos, falem dessa nossa conversa para eles e elas. Ser criança é poderoso demais. Precisamos mostrar aos pequenos desde cedo que o equilíbrio é tão importante quanto vital. Todas

as vezes que alguém disser que precisamos reproduzir para povoar o Planeta devemos parar um pouco, respirar fundo, olhar ao redor, ver e sentir todas as criaturas que co-habitam de nosso tempo e jornada e ouvir e sentir. Os Humanos talvez tenham sido uma das espécies mais arrojadas e dotadas de virtudes até hoje, mas tudo isto é relativo, se colocarmos na balança seu lado nocivo e predador.

CULTIVAR A CURA

Cultive tudo o que cura. Cuide do corpo e da mente. Cultive a diversidade ao seu redor. Troque o ódio, a raiva e a vingança por pensamentos de solidariedade, para não enlouquecer pensando que a destruição, o caos e o abandono dos mais humildes sejam situações aceitáveis, onde quer que ocorram. Pratiquemos a cura. Vamos engajar todo mundo nesta missão. Já é sabido, a maior força curadora é o amor e a reciprocidade carinhosa. Ao descobriremos isto, tudo o que foi dito até aqui passará a fazer mais sentido. Não é simples, mas ame! De todas as maneiras! Seja carinhoso com tudo e todas e todos e todes. Se perguntarem pelo sexo, diga que revitaliza, que é um veículo para a libertação do corpo e da mente, e não uma mera fonte de prazer carnal e de subjugação. Ou de reprodução. Quando é Primavera, é tempo de fecundação. Amar é o mais alto grau de inteligência.

A essa altura eu já tinha muito para pensar, mas havia mais para ser dito pelo oráculo:

— Lembro-te que a Revolução Francesa vos deixou um documento interessante, a Declaração dos Direitos do Homem, cujo primeiro artigo diz que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. São dotados de razão

e consciência e devem agir uns com os outros num espírito de fraternidade. Devemos estender isso para todos os seres que coabitam a nossa existência. Os povos com mais pé no chão sabem disso. Todos devem saber.

Ouvi com atenção tudo aquilo. Havia um turbilhão no labirinto do meu peito. Ao final, levei as mãos ao chakra do coração e agradei ao oráculo por palavras tão inspiradoras. Saí de lá um pouco mais sábio. À minha frente as dez direções do infinito.

Presumo que enquanto lemos isto o mundo continua a girar, e no ritmo em que vamos, tudo pode mudar e mudará cada vez mais rapidamente. Portanto, todo dia é de dia de agir com consciência. E que assim seja, para todo o sempre, nas dez direções do infinito.

WAGNER MERIJE é jornalista, escritor, editor, gestor cultural e criador multimedia, envolvido com projetos ligados à cultura, educação, meio ambiente e cidadania. Entre seus livros estão os títulos *O Cotovelo Kovid* (2020), *Psyché e Hamlet vão para Hodiobill* (2019) - selecionado para o Prêmio Oceanos 2020, *Astros e Estrelas - Memórias de um jovem jornalista em Londres* (2017), *Mexidinho* (2017), *Cidade em transe* (2015), *Viagem a Minas Gerais* (2013), *Torpedos* (2012), *Mobimento - Educação e Comunicação Mobile* (2012) - finalista do Prêmio Jabuti 2013, e *Turnê do Encantamento* (2009). Trabalhou como jornalista no Brasil e em Londres. Tem trabalhos artísticos apresentados em vários países. Cursa o doutoramento na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. É pai de Dora.



Tempo: uma breve ontologia de pijama

Perdi o prazo de entrega deste texto. Ônus da maternidade, digo. Quem sabe bônus? Reparo que deixei, sem enorme culpa, de andar na linha do tempo que em mim foi sendo estabelecida, rigorosamente, desde a infância. E os textos, assim como os filhos, como bem sei, têm seu próprio tempo de presença. Esse por exemplo está - caoticamente confesso - em minha mente há algumas semanas. Neste exato momento, fim de tarde de uma sexta-feira de maio, tenho uma filha aos prantos, outra batendo na porta do escritório querendo atenção. A internet caiu, as reuniões e aulas, portanto foram desmarcadas e, nem sei porquê, decidi que era hora de finalmente organizar o caos na folha em branco. Talvez uma tentativa de fazer ao menos uma coisa funcionar corretamente neste dia um tanto bizarro. Será?

Pausa. Sai da cadeira sem encosto. Estou no sofá e ligo o aquecedor. Já faz frio aqui.

A bebê continua chorando. Resisto.

Tentando dar tema ao texto, lembro que uma das ideias que passou por mim para esse início foi mesmo recordar a fecundidade caótica de Gaia, na mitologia Grega. Pois, foi por estar atulhada de filhos no ventre que a Deusa Terra forja a foice e a trama contra a avidez amorosa de Urano, Deus Céu. Com isso, ele é castrado pelo titã do tempo, um de seus inúmeros filhos, Chrono. Assim, céu e terra teriam sido apartados, literalmente, pela ação do tempo e, em meio a ele, tudo se espalhou pelo espaço. Tempo, valente traidor que está entre nós. Pois não é justo ele, nomeado em anos, dias e horas, que ora empunha a foice da morte para - ao menos na tradição cristã - nos levar da terra ao céu? Ou, para os mais céticos, só nos fazer terra mesmo.

*Ufa, a babá saiu com as crianças. Silêncio absoluto.
Escuto pássaros, até.*

É preciso nos situar. Escrevo em meio a uma pandemia mundial, inédita e em alguma medida paralisante, que nos leva a exercícios ontológicos. Um deles é refletir sobre este sinistro Ser tempo que se impõe em nossas casas.

*O whats app volta a funcionar. 15 novas mensagens.
Como você quer a feição da boneca que encomendou?
Como a personagem do livro, um semblante de felicidade não
extraordinária.*

Como eu ia dizendo, já vínhamos fazendo, incessantemente, o exercício de mensura do tempo, ao menos desde que a revolução digital reduziu o mundo a um fluxo de informações e passou a comprimir o espaço-tempo e, especialmente, as pessoas. Tentávamos pensar sobre as mudanças nas relações políticas, sociais e interpersonais geradas pelas inúmeras máquinas mediadoras, enquanto uma geração inteira, nascida plugada, com dedos ágeis e cérebros reconfigurados, cresceu nesses termos, nos atropelando, e vem apresentando novas formas de tudo fazer. Daí, tentávamos entender onde estamos, talvez aprender com eles, pedir algumas ponderações, quando a pandemia dá uma suspendida no mundo e diz: agora vão pra casa pensar na vida! E o mundo todo foi.

Toc, toc, toc

*Mãe, seu trabalho não acaba nunca? Você não brincou nada
com a gente hoje.*

Sorte tem as crianças que vivem no presente. Via minha filha mais velha encantar borboletas no quintal e ria dela dizendo que ia esmagar o “colonavírus”. O início da quarentena de minha família parecia um comercial de margarina. Queríamos passar o tempo juntos, lendo, fazendo arte, vivendo o contato com a natureza, longe das notícias na TV. Cenas bucólicas. Parecia ter chegado o tempo de ter tempo. Mas, a quarentena se estende ao infinito e além. O tempo foi passando, ganhando densidade, se impondo. Agora ando implorando pela rotina, pela organização, por prazos e, claro, por mais tempo. Para as coisas e para mim. Os dias são atropelos, uma sucessão de tarefas das mais distintas ordens se atravessando, sem esperar sua vez, pois a vez nem existe. Tudo acontece ao mesmo tempo, no mesmo lugar.

*Não sei que dia é hoje. Será que ainda dá pra enviar este texto?
Espero que o editor me entenda. E o leitor também.
Está bem fora do padrão. Verborrágico como minha mente.*

É impossível ficar alheia aos fatos, e seria uma irresponsabilidade. A imprensa noticia uma frase que resume a crise brasileira: Lidamos ao mesmo tempo com um vírus e um verme. Isso dói. A situação política do meu país é desoladora para mim, mas é ainda devastadora para a imensa maioria, entre eles, membros da grande comunidade da qual faço parte, a Universidade pública e federal. A fome bate à porta de famílias que há poucos governos atrás conquistaram a chance de ter iogurte e frango na geladeira, parecia luxo. Como estão se virando os alunos e colegas? É hora de agir? Mas, de casa, como? Reuniões, assembleias, projetos, discussões, orientações, auxílios. Toma energia, disputa de atenção em casa, leva tempo. Exaure.

Ah, o marido saiu do quarto onde estava trabalhando.

Jantar para as meninas.

Tenho brecha.

Aulas online? Resistamos, em nome da educação de qualidade. Me posiciono.

Mas, eu mesma ando fazendo aulas por aplicativos, minha filha também. Algumas coisas parecem possíveis, mas quais sim e quais não? Muitas amigas-mães estão sofrendo com a pressão das escolas, aulas e atividades que a família precisa incluir, aos trancos e barrancos, na rotina de casa. Somos boas em multitarefas, mas devíamos não ser. É sobrecarga infundável. Por outro lado, muitas escolas são pressionadas pelas famílias. Não querem perder o semestre, para quê pagar mensalidade, afinal? A renda da maioria despencou, mas quem está impedido de trabalhar precisa sobreviver. Quem está certo, quem está errado? Ninguém, nada. O período é de mudanças, as perguntas também devem ser outras. Se ao menos soubéssemos quais são, poderíamos começar a buscar respostas. Mas, leva tempo.

Mais zap, zap

Recebo um áudio. É do jovem com quem eu ia conversar hoje sobre a divulgação do meu livro, se a rede não tivesse caído. A profissão dele é analista de tráfego, faço pouca ideia do que seja, mas ouvi dizer que funciona. Ouço. Uma breve fala, muitos termos em inglês, encerra dizendo que se eu tiver alguma dúvida posso entrar em contato. Retorno dizendo que tenho muitas, deixo quatro áudios. Sou interessada, quero aprender. Chega uma resposta automática, ferramenta do celular corporativo. Diz que o expediente na sexta é até as 17h, mas que estará numa *live* agora. Duas sensações

se concretizam nessa conversa. 1) Inveja. Não da *live*, disso tenho preguiça. Mas de ter expediente. Saudade de bater ponto na empresa de tecnologia onde já fui como esse jovem. 2) Mudei de lado. Não acompanho esta turma de *live, fee, set up, manager, CEO*, pois não sou mais, nem desejaria ser, uma jovem tecnologista. De um jeito ou de outro o tempo continua passando, e as pessoas seguem mudando o jeito de serem iguais.

zap, zap

Brochura ou grampo? Couchê ou supremo?

Quantas apresentações dos bailarinos no projeto do museu?

A bebê berra. Sabe, me dei conta de porquê colo de mãe urge. É tempo do instante. Aqui e agora é tudo que existe para esses pequenos seres, ainda não inseridos nas variações da linha do tempo. Eu a atendo. O colo é corpo em acalento, pele com pele, olho com olho, aquele calorzinho delicioso que só neném tem e pum, pum, pum. Vão-se os gases e o choro. Com o pesinho amoroso aninhando em meus braços lembro dessa coisa insubstituível que é o contato corporal, o corpo inigualável da gente, marcado em nossa passagem por aqui. Penso na sensação maravilhosa do acolhimento. Tenho memórias do corpo livre em dança, do corpo criando arte pra desvelar o mundo de novas formas. E volto a acreditar que vale a pena. Os corpos que vencerem a pandemia devem fazer as pazes com o tempo que os atravessa. Espero por um tempo de gentilezas, conosco.

Texto de seis mil a quinze mil caracteres com espaço, incluindo ao final uma breve nota biográfica e links de contato.

Sou mãe em tempo integral, filhas de 5 e 2 anos. Sou professora da UFMG, na Licenciatura em Dança da Escola de Belas Artes. Então faço aquilo tudo: pesquisa, extensão, encargos didáticos e administrativos. Estamos sendo duramente atacados pelo governo federal, o cenário não é bom e não é nada simples ocupar este lugar. Sou artista da dança, da literatura e das artes plásticas. Acabo de lançar meu primeiro livro infantil, uma autopublicação em plena pandemia que anda enchendo corações de afeto e me deixando bem feliz. Tenho um site com um tanto dessas coisas que faço é o graandrade.com

8.344 é meu número até aqui

Encerro então este texto curto, de tempo picado, bem como eu agora.

Vem a filhota dar beijo de boa noite e pergunta se eu pus o pijama ou nem o tirei hoje.

GRAZIELA ANDRADE é artista do movimento, atuando nas áreas de dança, literatura e pintura. Professora da Universidade Federal de Minas Gerais, no curso de Licenciatura em Dança, é doutora (2013) em co-tutela entre a UFMG, Escola de Ciência da Informação e a Paris-Est, École de Science du Langage. Em suas pesquisas teóricas e práticas o corpo é assunto central, especialmente, em suas relações com as tecnologias digitais e o espaço urbano. Saiba mais em seu site: graandrade.com



Corona Vírus como possibilidade de uma nova era: O Princípio do fim da Barbárie

O fenómeno da pandemia covid-19, do início do século XXI, ocorre numa época complexa em que se refletem os efeitos da cristalização de quatro décadas de políticas neoliberais. A conjuntura sob a qual nos encontramos resulta de um processo lento de consolidação de filosofias económicas que, lentamente, nos afastaram do avanço civilizacional que a Europa do pós-Guerra deixava antever.

Enquanto sociedade, a nossa decadência poderá ter começado a partir de acontecimentos mais ou menos invisíveis, à qual só começámos a dar importância quando já era demasiado tarde. A submissão do poder político ao económico, por exemplo, ao acontecer subliminarmente, abriu a porta à separação entre Estado e economia, sem que a maioria das pessoas entendesse que dessa circunstância resultariam as vagas de privatizações de empresas estratégicas, que poriam em causa as soberanias nacionais. A acrescentar a isso, a liberdade absoluta de circulação de capitais à escala mundial conduziu os mercados financeiros no caminho da desregulação, ao mesmo tempo que os estados sociais se asfixiavam na imposição sistemática de regras de equilíbrio orçamental, tendo o combate à inflação sido uma prioridade em detrimento de políticas de promoção de emprego.

De prego a fundo na crença do desenvolvimento da humanidade a partir do livre funcionamento da economia, como fenómeno

espontâneo, os governos procederam ao desmantelamento de serviços e, sob uma argumentação de *falsas ideias claras*, incentivaram o crescimento de empresas multinacionais, de orientação neoliberal, sem assumir as consequências económicas, sociais, políticas e culturais. A pandemia apanhou-nos, assim, numa época histórica de fragilização e empobrecimento das classes trabalhadoras e aumento das desigualdades sociais, que resultaram de decisões obscuras, tomadas nos interstícios de governos transformados em mandatários do poder económico. *Tudo o que era sólido se foi desmanchando no ar.*

No entanto, há bem pouco tempo, Portugal revolucionou-se a partir da construção de um ideário bem distinto das políticas acima descritas. O 25 de Abril de 1974 foi um momento emocionante para as classes trabalhadoras, que, energizadas por uma possibilidade real de transformação, tomaram as rédeas da vida nas próprias mãos e encheram outros povos com esperança. Deste processo de revolução nasceu a segurança social, um sistema não discriminatório nem discricionário, que substituiu a caridade e a previdência por um sistema de solidariedade universal, que consistiu na transferência de rendimento do capital para o trabalho. Tal implicou o aumento dos salários em 18% em pleno período da estagflação causada pela crise petrolífera, ao mesmo tempo que Pinochet transformava o Chile em laboratório neoliberal e Margaret Thatcher levava a cabo o desmantelamento do estado social em Inglaterra. Os acontecimentos que tiveram lugar em Portugal naquela época não se deixaram intimidar pela conjuntura internacional, pelo que podemos entender duas coisas: que não há fatalismos rumo ao caminho que o povo de um país entende seguir e que a Europa pode agradecer à revolução portuguesa o retardamento, de pelo menos vinte anos, da filosofia económica e social saída da escola de Chicago. Assim, a recém-criada segurança social, contrariando o

início da onda internacional de privatizações, resultou em benefício das pessoas, num aumento radical do valor das pensões, garantindo-lhes como direito constitucional “proteção na doença, velhice, invalidez, viuvez e orfandade, bem como no desemprego e em todas as situações de falta ou diminuição de meios de subsistência ou de capacidade para o trabalho”.

A proteção da segurança social foi crucial durante o confinamento, na medida em que serviu como garantia de sobrevivência para as famílias que perderam a sua fonte de rendimento, o que demonstra o quão o estado social é relevante na proteção não só do indivíduo, mas também na sustentabilidade da economia. No entanto, a forma como o dinheiro da segurança social foi usado evidencia que a prioridade de quem administra o país foi salvar o grande capital e não necessariamente a economia real. O pagamento àqueles que deixaram de trabalhar foi, na sua maioria, feito a partir do *lay off*, uma norma imposta aos países que aderiram à UE, que refere que, à falta de trabalho, uma empresa pode enviar os funcionários para casa, ficando os seus rendimentos assegurados em 70% através da segurança social. Antes desta norma europeia, eram as empresas que, enquadradas na legislação do chamado desemprego interno, pagavam aos seus próprios trabalhadores nos momentos de rutura de produção. Assim, a imposição do *lay off* aos estados-membros veio obrigar os trabalhadores a financiar, com dinheiro dos seus descontos, empresas de que não são donos.

A pandemia impeliu o confinamento de milhares de pessoas e obrigou a que entidades empregadoras fechassem portas, criando um cenário que até então ninguém tinha pensado ser possível. Esta nova realidade forçou o desembolso súbito de grandes quantidades de dinheiro à segurança social, como única forma de subsistência das pessoas durante o isolamento. Por essa razão, a sustentabilidade

da segurança social pode ter sido posta em causa, pois os beneficiários do *lay off* foram maioritariamente as grandes empresas multinacionais que, dominando o mercado e tendo garantido lucros significativos por anos consecutivos, se recusaram a prescindir momentaneamente dos seus ganhos habituais. Ao mesmo tempo, na mesma circunstância, as pequenas e médias empresas nacionais foram sujeitas às tradicionais leis de mercado, pois a forma como o governo estabeleceu as regras de atribuição de apoios, ou as excluiu ou as empurrou para o endividamento, servindo assim os interesses da banca.

O resultado daquilo a que ingenuamente chamamos esforço do Estado não passa, afinal, de mais uma astuta manobra do capitalismo. A apropriação da mudança e invisibilidade são, na verdade, a chave do sucesso deste sistema, que parecendo que vai morrer, apenas se transfigura. Senão, repare-se como permaneceu congelado dentro da própria União Soviética, como se tem revitalizado na China comunista e como da independência das colónias deu origem ao neocolonialismo. Especificamente, no caso da pandemia em Portugal, verificamos que o fenómeno covid possibilitou que grandes grupos, alguns deles estrangeiros, pudessem absorver os descontos e pensões dos trabalhadores nacionais, garantindo os seus lucros, enquanto as pequenas e médias empresas portuguesas, a maioria delas constituída juridicamente por um sócio gerente, que na prática é um mero trabalhador, ficassem desprotegidas e endividadas.

No dealbar de uma crise sanitária sem precedentes próximos que servissem como linha orientadora para contenção do vírus, o governo português viu-se obrigado a tomar medidas urgentes, muito antes de qualquer manifestação de apoio financeiro da União Europeia. No início da pandemia, pairava no ar a ilusão de mais dinheiro

como resposta à crise que se anunciava. Esqueceram-se os otimistas de que, desde a assinatura do tratado de Maastricht, estão proibidas as transferências de capitais dos países ricos para os países pobres. A Finlândia, a Holanda e a Alemanha, apesar da excecionalidade do que estamos a viver, serviram-se do que está estabelecido na lei para a fazer valer, garantindo que qualquer apoio vindo da UE seja feito, mais uma vez, sob a forma de endividamento. Poderia Portugal, atendendo ao seu passado recente, seguir uma alternativa dissonante da União Europeia e aproximar-se mais das opções levadas a cabo há 46 anos no pós período revolucionário?

As melhorias de bem-estar social introduzidas no pós 25 de Abril só foram possíveis porque, como modelo de desenvolvimento para o país, se decidiu o aumento do rendimento dos trabalhadores a partir da transferência de parte do lucro das organizações para os salários. Foram feitos cortes nos salários superiores a 12 mil escudos, tendo sido, à época, instituído um salário mínimo de 3 300 escudos, que subiu, um ano depois, para 4000 escudos, ao mesmo tempo que se instituíram os subsídios de natal, férias, maternidade e cabaz de compras. No entanto, durante a pandemia, a valorização de quem trabalha não foi levada em consideração e, nesse sentido, não foram contratados mais profissionais de saúde, não se lhes aumentou o salário e nem sequer se lhes pagou subsídio de risco. Está já tão sedimentada a ideia de que salários mais altos enfraquecem a competitividade das empresas que, pela via do senso comum, criada e alimentada pela comunicação social, já se falava da necessidade de novas medidas de austeridade como solução de futura crise. Mas vejamos outros exemplos: enquanto no pós 25 de Abril se congelaram preços, em pleno 2020 o álcool gel, máscaras e luvas, apesar de serem equipamentos de proteção básicos, seguiram as leis de mercado da oferta e da procura e atingiram preços

proibitivos, especialmente para os grupos de risco, como os mais idosos com pensões baixas. Voltando à década de 70, verificamos que o Estado procedeu a nacionalizações sem direito a indemnização e interveio em empresas descapitalizadas como forma de proteção do emprego. Já durante a atual pandemia, nenhum hospital privado foi requisitado, apesar de se gastarem esforços na montagem de hospitais de campanha um pouco por todo o país.

As soluções saídas do 25 de Abril permitiram, a seu tempo, uma real redução das desigualdades sociais, que só o fim do pacto social em 1982 e o governo da troika em 2008 inverteram. As medidas que conduziram Portugal no caminho da redução das desigualdades sociais tiveram, quase meio século depois, mais impacto no combate ao vírus do que o tão pedido (e justificado) distanciamento social.

Talvez se entenda melhor este ponto de vista se analisarmos o aumento de casos de contaminação do final do mês de Junho de 2020 em Portugal. Alguns analistas sociais tiveram o cuidado de não o chamar de segunda vaga, por defenderem a tese de crescimento exponencial de contágio, a partir de trabalhadores pertencentes a grupos sociais que não tiveram oportunidade de confinar no mês de março e abril. Se assim for, verificamos que as pessoas mais pobres, as que se deslocavam em transportes públicos lotados, sem máscaras ou qualquer outro tipo de proteção, foram as maiores vítimas. Além disso, os seus baixos salários, ao apenas lhes permitirem viver em condições de habitabilidade precárias, e em caso de doença sem possibilidade de isolamento do resto da família, fez com que o vírus se espalhasse rapidamente. De facto, na pirâmide social, estas são as pessoas que se encontram na base, que é efetivamente um lugar socialmente bem afastado do topo da hierarquia.

Outro ponto fundamental para entender a efetividade de combate

a uma pandemia é a necessidade de entender o Serviço Nacional de Saúde (SNS) e o seu impacto no desenvolvimento de um país. No caso de Portugal, o SNS foi oficialmente criado no dia 15 de setembro de 1979 com publicação em Diário da República, Lei n.º 56/79, e chegou a estar posicionado na 7.ª posição de um ranking internacional. Teve os votos favoráveis do PS, PCP, UDP e do deputado independente Brás Pinto. No entanto, votaram contra PSD, CDS e os deputados independentes sociais-democratas, por discordarem da consagração de um SNS que se pretendia universal e gratuito. Justifica-se, por isso, que no início da década de 90, o PSD tenha votado uma nova lei de Bases da Saúde que permitiu a articulação da prestação de cuidados privados paralelamente à oferta do setor público. Este é um momento significativo na história do SNS, porque além de dar um passo considerável na mercantilização da saúde, quebra a espinha dorsal da gestão democrática que estava a ser ensaiada e que dificultava a transformação da saúde em negócio. A partir do ano 2002 vai testar-se nos hospitais públicos um tipo de gestão empresarial, que será gradualmente generalizada, ganhando dimensão significativa entre os anos da troika e a atualidade. A partir de então, a saúde passa a ser vista como uma possibilidade de negócio. Ideia que vai sendo paulatinamente apresentada à população, num processo de criação de parcerias público-privadas e de gestão empresarial que se justifica e sustenta numa argumentação demonizada da saúde pública como fonte de despesa, ainda que dados mostrem que, na realidade, o SNS sofre de subfinanciamento crónico. Para termos uma noção do desinvestimento a que os Portugueses foram sujeitos, numa publicação da OCDE “*Health at a Glance 2018*” mostra-se que em 2017 Portugal investiu em saúde apenas 9% do PIB, abaixo da média europeia que foi de 9,6%.

A França, porém, acima da média gastou 11,5%, e a Alemanha 11,3%. Estes valores são preocupantes, pois

se comparamos a situação de 2017 com a de 2006/2007, utilizando também dados da OCDE, concluímos que se verificou um retrocesso em Portugal quando se verificou o inverso na maioria dos países da União Europeia, já que a despesa total com a saúde no nosso país, medida em % do PIB, diminuiu (...). Em 2006, a despesa total (pública + privada) com a saúde em Portugal correspondia a 9,9 % do PIB, enquanto em 2017 representava apenas 9% do PIB. Uma situação inversa verificou-se na maioria dos países da União Europeia cujo peso, em % do PIB, aumentou em média, entre 2008 e 2017, de 8,3 do PIB para 9,6 do PIB. Portanto, a saúde em Portugal tem, com o andar dos anos, menos recursos, enquanto na maioria dos países da União Europeia sucede precisamente o contrário. (Ramos:2019 p.296)

Este desinvestimento, a par da promiscuidade entre público e privado, cria as condições ideais para o sucesso dos grupos privados de saúde em Portugal, que se comportam como empresas em que apenas se cuida das pessoas na medida em que isso traz vantagens aos acionistas. A par disso, em nenhum momento da pandemia estes serviços se apresentaram como adjuvantes para uma solução. Como já anteriormente se referiu, em plena crise sanitária, havia dezenas de luxuosas instalações fechadas, por oposição às fileiras de camas dispostas em pavilhões, numa semelhança dos cenários pandémicos do século XIX. Mas, porque a situação pode sempre piorar, estes hospitais privados, afetados por uma falência técnica que decorria da desmarcação de consultas por medo de contágio, sugeriram ao Estado ocupar-se de casos não covid, deixando para o serviço público apenas o trabalho difícil, assim como os custos substanciais das unidades de cuidados intensivos.

Na presente circunstância, não deixa de haver para os defensores

do mercado livre uma ironia amarga: afinal, o financiamento da saúde pública protege a economia e promove a riqueza das nações. Uma saúde pública eficaz teria dado respostas mais rápidas, poderia até ter evitado o confinamento. Todo o dinheiro que, desde o fim do pacto social, se desviou para a saúde privada, revelou-se agora comprometedor do normal funcionamento do capitalismo. Contudo, estas contradições sarcásticas já não deveriam surpreender o *homo-economicus*, pois, pelo menos desde Bretton Woods e da crise petrolífera, sabemos que o capitalismo sem crises não existe. O fenómeno está descrito por Marx em *O Capital* e cartografado pelo Departamento de Comércio dos Estados Unidos: ocorriam a cada 10 anos no século XIX e a cada 7 nos dias de hoje. Como as recuperações dos abalos sistémicos da economia são cada vez mais demoradas e difíceis, grande parte das pessoas já não consegue recuperar nos intervalos das depressões económicas. Explica o professor Boaventura Sousa Santos (2020) que, para esse grupo, a situação de crise já não pode descrever-se a partir do valor etimológico da palavra, que significa conjuntura temporária e excepcional, para passar a representar um estado permanente de normalização de uma vida precária. A crise deixou de ser explicada para passar a ser a justificação que permite a consolidação do capitalismo numa versão que induz a maioria das pessoas a uma insegurança financeira crónica que lhes afeta as capacidades intelectuais, interfere na personalidade e impede laços solidários de vínculo real.

Poderíamos então acreditar que esta crise sanitária tornaria mais visível a decrepitude do sistema, fazendo com que fosse impossível manter o silêncio em torno de alternativas ao nosso modo de vida. Assim, separados uns dos outros, confinados em casa, experimentávamos a reclusão no sentido oposto a uma greve conjunta na rua, mas cujo efeito final apontaria para uma tomada

de consciência global e coletiva sobre o estado da humanidade.

Zizek (2020) propôs o surgimento de um novo “*vírus do pensar em uma sociedade alternativa, uma sociedade para além dos Estados Nação, uma sociedade que se atualiza nas formas de solidariedade e cooperação global*”. Respondendo à sua proposta, poderíamos de facto perguntarmo-nos sobre o tipo de sociedade para a qual poderíamos evoluir, caso a vida coletiva se reajustasse a outro tipo de experiência de solidariedade que não fosse dependente ou subordinada àquilo que conhecemos hoje nesta denominação de democracia canónica sujeita ao capitalismo neoliberal. A partir de uma macroestrutura determinada por uma nova matriz, assente em mecanismos de solidariedade universais, a humanidade poderia aprofundar experiências de cooperação a partir da assimetria, da irreciprocidade e da recusa do cânone dogmático de identificação do outro como outro igual a mim com quem me identifico. A pandemia de 2020 poderia ser a antecâmara dos acontecimentos que estão para vir, assim como a criação de uma nova hipótese revolucionária capaz de inventar territórios sociais e formas ainda não estudadas de uma sociedade incapturável, acontecida fora dos sistemas de representação habituais. A possibilidade real de entendermos a mutabilidade controlada da forma como queremos viver.

Nesse sentido, precisaríamos urgentemente de reinventar a nossa forma de vida praticamente a todos os níveis. Repensar as escolas, que deveriam deixar de ser espaços semi-concentracionários em que se pede às crianças para desenvolverem tarefas intelectualmente desestimulantes, enquanto os seus pais trabalham longas jornadas. Em alternativa, poderíamos construir lugares onde se aprenderia numa perspetiva humanista, de educação integral para construção de um Homem Vitruviano. A par do sistema educativo, necessitamos

olhar para os serviços nacionais de saúde, financiá-los a partir dos impostos e impedir promiscuidades que mercantilizem as pessoas num momento frágil. Que o medo da doença fosse o resultado do amor à vida e, nunca, o de não poder pagar tratamentos.

Nesse mesmo novo mundo pós-pandémico, deveríamos exigir a manutenção de uma segurança social robusta, universal e eficiente. Talvez incluir-lhe a possibilidade de um rendimento básico universal, pensado como um dividendo social, um retorno sobre um investimento coletivo passado, que acabasse definitivamente com o sentimento de insegurança sistémica de gerações e gerações economicamente precárias. Passaríamos a uma nova fase de desenvolvimento de uma Humanidade financeiramente tranquila, o que permitiria um sentimento comum de estabilidade passível de se traduzir em relações tolerantes e de preocupação mútua.

Finalmente, e quiçá um dos aspetos mais importantes, o acesso ao trabalho como direito fundamental e universal, legalmente regulamentado, bem pago e que, ao invés de torturar, edificasse o ser humano. O facto de muitas pessoas terem ficado em casa durante a pandemia permitiu-nos o distanciamento necessário para entender que a vida profissional tem estado assente em regimes de falsificação de produtividade, com fórmulas de avaliação de desempenho que resultando em ansiedade, angústia e alienação, têm induzido a formas incompetentes de produzir. Temos sido torturados em empregos que exigem a repetição de tarefas inúteis, repetitivas e burocráticas, a troco de um salário que apenas permite a sobrevivência biológica. Poderíamos perguntar-nos por que razão não estamos a ser capazes de limitar a jornada de trabalho para quatro horas, à semelhança da redução para oito, conseguida no século XIX.

Como sociedade, todos ganharíamos na criação de empregos que não levassem os trabalhadores à exaustão. Aprender-se-iam novas

formas de cooperação, desenvolveríamos a criatividade para criação de riqueza e abundância no sentido da satisfação das necessidades humanas. Os dias poderiam ser preenchidos com momentos de ócio, plenos de produção e consumo cultural, ativismo político, formação contínua, lazer e fruição.

Para tal, seria fundamental entender a ideia de que vivemos crises de superprodução que em nada são comparadas à época feudal em que pestes, maus anos agrícolas, de seca ou dilúvios, dizimavam comunidades. O capitalismo, ao mudar os meios de produção concretizou a possibilidade de o Homem dominar a natureza pela técnica, permitindo um avanço civilizacional gigantesco.

Porém, vivemos um período histórico em que as relações humanas dentro deste sistema criaram desigualdades insustentáveis, que estão a travar a evolução da humanidade. Atrevo-me a dizer que o capitalismo cumpriu a sua função de desenvolvimento, no entanto, agora, é hora de edificarmos as alternativas passíveis de conduzir a humanidade para um destino fora da barbárie. Então, sim, entraríamos finalmente no século XXI, olharíamos para trás e sentiríamos que o horror da pandemia teria sido o ponto de viragem para uma nova forma de vida coletiva, com respeito, dignidade e sentido de ética.

- Santos, Boaventura de Sousa, (2020) *A Cruel Pedagogia do Vírus*, Coimbra, Edições Almedina;
- Slavoj Zizek, (2020) *A Pandemia que abalou o mundo*, Lisboa, Relógio de Água;
- Rosa, Eugénio (2019) *O Serviço Nacional de Saúde no Contexto Dos Serviços De Saúde Em Portugal*, in Varela, Raquel (org.) *História do Serviço Nacional de Saúde em Portugal*, Lisboa, Âncora Editores;

ANA CLÁUDIA HENRIQUES é licenciada em Português-Francês (via ensino) pela Universidade de Aveiro em 2005, iniciou a sua carreira profissional em Portugal, tendo trabalhado como professora de Português no ensino secundário. Pós-graduou-se em Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo Instituto Piaget no Porto e, em Gestão Curricular, pela Universidade de Aveiro. Paralelamente estudou Literatura e Cultura Espanhola também pela Universidade de Aveiro. Mudou-se para os Estados Unidos entre 2012 e 2016, tendo sido responsável pela gestão curricular das disciplinas de Espanhol e Português e, entre 2016 e 2019, foi professora de Espanhol em Londres. Encontra-se no momento a escrever uma tese de mestrado sobre Literatura e Política na obra de José Saramago, pela Universidade de Aveiro, e é professora de Português no ensino regular em Portugal. Correio electrónico: anaclaudia.cima@gmail.com



Somos aqueles por quem estávamos esperando

Recordo-me, ainda com o mesmo nível de surpresa, a primeira vez que ouvi uma louca analogia sobre como o trigo teria dominado os humanos. A cena, descrita com ares de ficção científica, narrava a percepção de seres extraterrestres ao chegar à Terra e contemplarem a vastidão de cerca 2,40 bilhões de km² de trigo, espalhados pelo planeta, e sua óbvia constatação de quem detinha o poder. Considerando que estes seres tenham um pensamento colonizador como o que temos apresentado nos últimos dois mil anos, a presença massiva e abrangente desse elemento os faria acertadamente crer que este seria o poder dominante sobre o território. Apesar de extrema, a analogia continua a fazer-me refletir sobre a potência e os perigos da monocultura: na plantação pelo empobrecimento da terra, na alimentação pela carência de nutrientes que enfraquecem o nosso corpo e o torna mais disponível a males externos, no pensamento pela deficiência de múltiplos pontos de vista que tornam deficitárias as análises e gestos no mundo.

O desafio posto na supressão de uma história única, como nos recorda Chimamanda Ngozi Adichie, narrada pelo poder dominante, não pode ser confundido com tentativas revisionistas de fatos históricos que ganham, a cada dia, maior difusão e apoio no mundo virtual. A capacidade de alastramento de uma mensagem é assustadoramente veloz e proporcional à sua potência em aderir às mentes povoadas pela monocultura. Habitadas a um pensamento linear, essas mentes são um espaço liso, ambiente fértil para aquilo que ecoa, ou seja, as suas próprias crenças. Quantos reconhecem em notícias compartilhadas os elementos de “fake news”, mas seguem

compartilhando mesmo assim porque ‘não pode ser mentira se é exatamente o que acredito’, como diz o meme que circula na mesma rede. A dificuldade no combate a esse vírus, o da desinformação, é entender o quanto ele é cuidadosamente elaborado para fazer ressoar nos medos e crenças mais íntimos de indivíduos cujas mentes são latifúndios de certezas.

O pensamento divergente, a habilidade de fazer perguntas, o método científico, reavaliar suas próprias atitudes e pensamentos - especialmente depois de confrontados com dados - é terreno fértil para um mundo plural. O exercício da dúvida como expressão última da liberdade e antídoto à violência. Tal exercício, contudo, não é uma condição natural, é uma habilidade que precisa ser cultivada na prática da empatia, da escuta profunda do outro e da observação atenta de si. Carl Sagan nos lembra do poder como esse pensamento único, acachapante, que foi capaz de fazer uma inteira geração de russos esquecer a potência do pensamento e ações de Trotsky. As armadilhas presentes na concentração dos meios de comunicação e na narração da história, mais uma vez por poucas vozes, atuam de forma imperceptível na manipulação dos gestos. Me assombra, a partir dessa ideia, o quão recente é a abolição da escravatura no Brasil e o quão ainda hegemônica é a voz que conduz sua narrativa - felizmente em largo processo de mudança.

É possível ainda ouvir no Brasil de hoje - e cada vez mais frequente com a escalada de um governo que autoriza a violência em suas camadas mais íntimas - discursos que reforçam os estigmas e preconceitos em relação à população originária do território brasileiro e seus modos de vida. A receita liberal da propriedade privada, da acumulação e do lucro, quando não compartilhada por outras sociedades, transforma suas imagens na de sociedades primitivas, preguiçosas e pouco desenvolvidas. Tal modo de vida

tem na sua essência a sinergia e observação da natureza, infelizmente cada vez menos presente, mesmo nas comunidades originárias que têm suas terras usurpadas por grileiros e madeireiros. Ainda assim, é, essencialmente, um elemento de resistência e de convocação do pensamento da permacultura. Sinérgica e sistêmica, essa estrutura se apoia na potência da própria vida e na necessidade fundamental de cada elemento para o bom funcionamento do organismo.

A concentração de renda, de terras e de saberes faz parte de uma mesma estrutura causadora do abismo social em que vivemos no mundo. Impulsionadoras de desejos de consumo e aparência.

A monocultura da mente, terreno fértil para ideias rígidas e de fronteiras duras, vulnerável ao surgimento de “vírus sociais” igualmente destruidores, somente pode ter como antídoto o pensamento ancorado na dúvida, na diversidade, na pluralidade, na convivência não hierárquica de pensamentos e modos de viver, e na compreensão da forma não-binária da nossa condição de ser/estar na natureza.

Hoje, não sabemos o que é ter um corpo saudável. Alergias respiratórias, dores musculares, infertilidade, reações intestinais, infecções recorrentes, alterações hormonais e tantas outras desordens, muitas vezes denominadas “doenças modernas”, vêm sendo cada vez mais normalizadas a ponto de não sermos capazes de identificar quando algo não vai bem.

Agrotóxicos, xenoestrógenos e metais pesados estão escondidos em alimentos que nos envenenam ao invés de simplesmente nutrir.

Dormimos mal e vivemos uma jornada de trabalho sem fim onde precisamos estar o tempo todo conectados, disponíveis e produtivos. Uma lógica estafante, extenuante e intermitente, onde cada ser humano precisa virar uma “microempresa” que vende a qualquer preço o seu talento, sua juventude, mão de obra

e sua saúde para as grandes empresas. Subemprego disfarçado de empreendedorismo e perda de direitos, agravado pela dupla ou tripla jornada de quem não tem uma rede de apoio para o cuidado com a casa ou filhos.

Se considerarmos todas as variáveis que afetam a nosso sistema imunitário, todos somos grupo de risco para o COVID-19 e tantas outras enfermidades. A pandemia teria tomado as mesmas proporções planetárias avassaladoras se não encontrasse uma população com a saúde e relações tão enfraquecidas?

A crise também se deve à deterioração organizada do sistema de saúde. É preciso achatar as curvas porque há décadas as políticas de austeridade diminuíram a capacidade de acolhimento dos serviços de saúde. Em 1970, a Itália dispunha de 10,5 leitos hospitalares por mil habitantes e atualmente há apenas 3,18. No mesmo período, esse número diminuiu de 7,8 para 2,8 nos Estados Unidos segundo a OCDE¹.

O que essa pandemia revela é que os cuidados com a saúde gratuitos não são custos ou encargos, mas bens preciosos que não podem operar sob a mesma lei de mercado. Hoje os hospitais funcionam como uma fábrica em modo *just-in-time* e nós somos cada vez mais dependentes de um sistema médico que não prioriza a manutenção da saúde e a prevenção de doenças.

Nossa cultura imediatista busca tratar sintomas e raramente suas causas, o que nos leva a buscar conforto em medicamentos para problemas que muitas vezes poderiam ser resolvidos com uma boa noite de sono ou a simples ingestão de uma quantidade maior de água.

Inúmeras são as evidências de que estamos doentes enquanto meio social e não como indivíduos. Um dado muito indicativo do nosso tempo aponta que a população brasileira é a mais ansiosa

e deprimida da América Latina, apresentando estatísticas muito similares aos Estados Unidos e que entre os principais medicamentos consumidos no Brasil estão os ansiolíticos, antidepressivos, remédios contra dor, impotência sexual e as síndromes metabólicas (como pressão alta e diabetes), comprovando sua condição social². Assim, o ser humano passa a ser o sintoma de uma sociedade doente onde os interesses econômicos estão acima da saúde e funcionam como instrumento de controle social na medida em que atuam por meio do medo.

Medo de envelhecer, medo da impotência sexual, de doenças silenciosas, de novas doenças, de engordar, de estar triste, de não ser “normal”. Medos que acentuam os níveis já elevados de stress que por sua vez é um dos principais fatores das chamadas doenças modernas.

Se nos voltarmos para as culturas médicas orientais, sobretudo a medicina chinesa e indiana, veremos que o entendimento de saúde caminha no sentido oposto ao definir doença como um desequilíbrio das forças e funções vitais. Assim, os tratamentos e terapias objetivam o autoconhecimento e a autonomia na medida em que são baseados na auto-observação e busca do equilíbrio como meios de prevenção, cura e manutenção da saúde do corpo e da mente, encorajando o paciente a ser o principal guardião da própria saúde, afastando medos e incertezas, possibilitando a cura das origens dos desequilíbrios e alcançando níveis sempre mais profundos de autoconhecimento.

Se buscarmos na história da civilização ocidental, veremos que nem sempre a medicina foi uma rede de interesses comerciais. A cura e o cuidado eram basicamente conhecimentos femininos até o iluminismo. A eficiência médica das mulheres foi um dos catalisadores das perseguições às bruxas que varreram a Europa do

século XIV ao XVIII³.

Pabla Perez San Martín, em seu consagrado Manual de Introdução à Ginecologia Natural nos conta sobre o mito da revolução patriarcal baseado na tradição Selk'nam, povo nativo da Patagônia, ilustrando a transição do conhecimento ancestral acerca do corpo e da saúde, de um lugar sagrado e de conexão para a completa desconexão que vivemos nos dias de hoje.

“Muito antes de o tempo começar a ser contado pela história androcêntrica, a consciência vivia vinculada com todos os seres que compõem o mundo. Coabitavam em nós as interpretações mágicas da realidade, as relações de comunidade, a percepção circular do tempo, o “mito” do eterno retorno. Já tínhamos tudo aquilo que agora nos parece impossível, incrível e inimaginável.

A Mãe era beijada ao alvorecer e nossa boca acariciava a terra – sustento das nossas vidas – como um ato de profunda gratidão diante da generosa Matriz que nos abriga. Em união com a grande Mãe, serpenteávamos de prazer. Até que a sabedoria se fez remota e distante de todos os segredos do nosso ventre; até que uma carícia desgarrada e mesquinha a arrebatou de nós, na noite em que os Pais se levantaram contra a liberdade de nossa intuição silvestre, aquela noite escura do massacre quando as meninas foram sentenciadas a submeter-se, quando as mães foram condenadas à dor do parto, quando a serpente foi remetida ao inferno, à maldição bíblica da dor primigênia. Toda uma cultura silenciou o corpo, lançou o véu ignorante sobre as gerações dormentes, sobre a sua própria força. A medicina se transformou no controle do corpo e a ginecologia, a “ciência da mulher”, ficou exclusivamente nas mãos de homens enquanto autoridades indiscutíveis. Com isso, os ciclos naturais começaram a ser percebidos como heresias grosseiras e antiquadas que atentavam contra os milagres do progresso. Como se uma voz nos dissesse: “Você não pode saber nada sobre você mesma,

simples mulher cega, triste arremedo do patriarcado poderoso...”

A ascensão do conhecimento médico por homens e a proibição da presença de curandeiras nos partos estão relacionadas a profissionalização da medicina no século XIX, o que barrou definitivamente as mulheres de seu papel tradicional como protagonistas dos processos de cura, estabelecendo para elas um papel secundário, alinhado com a natureza cuidadora, doadora, abnegada e maternal estabelecido à todas as mulheres pela realidade patriarcal onde, no meio médico, é representado pela presença maciça da mulher nos cargos de enfermagem. Situação que, na atual crise do COVID-19, denuncia uma realidade de jornadas exaustivas, falta de protocolo e equipamentos de proteção para uma classe formada por 85% de mulheres no Brasil⁴.

A ciência como instrumento de conhecimento e investigação do universo é fundamental, hoje ainda mais, com a ascensão de movimentos anti-ciência, mas a própria ciência deve encontrar novos modos de se posicionar. Não podemos ignorar que nas últimas décadas a medicina se tornou um poderoso e complexo mecanismo de controle e exploração capitalista e a pesquisa médica, uma fábrica de estudos motivados pela rentabilidade da indústria farmacêutica.

Precisamos de novas respostas por parte da comunidade científica, respostas integradoras que incorporem a experiência consciente, a história, a voz dos indivíduos e suas subjetividades, pois são parte tanto do processo de adoecimento quanto de cura.

Devemos-nos informar para além do discurso médico oficial que ensina de maneira fria e fechada a compreensão dos processos de saúde humanos, sem considerar aspectos essenciais: culturais, espirituais, econômicos, políticos, etc., que não podem ser desvinculados de nossa saúde.

Autoconhecimento como ganho de autonomia, aliado às

terapias trazidas pelos avanços da medicina, pelas conquistas da ciência e a investigação dos aspectos mais sutis e emocionais do corpo humano, que não apaguem o conhecimento ancestral produzido ao longo de eras de observação do funcionamento da vida, mas que busquem a utilização da totalidade do conhecimento já produzido sobre o funcionamento de nossos corpos em benefício de toda a humanidade. Um projeto de difícil execução na realidade que conhecemos hoje, contudo, caminhar nesse sentido, ainda que a passos lentos, exige decisões e atitudes cotidianas possíveis, especialmente no que se refere ao autoconhecimento e observação do funcionamento dos nossos corpos.

A medida em que pequenas atitudes nesse sentido passam a fazer parte de uma rotina diária, fica cada vez mais claro que delegar nossa alimentação, nossa proteção e nossa saúde ao mercado é loucura. Uma economia que não serve a sociedade não serve para a sociedade.

O capitalismo mantém-se por meio de crises. Situações externas ao sistema econômico como a pandemia, não são crises independentes, pois acirram a crise que já está em curso. É como se estivéssemos vivendo a soma de todas as crises e com isso nos aproximamos cada vez mais da grande batalha dos nossos tempos.

Isso não deve servir para o medo, mas para criar o senso de urgência necessário para nos organizarmos. O colapso ambiental planetário é mais grave e mais severo para as populações da periferia do capitalismo do que o COVID-19, por isso o momento é de mobilização. Tudo está em construção.

É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Contudo, poucos dias foram necessários para fazermos renascer o riso e a solidariedade, o ar mais puro, o caminhar dos animais, o voo sem vestígios dos pássaros ou o simples prazer de

estarmos voltados para os pequenos prazeres da vida.

A pandemia trouxe uma constatação óbvia: a vida no planeta floresce quando os seres humanos saem de cena. Canais de Veneza limpos, cardumes de peixes avistados nas praias, animais selvagens passeando tranquilamente com seus filhotes por avenidas desertas. Esse cenário envolve uma romantização perigosa pois gera a ideia de uma falsa oposição “seres humanos x natureza”, como se não tivéssemos escolha entre estar no planeta com nossas atividades humanas e respeitar a natureza.

Ao abandonarmos essa ideia, fica mais claro que a busca de alternativas que integrem o ser humano na natureza é a chave para a construção de um novo projeto de sociedade onde a acumulação infinita e a produção e circulação de mercadorias não seja nossa sentença de morte. O vírus não é a humanidade mas sim o sistema.

Essa dicotomia simplesmente não existia na forma como os povos originários viviam antes da colonização, pois eles viviam de forma integrada. Essa “ecologia originária” pode ser uma fonte de referência para novas formas de interação social, sem romantização ou retorno aos antigos hábitos da vida pré-tecnológica, mas buscando soluções com referência na época em que o ser humano vivia integrado com a natureza, o que conseqüentemente coloca em xeque a ideia de consumo, acumulação e ocupação, combatendo o colonialismo, o machismo, o capitalismo, e gerando outras formas de se relacionar onde a vida não seja mercantilizada.

A colonização trouxe a pobreza epistêmica com a crença das divisões entre natureza e cultura e entre mente e corpo, facilitando a dominação por meio da acumulação daquilo que é retirado de um grupo e a afirmação do colonizador a partir da negatização do colonizado.

A colonização do corpo e da mente, assim como a colonização

da terra, são violências territoriais ainda muito presentes, pois nossos corpos têm sido território de disputas comerciais pela indústria farmacêutica, pela dominação patriarcal e pelo consumismo desenfreado.

A história da América Latina continua sendo uma história de senhores e generais, uma história que nega os saberes ancestrais e coloca os povos originários num lugar de esquecimento.

Assim, é ainda mais importante que na América Latina um projeto de futuro seja um processo construído a partir do sul global, dos povos originários, valorizando iniciativas e saberes locais. Daí a referência no “Bem Viver” poderia mudar a consciência geral e elevar a ruptura do processo produtivo destrutivo.

O “Bem Viver”, ou “Sumak kawsay” do povo Quechua, “Teko Porã” dos povos Guaraní, entre outros nomes conhecidos por diferentes comunidades, é um conceito amplamente difundido entre os povos originários. É o modo de vida das populações em harmonia com a natureza que constroem o que é bom, o que é belo e a boa convivência para uma sociedade referenciada em valores que garantam o respeito às identidades e o reconhecimento da importância de uma relação extremamente respeitosa com o planeta, valores opostos ao antropocentrismo da sociedade desenvolvimentista que já não serve ao futuro.

O tempo está passando muito rápido, mas a sensação é de que não está indo a lugar algum. Depois de mais de sessenta dias de quarentena essa é uma conversa que tive mais de uma vez com amigos e com meu companheiro. A suspensão do tempo causada pela quarentena diante do COVID-19 talvez seja um dos seus aspectos mais angustiantes. Se antes víamos o futuro como uma repetição do passado recente destinado a um caminhar cego e brutal sempre avante, agora essa pequena porção de futuro sólido que havíamos

projetado desfaz-se tão velozmente quanto os mil argumentos dos sonhos sem fim da mesma quarentena. Neste contexto, talvez o gesto mais concreto seja, como num jogo infinito de espelhos, olhar para trás para ver à frente. Imbrincados como uma fita de *moebius* sem início nem fim, sem dentro, nem fora, sem ontem nem amanhã, o contexto da pandemia convoca-nos ao pensamento integrado, sistêmico; nos convoca a pensar na areia do Saara que fertiliza a Amazônia e que também se deposita sobre os automóveis de Roma. Não é mais possível compreender o mundo através de um sistema patriarcal binário, condenado ao certo e errado, ao dentro e fora, ao meu e ao teu.

Olhar para trás na circunferência é olhar, justamente, para frente. Os *trend topics* da quarentena para quem vive uma vida de privilégios - com casa, comida na mesa, trabalho remoto que mantém a entrada de recursos, informação e sanidade - são em geral a fabricação de pães em casa, com amigos queridos compartilhando fotos que honram o trigo (desejos de que fosse orgânico, produzido por agricultura familiar e mercado justo) e a compostagem. Minha mãe sempre dizia que quando construísse a sua casa, não faria sala, faria somente cozinha porque não importa o quão boa e confortável a sala fosse, todos se reuniam sempre na cozinha. Espaço de agregação e afeto, a cozinha é, para mim, a metáfora do tempo na quarentena. A redução dos compromissos, a redução do FOMO - *fear of missing out* - já que nada acontecia, permitiu a muitas pessoas fazer aquilo que leva tempo, que requer dedicação, atenção e cuidado. Um pouquinho a cada dia. Observar como estão mudando as cores das folhas. O fermento que cresceu mais um milímetro, enquanto a Terra continua operando como sempre, parecendo que agora num ritmo também um pouquinho mais lento.

O pão caseiro, a roupa costurada por você mesmo, a alface da

horta. Quanto é possível pensar uma economia hoje que atenda às nossas reais necessidades e não àquelas inventadas pela publicidade? A percepção - aos mais atentos -, do que é, de fato, essencial em nossas vidas parece ter ficado evidente nos últimos meses. Como essa ideia poderá florescer naquelas mentes cimentadas no latifúndio da monocultura? Como poderemos nos favorecer da multiplicidade de saberes locais que caminham pelo mundo tal qual a areia do Saara? Como aplicar saberes em nossa vida cotidiana para conquistar autonomia sobre nossos corpos e nossa saúde? Como esse aprendizado nos conduzirá a transformações no sistema em que vivemos?

Alegra-me receber a informação de que entre os países que estão gerindo melhor a crise estão aqueles governados por mulheres engajadas em um modo de governo que não corresponda às expectativas do patriarcado. Jacinda Ardern, primeira ministra da Nova Zelândia, fez constantes transmissões ao vivo e se dirigia à nação - embasada por diferentes cientistas e profissionais da saúde - para compartilhar suas estratégias de contenção da crise. Sanna Marin, primeira ministra da Finlândia, se preocupou em responder pessoalmente às dúvidas e angústias das crianças do país que, como todos os outros, tateavam ainda com mais incertezas esse futuro próximo.

Muitos podem achar que são pequenos países, ilhas ou outras exceções. Cada país tem uma complexidade única e não basta replicar modelos; contudo, esses países demonstraram boas práticas que podem ser adaptadas em outras realidades.

O estilo de liderança das mulheres é pouco estudado e estimulado, chegando a ser sufocado por empresas e governos que valorizam o estilo de liderança e o comportamento masculino, fazendo com que mulheres tenham que atuar como homens se quiserem ser bem-sucedidas. Enquanto observamos os grandes

líderes usando a crise para acelerar políticas autoritárias, os países liderados por mulheres andaram no sentido oposto com ações baseadas no cuidado, empatia e transparência. O que impede outras nações de aprender e reconhecer lideranças femininas?

Se aquilo que é essencial parece ter adquirido definições mais robustas para as gerações dos últimos cinquenta anos, a urgência em relação aos recursos do planeta tem ficado bastante evidente nas pautas atuais. “De-crescer”, mudar os parâmetros de avaliação de desenvolvimento, buscar alternativas aos nossos modelos de consumo. Perguntar. Questionar. Nos últimos doze meses vimos emergir com muita força e coerência projetos descentralizados como Fridays 4 Future e Extention Rebellion. Jovens e crianças tomando para si a responsabilidade de tatear esse futuro e dissipar a névoa que pairava já sob suas perspectivas de amanhã. Manter o petróleo no solo, como reivindica Greta Thumberg, ciente dos impactos de seu consumo e extração, parece ter agora uma ponta de esperança de se realizar, quando presenciamos a queda brusca do consumo do petróleo como combustível para o transporte aéreo e terrestre. A Terra parou. O petróleo jorrou. A consciência da finitude dos recursos poderá ser revista se, mais uma vez, mudarmos o ponto de vista da linha reta para o círculo, para o ciclo. Na natureza não há acúmulo, não há desperdício. É isso que o ciclo do pão nos ensina. Que a compostagem nos detalha.

Nos cenários futuros hipotizados pelos especialistas economistas ecológicos, como Simon Mair⁵, estão: o *Estado Capitalista*, com respostas centralizadas focalizado no mercado de bens; o *Barbarismo*, com respostas descentralizadas focalizado no mercado de bens; o *Estado Socialista*, com respostas centralizadas focalizado na proteção da vida, e a *Ajuda Mútua*, com respostas

descentralizadas e focalizada na proteção da vida. A defesa de um modelo misto nos dois últimos cenários parece-me interessante e viável. Temos assistido a isso nos pactos de cidadãos e, mais uma vez, nos modos de governar das mulheres. Porém, nenhuma mudança será efetiva se não reavaliarmos a quem nos referimos quando dizemos *vida*. A perpetuação de uma perspectiva antropocêntrica, onde tudo e todos no planeta estão à disposição dos humanos, não nos projeta para um futuro diferente da realidade que vivemos hoje.

Entre a linha e o círculo, Donna Haraway, nos convoca a pensar novas formas de existência com um mote complexo e desconcertante “Não faça filhos, faça parentes”. Em uma perspectiva de 10 bilhões de pessoas nos próximos anos, grande parte nascidos em condições de pobreza e miséria, a convocatória da filósofa é um pedido a olharmos nossas relações com mais cuidado. De abandonarmos a ideia de família como propriedade privada do estado patriarcal e liberal, de criarmos núcleos de relações possíveis que se ocupem do pão, das crianças e dos idosos.

Olhando para trás, vejo o futuro naquilo que é circular e por isso eterno, sobretudo no momento presente (maio de 2020) onde aqui na Itália vivemos a expectativa do pós-quarentena, enquanto a primavera nos convida todos os dias a fluir com o ciclo natural de renovação da vida. O momento é propício, o estado de suspensão que tanto assusta é também o ideal para a realização daquilo que sonhamos. Deixo aqui um convite e a provocação: Você conhece organizações que estão pensando numa nova sociedade? Conhece projetos que estão surgindo nas cidades, no campo e nas florestas?

Temos as ferramentas e o conhecimento. Estamos aqui e não falta mais ninguém.

1 – Dados da OECD. <https://data.oecd.org/healtheqt/hospital-beds.htm>)

2 – Guia Interfarma 2019 (Associação da Indústria Farmacêutica de Pesquisa) <https://www.interfarma.org.br/public/files/biblioteca/guia-interfarma-2019-interfarma2.pdf>

Depression and Other Common Mental Disorders – Global Health Estimates by World Health Organization (OMS)
<https://www.who.int/publications-detail/depression-global-health-estimates>

3 – Naomi Wolf “O Mito da Beleza - Como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres”, um dos livros mais importantes da terceira onda feminista.

4 – Pesquisa Perfil da Enfermagem, do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) e da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).
Matéria: <https://azmina.com.br/reportagens/enfermeiras-na-linha-de-frente-contra-o-coronavirus/>

5 – Mair Simom_How will coronavirus change the world? BBC Future 31st March 2020

FIAMMAVIOLA é questionadora desde criancinha e encontrou nas potências no feminino seu espaço de expressão como artista visual, feminista, ativista, doula, professora de yoga, mãe e apaixonada pela construção de novas narrativas onde a mulher possa viver num espaço de respeito e reconhecimento pela sociedade. Paulista vivendo em Bologna desde 2016, é ativista política no coletivo “Bologna per la democrazia in Brasile”

e desenvolve projetos artísticos e outros tipos de bruxaria buscando restabelecer o feminino como a força impulsionadora de uma sociedade mais justa e em harmonia com os ciclos da natureza.

Instagram @fiamaviola

e-mail - joimagetica@gmail.com

MELINA ALMADA SARNAGLIA é uma sonhadora de futuros possíveis através do design, da arte e da cultura para regeneração do planeta. Como gestora cultural em museus como o Museu de Arte do Rio e o Museu do Amanhã, desenvolveu projetos de impacto nas comunidades educativas nas quais os museus se inseriam com especial atenção à acessibilidade, gênero e sustentabilidade. Em Bologna, desenha experiências educativas para sustentabilidade através do projeto cambIO e é ativista política no coletivo “Bologna per la democrazia in Brasile”.

Instagram @melina_almada

e-mail – melina.sarnaglia@gmail.com



As iniquidades que nos afetam: passado, presente e futuro

Em tempo de máscara, sorrisos escondidos e olhares afetivos, temos acompanhado a evolução do novo coronavírus. A pandemia assola diferentes grupos sociais, da elite aos grupos mais vulneráveis: moradores de rua, moradores de favelas e periferias, idosos, pessoas do sistema prisional, entre tantos outros, bem como a população racializadas (negros, afrodescendentes, indígenas) entre outras. Entendemos que os grupos mais vulneráveis são os mais atingidos devido ao racismo estrutural.

A pandemia da covid-19 alterou o cotidiano das pessoas nas sociedades contemporâneas, fixando novos modelos de relacionamento e comportamento. Alterações profundas ocorridas em uma perspectiva psicossocial mostram suas diferenças, no entanto apresentam também o que existe de comum, os afetos. À medida que a pandemia continua a se espalhar, diferentes veículos de informação enfatizam diversos temas relacionados ao momento atual nas sociedades contemporâneas.

Notícias têm sido veiculadas em todos os meios de comunicação, em todo o mundo sobre a pandemia. Por um lado, o afeto parece ser um dos “remédios mais receitado” nas mídias.

“Reforce o afeto: ligue diariamente.

“O afeto, amor, carinho e a calma são essenciais. O afeto é o mais importante”.

“É muito difícil viver sem o afeto diário no núcleo familiar”.

“Neste período a senhora recebeu muito afeto e solidariedade da sua cidade, em particular dos alunos da quinta série”.

“As máscaras complicam os afetos, mas os olhos revelam que estão sorridentes”.

Nesta direção Bader Sawaia¹, questiona: qual seria esse afeto? É preciso ter cuidado para o efeito colateral do individualismo e do afetivismo, cujo benefício é fugaz e ilusório.

Por outro lado, observamos outras notas, amplamente divulgadas pela mídia (inter)nacional. Nesse sentido o meu olhar recaiu sobre as desigualdades sociais e raciais, considerando que as iniquidades em diversos segmentos das sociedades contemporâneas são resultados de injustos processos socioeconômicos e raciais.

“O tiro que matou João Pedro”

“Favelas do Rio não têm paz, nem mesmo na pandemia!”.

“...mais um jovem negro assassinado brutalmente”.

“Estudante denuncia racismo por uso de máscara de proteção no Rio de Janeiro.”

“A pandemia e a luta indígena em um planeta que tem febre: a pandemia mata”.

Nas sociedades contemporâneas, o racismo estrutural tem corroborado com a morbimortalidade das populações racializadas, em particular, em tempos de pandemia do coronavírus. Entendemos que, a presença do racismo, do preconceito e da discriminação racial como práticas sociais, representa obstáculos à redução das desigualdades raciais. Assim, ressaltamos a importância de dar visibilidade e mobilizar toda a sociedade para o combate ao racismo, em especial no que se refere a juventude negra. O racismo deve ser amplamente combatido pela humanidade. As sociedades contemporâneas insistem em negar o racismo, e que quanto mais tarde essas sociedades encararem as mazelas históricas da desigualdade, mais jovens terão sua cidadania sepultada.

Não existe uma maneira única de ser jovem. Cada um constrói, à sua maneira, um modo de ser, de agir, de confabular e de fazer sua história, dentro de uma circunstância dada. O sentido existencial do jovem está em formação, o que o faz necessitar de coisas concretas e de sonhos. É próprio ao jovem ansiar por oportunidades, formular projetos de vida adulta, deixar-se fascinar pela liberdade, sonhar com experiências de realização no trabalho, nas amizades, na sociedade.

Que o apoio nas fases inicial e intermediária da infância seja complementado por investimentos em educação, creche, cuidados de saúde, proteção, segurança e participação dos adolescentes, em especial para jovens negros e indígenas. Que dados e informações sejam coletados para identificar os grupos mais vulneráveis de jovens em todas as regiões e as iniquidades que os afetam, para lhes garantir mais investimentos, oportunidades e direitos.

Que os jovens sejam ouvidos nos processos de tomada de decisão como condição essencial para se alcançar mais equidade. Que as escolas aproveitem o interesse dos jovens pela aprendizagem e contribuam para que eles adquiram competências, habilidades e conhecimentos necessários para desenvolver todo o seu potencial. Que um esforço especial seja feito para reduzir a violência que atinge os jovens negros, indígenas, nas sociedades contemporâneas, em particular no Brasil. Cada jovem assassinado é um ataque à humanidade, especialmente à sociedade brasileira.

Diante de um cenário de altas taxas de desemprego, e de desestruturação e precarização do trabalho, como a juventude tem reagido? Hoje, jovens de todas as classes e situações sociais expressam inseguranças e angústias ao falar das expectativas em relação ao trabalho, no presente e no futuro. Por isso, é urgente a criação de programas específicos para essa população.

É na fase da juventude que o flagelo do desemprego ganha contornos preocupantes, consequentemente, há grande quantidade de jovens com baixa escolaridade e falta de experiência para a inserção no mundo do trabalho. O que leva a uma realidade em que justamente no início de vida profissional e adulta se encontram numa condição de desemprego, desalento e desprovidos da possibilidade de construção de um projeto de vida adulta.

O que haveria de comum entre jovens? Que vínculos existem entre jovens que possuem garantias familiares para se escolarizarem no tempo adequado e outros de mesma idade, que já se encontram diante dos desafios e de barreiras sociais? O que tem em comum jovens que vivem em espaços sociais economicamente valorizados da cidade e jovens que moram nas favelas e periferias? Jovens racializados (negros, indígenas) e jovens brancos? Ainda que de gênero, classes e idades semelhantes? Certamente, as respostas vão muito além da agregação etária, da cor/raça, mas apontam para a necessidade de refletir sobre as diferentes condições objetivas e percepções sobre os sentidos de ser jovem hoje. Somente dessa forma é possível dirigir um olhar sobre a juventude que contemple a sua diversidade, mais adequado à situação real.

Nessa perspectiva, pode-se dizer que se está diante de uma mesma geração quando os sujeitos, em alguma medida, vivenciam espaços-tempos comuns de sensibilidades, saberes, memórias, experiências históricas e culturais. Diante do agravamento das condições de vida de parte ampla da população jovem brasileira – em especial os setores mais vulneráveis: jovens indígenas, jovens negros e moradores de periferias e favelas – incide diretamente no aumento da sensação de insegurança no presente e das incertezas quanto à vida futura. Não é de se estranhar, assim, que sobre eles tenham recaído as principais ações – não necessariamente de políticas públicas – de controle social tutelar e repressivo e violento. Vidas negras importam!

Nesse processo, muitos jovens vêm pagando o preço de políticas econômicas que os excluem das possibilidades de incorporar-se de maneira produtiva e cidadã à sociedade. Um dos grandes desafios democráticos se relaciona com as encruzilhadas que podem ser percorridas para que a participação social se torne objetivo e meta realizável numa sociedade em que tantos jovens se encontram em processo de exclusão econômica e marginalização social.

A ampliação de conhecimentos sobre as diferentes realidades juvenis, necessidades insatisfeitas, motivações e subjetividades em curso, especialmente àquelas relacionadas com os jovens pobres e negros que mais dificuldades enfrentam para realizar escolhas alternativas e projetos autônomos, é condição necessária para a definição de políticas públicas sintonizadas com os sujeitos e realidades que se quer transformar.

As contínuas transformações do mercado de trabalho, a desigualdade social, o racismo estrutural, repercutem na vida e na formação do jovem. Essa realidade provoca o poder público, a escola, a família e as sociedades contemporâneas, a discutirem a realidade do emprego, da capacitação profissional, da segurança, do combate a violência para com os jovens.

Há necessidade de políticas públicas voltadas à população juvenil. Tal procedimento compreende não apenas a formulação e a implementação de políticas de inserção, como também de programas de lazer e cultura – há ausência de espaços culturais para os jovens nas periferias, capacitação profissional e para a cidadania, a oferta de oportunidades de experiências de vida e o próprio conceito de trabalho.

Numa sociedade marcada pela transitoriedade, repleta de sinais confusos, propensa a mudar com rapidez e de forma imprevisível, a escola, a família, o Estado, e as demais instituições devem

proteger os jovens, bem como, cuidar da formação ético-social e profissional, para que estes possam modificar suas biografias e a de seus companheiros. Para que a juventude se torne realmente uma fase de oportunidades para todos, será preciso, que as necessidades específicas desta fase sejam contempladas nas políticas públicas, e que a agenda dessas políticas seja uma agenda específica e positiva focada na promoção do desenvolvimento integral da juventude.

MARCOS ANTONINO BATISTA DA SILVA é doutor em Psicologia Social, pela PUC-SP, Brasil. Investigador em pós-doutoramento no Centro de Estudos Sociais (CES), Universidade de Coimbra (UC), Portugal e integrante do projeto (725402 — POLITICS — ERC-2016-COG).

E-mail: marcos.psico@yahoo.com.br



Cicatrizarse es un proceso biológico

Alejandra Coz Rosenfeld



Cuando las grietas deben de ser grietas
cuando la luz y el goteo hormiga rompa la vasija cascarón de huevo
Ahí la fuerza del río fluido inexorable que tantas piedras
trae por eones
te tomará tus pinzas con pinzas
y pondrá un par de flotadores en cada ala
aún plegada, para soltarte con el impulso
del columpio de madera de plaza,
que tu padre sostenía en las grandes alturas de los ascensores
que bajarías sin freno

Allí una vez lanzada la felicidad que sopla viento y lluvia
en tus mejillas
Llenas los pulmones y te sumerges para dar un salto trucha
y caer parada en una nueva orilla llena de malezas
y flores silvestres y tierra húmeda
donde las serpientes ya no son albinas
y donde cada araña teje que teje su chal de tres puntas
con los colores que se les antoja.

Cicatrizar es un proceso biológico. Volver a eclosionar es un proceso biológico, querer sobrevivir también lo es.

El estertor del Capitalismo, donde la palabra individualidad se ha presentado en su máximo esplendor con la máscara de unión colectiva bajo el lema modo supervivencia me cuido te cuido, sin embargo no todo lo que brilla es oro, porque allí donde los polos se unen, los extremos se diluyen y ya no sabemos ni siquiera hacia dónde dirigir nuestros pensamientos. El estado viral podría interpretarse como la gran jugada, el último chance desesperado del experimento neoliberal agarrado con uñas y dientes del borde

de su inminente caída libre. Es justo ahí donde ponemos toda nuestra Fe y cruzamos los dedos para que la promesa de un devenir más justo se haga realidad. Sin embargo para nuestra realidad también podría acontecer que sea la estocada perfecta para que se reestructure un nuevo Capitalismo 3.0, porque el Ave Fénix también puede involucionar, siendo más restrictivo y autoritario, más controlador, más frío y calculador. Pero aún así hay que tener puesta la esperanza en la sombra, ¿curioso no?, debemos atrevernos o más bien, rendirnos ante la experiencia y privilegio (según se mire) de habitar el Hades un período con la confianza tendida sobre el ciclo eterno de la regeneración, el Uróboros, el inicio del fin del inicio y así sucesivamente por eones. Es una invitación para que deambulemos por el inframundo, para que caminemos por el fuego para ver si así somos capaces como humanidad de transformarnos. Necesitamos el sacrificio, dejar morir esa parte que ya no sirve más, esa parte caduca que ya no tiene más validez, para que así demos espacio a ese nuevo no sabemos qué ni quién y emerjamos de punta en blanco dispuestos nuevamente a todo. Sabiendo siempre que se tiene un riesgo, porque todo tiene doble faz, porque puede suceder que descendamos aún mucho más allá. Todo acontece al unísono, somos multiposibilidades, multiversos, vínculos de miles de telas de araña, donde las realidades individuales se tejen y entrelazan con las realidades colectivas y las realidades colectivas a su vez tienen distintas capas y así sucesivamente, como fractales. Infinitas capas sutiles que se van desplegando dependiendo del nivel de conciencia.

Irreductiblemente estamos en el borde del acantilado, pisando la frágil línea fina, no hay más o se salta o se salta, porque hemos llegado al punto de no retorno interno y externo.

Los poderes que hasta ahora conocíamos y frente a los que nos sublimamos tantos tantos años, no quieren dar su brazo a torcer y

están dispuestos a llegar hasta las últimas consecuencias ya que esa sed no se calma, ni siquiera cuando la muerte ronda tan a cuerpo suelto por las calles, ese deseo extremo no tiene ya máscaras ni vergüenza.

Como seres vivientes y pulsantes, siempre hemos estado, y seguiremos estando, insertos en el eterno ciclo regenerativo, en los procesos biológicos de cicatrización, que implican muerte y nacimiento. Las estructuras que ya cumplieron su rol evolutivo, (a veces involutivo, aunque siempre será evolutivo, porque sí que todos los caminos llevan a Roma), han de ser transformadas, han de abrirse nuevas grietas por donde entre lo nuevo, que nada nos promete hasta ahora.

Puede ser que lentamente todo cambie, puede ser que la humanidad se humanice, que el colectivo haga cuerpo y dejemos de ser lo innecesario, puede ser que al fin dejemos de ser esclavos de nosotros mismos y del deber, como bien dice Byung-Chul Han para dejar de una vez la yerra que llevamos tatuada. El tiempo es oro y poder finalmente entrar en conexiones sutiles. El algoritmo se saturó, el *Big Data* ya no da más (aunque siempre puede más), y si así fuese podría transformarse y volverse aún más preciso y manipulador, con ideas más ilusorias de libertades que más bien se dedican al monitoreo permanente y exhaustivo de los pensamientos más íntimos, porque lo privado hoy, es muy público.

Sin embargo, incluso esto forma parte de la gran Matrix que es la vida misma, la que nos vuelve a sorprender y nos susurra a gritos que nada depende de nosotros, que es mejor que nos dejemos llevar por la corriente, que el caos, interno y externo, forma parte de la rueda de ciclos espirales infinitos, que esto es indispensable para volver al equilibrio de la medida perfecta (por el tiempo estimativo de aprendizaje que ella misma evaluará en lo incierto). Quizás lo

más difícil de este aislamiento ya sea voluntario o no, es volver a estar con nosotros mismos, sacar el pie del acelerador, dejar de hacer las tantas cosas sin sentido y volver a sentir que sentimos.

La vida nos empuja y enseña, puede ser que nademos en contra, pero lo cierto es que ha llegado carta, estamos todos invitados, el único requisito es tener ovarios y cojones, estamos viviendo tiempos extraordinarios, somos parte, contemporáneos a, tiempos de derrumbes (y cosechas, aunque sea paradójico) donde los escombros y las caídas pueden ser menos dolorosas quizás o sentirse como un sablazo en la cabeza. A todos se nos está pasando la factura, nadie queda impune, sea como sea debemos rendir cuentas, tanto a la Tierra como a nosotros mismos, como individuos y como colectivo, la única manera de mantenerse en pie es no resistirse ante la omnipotencia del inminente cambio, tratando de no olvidar que a pesar de sentir que todo pierde dirección, aún existe la belleza, que incluso es posible percibirla en las profundidades, aún allí existe la esperanza, los encuentros, la promesa de una próxima Primavera, el canto de los pájaros, el perfume de las flores, las estrellas fugaces.

ALEJANDRA COZ ROSENFELD / Santiago Chile, 22 Junio 1972. Madre, artista, poeta, terapeuta transpersonal y astróloga. Estudia Letras y Estética en la Pontificia Universidad Católica de Chile y Arte en Palazzo Spinelli, Florencia / Italia. Ha publicado dos poemarios MAREA BAJA / Editorial Cuarto Propio 2017 y LA JABALINA / Ediciones Filacteria 2019. Desde 1993 hasta inicios del 2020 trabaja como asistente personal de la artista visual Lotty Rosenfeld. Hoy representa y administra su *Estate*. alejandracoz@gmail.com



Um quarto de volta e mais um regresso

Eram umas três da manhã. O silêncio pairava sobre os meus ouvidos, sentia uns estalidos de carnaval à solta, espaçados, esboços de um ruído tímido, seria um esquilo esvoaçante no tecto?, liguei a luz do candeeiro do meu lado esquerdo. Um vulto redimensionou-se na parede, cruz-credo, benzi-me, tossi para cima dos cortinados de veludo, estarei com a Covid-19?, Nunca mais acaba esta estranheza, os relógios pararam, nem ponteiros afoitos cruzavam os limites dos dias. Olhei para a sombra com a habitual parcimónia, discernia apenas as minhas pestanas, disse a minha mãe que parecia o menino Jesus quando nasci, tanto de lutadora quanto de sonhadora, esse sinónimo de amor. Desliguei a luz, voltei aos meus planos, sonhar distante, quebrando as barreiras do subconsciente, tomando parte deste corpo inerte, na contradição do pensamento, e viajar pela invenção imediata desse novo mundo.

Salto de uma nuvem para a outra, faça-me comandante, nomeio-me general das tropas bélicas de Agamémnon, que cavalgam sobre Troia, sou possivelmente o irmão de Aquiles. No cerco de Troia, como no cerco de Lisboa, visto a pele de Raimundo Silva, antes de ter acompanhado Ulisses a casa. Fui eu que venci Circe, numa luta desigual, empunhei a minha espada e desferi um golpe inicial. Senti as suas fragilidades no sangue que jorrava sobre a minha armadura de cavaleiro medieval. E ficou ajoelhada a bela Circe, doente, notava-se no rosto, o olhar desmaiado, a pele amarelada, a peste, a pandemia do século, os gritos de socorro, o contágio, os porcos a soçobrarem, um a um, os meus velhos amigos.

H. G. Wells acordou, ou melhor, ressuscitou, não sob a forma de uma reencarnação, formou-se num homem invisível, que

vendia panos, mas o talento estava lá, tinha olho para o negócio, sem nunca enganar a clientela. Dizem que vendeu muitas máquinas do tempo. Ele e o seu inseparável companheiro, o Dr. Moreau. Eu com o Aldous Huxley na mente e o seu admirável mundo novo, que este já é um andrajo de trazer por casa, o malandro, que não se cuida, ou nós não cuidamos dele, coitado, o clima todo trocado, furacões e ciclones, chuvas ácidas, raios, o estupor do Andrade, a despachar culpas com o dedo indicador da mão esquerda. A mão direita ocupada com o copo de vinho tinto, ainda soletrava uns vivas entaramelados, mas não finalizava o discurso. A malta ria-se desalmadamente, embora muitos sem alma, iam ao fundo do espírito e punham-se a inventar, algumas sem pele, sem etiqueta identificativa, o vigilante no aeroporto manda passar de novo, há um sinal sonoro, tem as chaves do carro no bolso, eu já estava a ficar vermelho, pá, queres ver que trouxe aquela dose de erva?, como me pude esquecer, palerma? A malta esticava-se nos bancos corridos, alguns davam murros nos tampos de madeira, era um fartote. Que saudades desses velhos tempos!

Estou com a Covid-19, penso eu, fico confuso, serei eu o narrador? Participo nesta história sem sentido, logo eu que nada tenho para contar. O que pretende o leitor saber? Vá, despache-se que ainda é tempo. Tantas coisas úteis para ler. São os meus delírios. Ou serei eu o narrador da pequena história do tringalhadas do Hipólito, que afinal sou eu, remeto para o narrador participante acima. Sim, costas largas, acarreto as responsabilidades, venham elas, assino por baixo, de olhos fechados, cuide-se, ouviu? Tantos e tantas de língua viperina, a espreitar pelo postigo, malandros, que me seguem os passos, estou indeciso, trocam os olhos, que vou para lugar recesso, incorrigíveis, apesar da desenvoltura dos meus movimentos, é uma arte esse desaparecer e criar curiosidade. Ou às

tantas ainda a desperto mais. Esperem aí que já vos troco as voltas. Ah, campeões, estão convencidíssimos, soberbos, pois, Narcisos que habitam espeluncas. Nem têm nada para fazer. Leiam livros, seus inúteis! Aprendam a voar.

As horas não passam, terríveis insónias, Sónia, acode-me, sai desse organismo, desfloresce-me. Abrenúncio, que és um fantasma! Ou morreste e és um esqueleto sem osso. Tens o rosto desfigurado. Eras a mais bela da turma, elegante, braços finos, pernas bem torneadas, iam dos pés à cintura e regressavam com elegância. Choro por ti neste terreno pantanoso em que se transformou a minha cama. Ou é um túmulo e trouxe-te flores frescas para o jantar à luz dos candelabros. Sempre fui um galaroz, com os meus galanteios, não resistias, sorrias e baixavas a cabeça em anuência. Estou aqui inerte à tua espera, da tua mutação esperançoso, que não me perco destes arremedos, por isso ensebo-me, precisamente para me tanger nas pernas da cama, para tingir os pensamentos com os teus beijos quentes.

Vou à sorrelfa para o canto do quarto, não estou disponível para aprestos, sinto a minha valentia a ficar hidrópica, a janela está fechada, mas há milhões de mosquitos na gelosia, sinto-os ébrios como o estupor do Andrade, senhor dos anéis e das falcatruas, volta e meia lá vem ele, à cabeça, danado, que me fintou algumas vezes. Um tição que se enfrascava todo, manhã à noite, depois batia na mulher, o malvado, casou-se por dinheiro, agora vive à conta do erário familiar. Ela fugiu sem deixar recado. Os pais ficaram-se, ainda puseram processo em cima do Andrade, ele só sabia provocar, sem filhos, pois, ficou com tudo, mas de nada adiantou. Os velhos choraram a rapariga, carregada de sonhos, o casamento foi um estrépito, mandaram vir flores lá de fora, de alta qualidade, com validade e garantias. A banda era estrangeira, um bando de mexicanos, com

maracas e violões. Cantavam desafinados, mas foi um estrondo o apronto musical. Palmas e mais palmas, olés e gritos desvairados que ecoaram pela vila inteira. O povo foi todo. Nunca visto. Os Mal-tas estavam satisfeitos com a melopeia. O bolo de casamento tinha seis andares, da melhor pastelaria do Porto, teve de ser transportado com mil cuidados, os miúdos lambuzavam-se, punham os dedos e furavam-no com matreirice.

O parvo do Andrade não me saía da cabeça, aquele bulício feroz, quem desejava saber deste impecunioso ser? Estava cheio de imprecisões e desenquadrado da realidade, que nem sei, de que lado estou. Pode o leitor ajudar-me? Estarei dentro da ficção ou é real o que aqui relato? Pensei mesmo nisto? Terá acontecido? Quero provocar-me, belisco-me, volto a tossir. Estarei com a Covid-19? Ligo a televisão. Lembrei-me agora, não tenho TV no quarto. Ainda estou no quarto? Acho que vim até à sala. Ouço os homens do lixo lá fora. Está uma noite gélida, neste Março da pandemia. Os chineses comem cada coisa. Eu cá gosto de umas sandes de leitão e um espumante da Bairrada.

Permaneço inerte, apenas faço movimentos circulares com os olhos, como se fosse um jogo que inventei na hora, e ponho-me a brincar, hipnotizo um mosquito que conseguiu entrar, acho que ficou tonto e cai sobre o meu ombro, acompanho-lhe o olhar, parece zangado ou triste, não me proponho discernir. Mas julgo que ele sente a minha tristeza, pela posição do corpo, noto-lhe o sangue humano a percorrer as patas. Já percebi que é o manual da sua sobrevivência, o seu elixir da juventude, tenho tudo para o espalmar na minha pele, mas sinto uma estranha compaixão, ponho-me no seu lugar, exactamente no meu ombro, eu, mosquito, no ombro que era meu. Um combate íntimo e intransmissível.

Estive ali a lembrar durante um determinado tempo, possivelmente foi longo, pois senti um estranho cansaço. O mosquito adormeceu e passei a cuidar dele como um animal de estimação, dava-lhe água numa tigela, onde ele fazia alegremente voos picados e mergulhava como uma gaivota a apanhar cavalas. Um dia comprei uma gaiola, brilhava de nova, era redonda e tinha todas as comodidades lá dentro. Nos primeiros tempos, o mosquito dormia profundamente num ninho minúsculo de palhas que instalei na base da gaiola. Mas foi um ar que se lhe deu, deixou de resfolegar ao fim de dois ou três dias, zunia sem fim durante a noite, não dormia ele, não dormia eu, note-se que ainda estou na dúvida se sou eu mesmo o protagonista nesta história. Conheço um Hipólito que morava na mesma rua, eu do lado de quem sobe, ele do lado de quem desce. As nossas mães falavam-se, deixavam lamúrias e algumas palavras de alento, o tempo, a vida, a faina, a labuta, os filhos, as sogras, as tormentas, lá mais para o fim, os maridos.

Um dia decidi libertar o mosquito, pousei-o no meu ombro e tivemos uma conversa séria, entre amigos que muito se estimavam, convenhamos. Eu disse-lhe que era tempo de decisões, que ele tinha de ser autónomo e independente, de prosseguir a sua vida, porque não encontrar alguém com quem partilhar os seus dias? Na verdade, ele nunca foi impedido da sua liberdade, mas foi ficando, tinha mesa e cama limpa, acomodou-se. Ele pôs-se a chorar no meu ombro. E eu, que nunca fui homem sensível, senti uma lágrima, um sentimento estranho invadiu-me a partir de dentro, queria resfolegar, mas qual quê?, fui apanhado pela matéria, células sentimentais, ali estivemos os dois num abraço imaginário, não fosse esmagá-lo com aquela vontade inicial de quando nos conhecemos. De repente, poderia sentir esse maldito impulso, descontrolado e fora de mim, e pusesse um fim trágico à sua existência. Deixá-lo morrer de velho,

como merecia, pelas horas de companhia, amparando as minhas desilusões. Ele puxou as asas atrás e levantou voo, qual fénix renascida, retorceu-se, esfumou-se pela janela aberta, por onde entrava um torpor que me engelhava a pele, que me punha exangue sobre a minha sombra.

Levantei-me com cruel esforço, dirigi-me à janela, queria fechá-la à força, com estrondo, para acordar a vizinhança, qual é o narrador que pretende seguir sozinho na história? Já nem o mosquito está presente. Não há personagens complexas, o espaço é exíguo e a narrativa pouco acrescenta à aprendizagem do leitor. Espreitei lá para fora, vi o Hipólito, que viveu do lado de quem desce na minha rua. Por sinal, ia a subir, em sentido oposto ao do mosquito, ainda o avistei, mas julgo já acompanhado, insónia enviesada esta, que me atormenta o relógio, parou por boicote, perscrutou um ligeiro abuso da minha parte, fez greve. Aquele pêndulo preencheu-me as horas intermináveis, ficava a policromar a sua superfície, muito devagar, aliando técnica e perfeição, ficava com suores que me revestiam o corpo, sentia-o pesado, a sobrevoar os ácaros a um palmo da cama. Ah, afinal, percebi agora, desnaturados, invejosos, personagens escondidos na trama, a engendrar das suas, tinham de aparecer agora. Estavam com ciúmes do mosquito? Mas sempre estiveram aí, escondidos de todos, até distantes do meu olhar, para que eu não vos manipulasse. Mas vou já tratar do assunto, deixem de rumorejar, de congeminar estratégias de sobrevivência, vou atirar o colchão borda fora, não há salvação.

Peguei no colchão, pesado, seria chumbo?, cambaleando, as articulações dos braços e das pernas eram um limbo, eram membranas a desintegrarem-se, a tal cinza da fénix renascida, mas seria chão para sempre, ah, estes chavões da linguagem, esse estruturalismo doentio, não me deixam levar a narrativa ao colo, apetece-me tanto,

atirei-o pela janela, dobrado, embrulhado, contorcido, ia a passar o Hipólito, que andava o homem a fazer?, de um lado para o outro, não poderia ter passado uma sóvez, nem o narrador sente o domínio dos acontecimentos, nada a fazer, ias levar com o colchão, Hipólito, mas não, foi no segundo imediatamente a seguir. Nem te apercebeste dele a cair atrás de ti, como uma borboleta a pousar no candeeiro.

Levava as suas reflexões pelas ruas da amargura, mas ia sereno, o Hipólito, ou eu, narrador iniciante, parco na retórica dos constituintes, não me deixo endemoninhar, a confusão está instalada por algum motivo, mesmo que ainda não o saiba, hei-de conseguir, desenriçar o assunto começa a dar-me alento, a quantas andamos, meus senhores, estimadas senhoras, leitores do mundo, ainda por aqui andam? A minha mais profunda gratidão, ao que nos leva uma insónia, e um comprimido a menos, se faz favor, grita o palerma do Hipólito, não perde a oportunidade de me dar uma alfinetada, mal ele sabe que me divirto, que não levo a mal, é genuíno, tão ele, nas suas indecisões, ainda que acabrunhado no vazadouro do seu espírito.

Não arredo pé da janela, na esperança de encontrar um motivo para esta história. Uma regra de ouro na literatura, tudo tem uma razão de ser, se estava com insónia é porque algo tinha de acontecer. Ouço o bater da porta, com as costas dos dedos, um toque fino e cuidado, de alguém que não se quer dar a conhecer. Por norma, tenho sono profundo, em situações normais, não acordaria, muito menos abriria a porta. Sim, quero dar ao narrador o motivo que ele pretende. Quem manda aqui, rapaz? Mas começo a sentir-me perder a autoridade, vem a polícia, num carro a alta velocidade, outro a seguir, mas mais devagar, conversam pausadamente, acho que ouço a conversa, falam de bolos de arroz e de café, da Pastelaria Doce Pão, ponho-me a puxar pela memória, acho que conheço, mas não

sei de tudo, não tenho esse poder, ou esse desejo de vos dominar a informação, não vos quero desencantar.

Já chega de desenvoltura, sinto-me melhor, uma réstia de sono a despontar, mas vislumbro a luz do dia, está a amanhecer, o relógio desata a trabalhar, pressente a minha exaustão, é cínico, um hipócrita, é que é, não me deixou ler o tempo, ler as cartas, prever o futuro, como assiste ao narrador essa competência. Falta-me essa verve que eterniza a literatura, nem me atrevo, estimados leitores, qual Homero ou Virgílio deste universo perdido, nem me atrevo, genial Camões, a lírica do meu contentamento, mensagem que só uma pessoa muito inteligente deixaria em verso. Os restantes serão simples aspirantes à assembleia dos deuses. Nada, seus pretensiosos, a literatura está cheia de génios, mas igualmente inacessível aos que o não são. Temos pena. O Hipólito passa novamente, corro a persiana, nem sinto os braços, bocejo vezes seguidas, tapo a boca, sinto o sono, vejo as horas, duas para dormir, acho que vou aproveitar, mas depois acordo irado, revoltado, vai dar mau resultado, ir trabalhar com a neura, não falar a ninguém, um antipático, de mal com a vida, dirão, nos corredores, os que passam e se põem com teorias demasiado rebuscadas.

Fui abrir a porta, era o Hipólito, eu, camisa aos quadrados, passos curtos, entro e nada digo, vou para o quarto, tiro a roupa, tomo um duche, refresco o corpo, a alma rejuvenesce, misturo-me com o narrador, que sou eu, mas descubro que sou uma outra pessoa, porque o Hipólito andou a passear, eu mantive-me a noite toda no quarto, a inventar uma história, para entreter os leitores, que aqui chegados se vão manifestar, ou valeu a pena, ou perderam o seu tempo. Mas eu avisei, eu avisei, se valeu a pena, tanto melhor, se perderam o vosso tempo, remeto-vos para o quarto parágrafo deste conto, confirmem, dei ou não dei um conselho válido?

Não vou tomar mais tempo da vossa existência, as insónias têm destas coisas, trazem-nos o impossível, lá fora observa-se o rocio da manhã, arbustos discerníveis a olho nu, as velhas a caminho da missa, os velhos vão comprar os jornais, a vida retoma posições, mas eu só quero dormir, preciso de dormir. O Hipólito deita-se na minha cama, olha-me com carinho, pareço-lhe familiar, não sou um estranho, de forma nenhuma. Mas consigo ver através dos olhos dele. Sinto-os a fecharem-se, mas ainda resisti, peguei num livro, li umas cinco páginas, acho que adormeci. Não me lembro de mais nada. Acordei com o toque estridente do despertador. O que se passou durante a noite fica convosco, eu já esqueci, nada de importante, nada que tivesse merecido ser alguma vez contado. E espero bem que não tenha sido. Por nenhum escritor, por nenhum narrador, por nenhuma personagem.

CARLOS NUNO GRANJA é de Ovar (Portugal) e professor do 1º ciclo de escolaridade há 22 anos. Exerce há dois anos as funções de Professor Bibliotecário. Está a frequentar o Doutoramento em Estudos Literários na Universidade de Aveiro. Tem 20 livros publicados (entre poesia e literatura para a infância) nos 8 anos que leva de vida literária. É o programador do Festival Literário de Ovar desde a sua primeira edição e organiza eventos literários e culturais no Museu de Ovar. Tem um programa de rádio sobre literatura na AV FM (A ler é que a gente se ouve) e um programa sobre a atualidade com diversos convidados ao longo do mês (Sobre tudo e sobre nada). Cometeu a loucura de abrir uma livraria em Ovar (Doninha Ternurenta).



Proposta, protesto em França!

Para os meus pais, pelos valores humanos que eles passaram para mim

Para Sandra, amiga e camarada de luta

Me chamo A. Faleci com 72 anos no final de outubro de 2019 numa casa de idosos no sul da França. Foi antes da crise do vírus começar e depois de ter visto os meus dois países, o Chile e a França, acordarem na luta libertadora, renovando antigas propostas de justiça social, de emancipação dos povos, de melhor distribuição de recursos e riquezas. Fugi da ditadura do Pinochet depois ter seguido de todo o meu coração a esperança de Allende. Eu era alegre, militante e solidária. Eu era também enfermeira. Passei a vida toda ao serviço da vida. Botei toda minha energia transmitindo valores humanos para enfrentar a voracidade da fera capitalista. Nunca voltei para o Chile. Quis voltar, mas a doença não deixou. Hoje, fico aguardando bem tranquila na minha urna funerária, que o meu filho me traga de volta para minha terra. Mas o vírus não deixa. Demasiadas vezes na minha existência eu tive que ter paciência, e me levantei de tantas coisas terríveis. Nunca deixei de me indignar e de propor. A minha proposta é resistir!

Eu sou o S. Festejei meus 30 anos há pouco com a minha família na frente da tela do computador. Eu sou motorista de caminhão. Entrego alimentos. Eu sou colete amarelo desde o primeiro dia. Protestei, respirei lacrimogêneo, vi os meus companheiros perderem olhos e mãos. Eu vi o meu país perder a dignidade e o respeito pelo seus cidadãos. Um artigo publicado no 9 de abril de 2020 no jornal da direita, “Le Figaro”, afinal demonstra como a França se mantém hoje graças ao trabalho das mesmas categorias sócio-profissionais,

as quais estavam protestando na rua há mais de um ano. É bom a mídia se dar conta que os empregos, os menos remunerados e reconhecidos, são aqueles que fazem funcionar a sociedade. A observação é válida no mundo inteiro. Eu continuo entregando alimentos para supermercados, hospitais e casa de idosos. De “colete amarelo” virei “cavaleiro branco”. A maior crítica que o movimento dos coletes amarelos recebeu era que não carregava propostas, que eram apenas pessoas se queixando, uma revolta egoísta sem visão pelo futuro. Pelo menos, já conhecíamos muito bem as propostas ruins que trazem um mundo ainda pior. Bem antes daquela loucura do vírus, existiam sim propostas. Mas quem ouvia? Quem queria ouvir? Um ruído na procura cada vez mais veloz do lucro de alguns, poucos. O murmúrio virou grito. A repressão não nós calou, o vírus não vai nos calar. O meu protesto é resistir!

Me chamo J. Eu sou professora de Francês, História e Geografia num colégio de ensino técnico, onde se ensina aquelas profissões “desvalorizadas” que são essenciais para o funcionamento da sociedade. Escolhi ser professora. Quase perdi a vocação uns anos atrás por causa da doença dos trabalhadores conscienciosos, o “burn out”. Falam que os professores, passado um tempo, não aguentem mais os alunos. Não acredito. Foi o sistema que eu não aguntei. Os alunos chatos não têm nada a ver com isso. A minha instituição, em vez de me proteger, me afundou. Me senti excluída. Deste isolamento, consegui sair com tempo, compromisso e muita fé na humanidade. Ensino de novo e continuo a lutar por uma educação mais justa, mais livre, para todos, uma educação que abre portas em vez de fechá-las. Uma educação que forme cidadãos capazes de pensarem por si próprios! Nós não sofremos as consequências de um sistema doente, nós resistimos a essas consequências. A minha proposta é resistir!

Eu sou o D. Trabalho como educador esportivo. Ensino aquele esporte rebelde, de muito esforço, o skate. O vírus parou tudo, não somente para mim, mas para todos que trabalham com o público. É preciso criatividade para manter o contato. Vai demorar ainda antes de podermos suar juntos de novo. O skate ensina algo que serve para sempre: se cair tem que levantar. Eu sou também filho da A. Com ela eu aprendi a colaborar para uma sociedade melhor. Antes do vírus, já era envolvido numa associação de caridade que ajuda a necessitados. Nós nos organizamos para continuar e aumentar a entrega de comida. As grandes associações de caridade estão hoje enfrentando a falha do governo, que não as apoia e mal protege os mais frágeis. O distanciamento social, hoje físico, ontem simbólico, é de todo jeito o abismo entre os mais ricos e os mais pobres, uma distância bem difícil de percorrer sem imensa tenacidade e solidariedade. O meu protesto é resistir!

Me chamo M. Eu tenho mais de 80 anos. Tenho uma família numerosa, participo em várias animações. Gosto de me encontrar com amigos, fazer jogos de tabuleiro e cantar. Desde o dia 16 de março eu me isolei sozinha em casa. Eu não saí nem uma vez para não preocupar meus filhos. Eles me trazem a comida. Os meus netos me ofereceram uma tablet para ver eles crescerem. Eu sou sortuda porque ainda estou na minha casa. Tenho um jardim para tomar um pouco de ar fresco, livros para me escapar e música para me encantar. Eu fico lembrando da história da bisavó que morreu da gripe espanhola. Nunca teria imaginado viver essa situação. Nessa idade que eu cheguei, eu poderia morrer do vírus, como de qualquer outra coisa. Tudo o que vem a seguir é mais, é esperança. Aconteça o que acontecer, mesmo com liberdades reduzidas, vou curtir, vou amar, vou viver aqui e agora. A minha proposta é resistir!

Os meus pais me chamaram Ezra. Nasci no dia 23 de abril de 2020 durante a crise do vírus. Eles ficaram muito ansiosos nos

últimos dias antes de eu chegar, mas pelo menos ainda estavam despreocupados quando eu fui concebido. Eu fui muito desejado e esperado, então não vou desesperar já. No entanto, eu me pergunto que tipo de futuro eu poderia ter, e me consolo com a ideia de que o futuro sou eu. É ainda cedo para eu ter propostas, mas já sei que amar e ser amado é o início de tudo.

O vírus revelou os problemas existentes, criou novos. Nenhuma verdade de ontem, é igual hoje, nem amanhã. Pelo contrário, os problemas de ontem vêm se somar aos de hoje e amanhã. A luta não está justa. Depende obviamente dos recursos, dos sistemas de saúde, mas também da vontade política. O presidente francês repetiu que estávamos em guerra contra o vírus. Não é guerra nenhuma. Ele mal julgou o que é receber bombas, o que é um grupo de homens envolvido no ódio e na morte contra um outro grupo para os interesses de uns outros. Afirmar que é guerra é colocar a culpa num inimigo elusivo pelas desastrosas políticas de saúde pública e pela falta de meios para lidar com a crise. Precisamos lembrar que o pessoal dos hospitais antes entrou em greve por meses.

Por outro lado, essa metáfora legitima o uso de medidas ainda mais repressivas e liberticidas, assim como os sacrifícios que são e continuarão sendo exigidos da população.

Não podemos fazer guerra ao invisível. Só podemos nos adaptar, inventar, ficar unidos.

Ser responsável e digno não significa ficar mudo e obediente.
Parece ingênuo, mas é simples :

Enquanto houver vida, há esperança.

Enquanto houver ideia, há imaginação.

Enquanto houver risada, há ligação.

Enquanto houver sopro, há paz.

Enquanto houver opressão, há resistência.

Paciência, persistência, educação, expressão, liberdade, solidariedade, compromisso, esperança, criatividade, ..., amor, não são propostas, são valores e com esses valores só podem nascer boas idéias e belas ações.

A., S., J., D., M., Ezra, somos seres humanos, não deixaremos de ser. E com todos os seres humanos podemos sonhar juntos, nós podemos tudo!

JULIE-CERISE GAY nasceu em 1981. Fez mestrado em Relações Culturais Internacionais no Instituto de Estudos Políticos de Lyon, em 2006. Sempre trabalhou com arte e artistas. Hoje é bibliotecária em Sète, sul da França, onde mora. Ama viajar e sonhar.



Aprender, tecnologia e pós-pandemia

Quando surgiu a televisão, que era um aparelho caro e para poucos, os educadores tiveram uma postura omissa, quando não reacionária. Poucos anos depois, a TV estava em todos os lares. O mesmo acontece hoje com os computadores, a internet, os celulares: a cada ano, parcelas mais e mais numerosas da população têm acesso a esses recursos. Populações que ainda não têm água e esgoto, carentes de saúde e educação, já têm acesso à tecnologia. Isso deve mudar nosso foco de preocupação.

A cada dia, mais pessoas das classes mais carentes têm acesso às novas tecnologias, incluindo internet e celulares. Mesmo a imensa parcela da população que ainda não tem acesso será incluída, com o barateamento do custo dos equipamentos e políticas de universalização. O grande desafio é desenvolver estratégias pedagógicas, atividades motivadoras e projetos que levem à construção do conhecimento, pensando-se em promover uma “inclusão cognitiva” para além da chamada inclusão digital.

A recente pandemia, que forçou escolas, professores, famílias e alunos a uma “educação a distância emergencial”, evidenciou que um educador ter medo de perder seu lugar para recursos tecnológicos é algo tão descabido quanto uma mãe temer ser trocada por uma geladeira, que é um recurso tecnológico de apoio à alimentação de seus filhos – tanto quanto o computador é uma extensão do cérebro do professor e de seus alunos. Os professores devem ter medo é de ter medo, devem reear a falta de curiosidade, a ausência de experimentação. Estar aberto aos recursos da tecnologia é também uma forma de estabelecer novas parcerias com os alunos, engajando-os em processos de aprendizagem colaborativa.

Vínculos sociais e trocas de experiências podem ser componentes preciosos para a facilitação e o estímulo à aprendizagem, desde que inseridos em um projeto de ensino significativo e cujos resultados sejam permanentemente acompanhados e (re)avaliados. A verdadeira ferramenta de aprendizagem são nossos cérebros (com uma pitada de ajuda dos nossos corações, olhos, boca e mãos), e devemos encarar as tecnologias como próteses extensoras de suas capacidades.

Como nenhum outro meio de comunicação anterior, a Internet nos coloca interativamente em contato, permitindo superar (ou, infelizmente, reforçar) barreiras de idade, sexo, cultura, preconceitos e, principalmente, distância geográfica. Aqui, cada um pode não apenas ler o que quiser quando tiver vontade, mas pode escrever, participar... Junto com novas soluções e perspectivas vêm também novas exigências sobre antigas habilidades.

Paradoxalmente (e aqui cabe lembrar da polêmica frase de Umberto Eco, quando disse que “As mídias sociais deram o direito à fala a legiões de imbecis que, anteriormente, falavam só no bar, depois de uma taça de vinho, sem causar dano à coletividade”) esta ferramenta poderosa serviu também para a organização de milícias, movimentos reacionários, homofóbicos, fascistas, terraplanistas, que alçaram as mais toscas e pérfidas criaturas ao poder em alguns países, como temos acompanhado bem, e que não apenas representam o que de pior a humanidade já produziu como se aliam ao próprio vírus da pandemia, como num filme “B” de distopia cujo *script* houvesse sido escrito por aloprados roteiristas.

Com as rápidas transformações nos meios e nos modos de produção, a natureza do trabalho e a relação econômica entre as pessoas e as nações têm passado por enormes transformações e, neste quadro, a educação não apenas tem que se adaptar às novas necessidades como, principalmente, tem que assumir um papel de ponta nesse processo.

Na aprendizagem, que é o nosso foco neste texto, para que estas tecnologias sejam significativas, não basta que os alunos simplesmente acessem as informações: eles precisam ter a habilidade e o desejo de utilizá-las, saber relacioná-las, sintetizá-las, analisá-las e avaliá-las – quando os alunos se esforçam para ir além de respostas simples, quando desafiam ideias e conclusões, quando procuram unir eventos não relacionados dentro de um entendimento coerente do mundo. Sua aplicação mais importante está fora da sala de aula – e é para aí que o ensino deve voltar seu esforço. A habilidade de pensar criticamente pouco valor tem se não for exercitada no dia a dia das situações da vida real.

Isso necessita, como sempre de professores motivados engajados, com imaginação pedagógica, e aí entra o papel do professor, encorajando os alunos a fazer conexões com eventos externos ao mundo da sala de aula, descobrindo a ligação entre situações vividas e os conteúdos curriculares. Existem muitas táticas que o professor pode utilizar e que podem ser enormemente motivadoras, estimulando processos de transferência – e essa experiência o professor já tem, basta não se considerar um “ignorante em informática” e buscar aplicar na nova mídia sua base de conhecimentos, estando aberto à pesquisa e ao autoaprendizado contínuos.

Esse uso das tecnologias de informação e comunicação exige um professor preparado, dinâmico e investigativo, pois as perguntas e situações que surgem na classe fogem do controle preestabelecido do currículo. Esta é a parte mais difícil desta tecnologia. E esse é o papel insubstituível do professor: elaborar estratégias que deem significado a essa enorme e fantástica porta que se abre para o universo do conhecimento da humanidade. Sem isso, a internet, equipamentos e software podem apenas ser modismos adestradores de um mercado consumidor, perdendo-se a oportunidade de promover uma efetiva mudança na área do ensino.

Além de servir para para eventualmente até fazer telefonemas, o celular ou telemóvel (que os gringos chamam de *smartphone*) é também uma ferramenta para recebimento e envio de mensagens, por WhatsApp ou outros aplicativos. É uma máquina fotográfica, com qualidade cada vez maior, além de também ser um álbum de fotos, permitindo armazenar centenas de imagens ou publicá-las online. Além disso, também é uma filmadora, que possibilita assistir aos filmes feitos nela ou outros, no You Tube, Netflix e que tais. É um gravador de áudio para anotações e lembretes de voz, gravação de entrevistas, assim como é também um reproduzidor de áudio, permitindo ouvir horas e horas de música. Muitos dispositivos possuem também a capacidade de recepção direta de rádio ou de TV.

Agenda de contatos, com os números telefônicos e e-mails, os endereços das pessoas e outras informações, como foto, data de aniversário etc., o aparelho é ainda um calendário de compromissos, permitindo configurar avisos para os eventos marcados (reuniões, provas, aniversários) com antecedência de minutos, horas ou dias. Bloco de anotações, planilhas eletrônicas, processador de textos, bancos de dados, mapas de sua cidade ou de qualquer recanto do país ou do planeta, com localização por satélite (GPS) são mais algumas de suas funções.

Navegação e pesquisa na web, tradução de idiomas, acesso a redes sociais, leitura e postagem em blogs, comunicação instantânea por texto, voz ou vídeo, além, é claro, de jogos de todos os tipos, paciências, desafios lógicos, destreza e ação, bem como simulações e ambientes interativos de construção de mundos – e mesmo várias aplicações de “realidade aumentada” (apresentando novos conteúdos, muitos em emulação tridimensional, seja a partir de imagens num livro didático ou mesmo nas ruas de uma cidade).

Apesar desta longa enumeração (que deixa no chinelo os

comunicadores de Jornada nas Estrelas), e que poderia ser ainda mais completa, pois há cada vez mais aplicativos específicos disponíveis, boa parte gratuitamente, é de espantar como a escola não esteja a preparar os alunos para todas estas possibilidades de usos pedagógicos. Uma sociedade onde a Internet das Coisas será parte de um tripé que inclui a Inteligência Artificial e o BigData apresenta desafios cada vez maiores para a formação de uma cidadania digital e a escola precisa assumir esse papel fundamental para a própria democracia.

Os professores devem fazer um combinado com os alunos, discutindo com eles usos aceitáveis e regras a serem observadas, pactuadas. Para a questão da cola, sempre uma preocupação presente quando se trabalha com “provas”, é necessário pensar outras formas de avaliação para as quais não exista cola que resolva, permitindo mesmo a consulta a anotações porventura feitas. Estimular os alunos a coletarem dados para subsidiar informações e, assim, construírem seu conhecimento, ensiná-los a pesquisar usando as tecnologias disponíveis, pode fazer com que o celular ao invés de disputar com o professor a atenção dos estudantes seja um importante aliado no ensinar a aprender.

Imaginação pedagógica, envolvimento proativo dos alunos em projetos engajadores de seu interesse, ensino feito com carinho e inovação, troca de experiências com outros professores, avaliação crítica de sua metodologia, tudo isso são condições para que os dispositivos móveis – artefato computacional com recursos e capacidade muitas vezes maior do que o computador da Apollo 11 que levou o homem à Lua e que está disponível no bolso de quase todos os alunos – possa ser, cada vez mais, uma ferramenta de aprendizagem na sala de aula.

As novas tecnologias digitais possibilitam que coisas antes só imaginadas no terreno da magia sejam possíveis. Classes inteiras

podem “viajar” com seus professores para qualquer lugar do planeta ou da galáxia, por dentro do corpo humano ou fazer viagens no tempo, acessar música e literatura de todos os idiomas e épocas, cruzar informações, criando possibilidades totalmente novas para a aprendizagem. Claro que isso não ocorre espontaneamente, necessitando, como sempre, de professores motivados, engajados, com imaginação pedagógica, e de projetos bem estruturados e metodologias para que não se caia na falsa expectativa que a tecnologia resolva tudo por si só.

A pandemia trouxe um novo desafio, que é o da participação ativa das famílias na aprendizagem, pois com o isolamento social e a escola à distância, nunca dantes houve tanto envolvimento de pais e mães e também ficou evidente o grande excesso de conteúdos nos currículos atuais (“Quanto menos informações inúteis colocarmos na cabeça de nossos alunos, mais espaço sobrá para as grandes ideias”, comentou o físico Lev Landau).

Outro aspecto envolvendo as tecnologias digitais é o da leitura. As pessoas vão deixar de ler livros no bom e consagrado formato de edições em papel? No caso dos livros didáticos e dos dicionários, em boa parte sim; no caso de romances, de poesia, quase certamente não. Afinal, o papel é uma tecnologia comprovadamente resistente, que não necessita de fonte de energia, e assim como o cinema não acabou com o teatro, nem a televisão acabou com o cinema, o livro possui inúmeras vantagens. O maior inimigo dos livros não são os leitores de formatos digitais (que nos grandes sistemas online são também os maiores compradores de edições em papel) mas sim os não-leitores.

Os alunos desaprenderão a escrever com lápis e caneta no papel e sua caligrafia será um horror? O importante é aprender a escrever e ter prazer nisso. Se o instrumento utilizado para a escrita ou o desenho é a ponta do dedo, uma caneta ou um pincel, isso

faz parte da diversidade de recursos cuja apropriação a escola deve estimular. Se a caligrafia for considerada importante, convenhamos que telas sensíveis ao toque podem permitir estratégias mais adequadas e interativas do que canetas tinteiro, embora haja espaço para que estas continuem existindo.

A mesma tecnologia que permite qualquer ser humano ser um protagonista da comunicação possibilita também que governos e órgãos de controle e repressão mapeiem, de forma mais eficaz do que qualquer outra já existente até hoje, onde as pessoas estão, que palavras elas usam (não só em suas redes sociais, mas em seus e-mails pessoais e conversas trocadas em mensagens), como também onde estão, a que horas foram a que lugar e com quem estiveram. Ou seja, assim como a metalurgia possibilita construir meios de transporte para facilitar a vida de todos e permite a feitura de armas de morticínio cada vez mais letais, também as novas mídias podem levar a uma liberdade de expressão e informação cada vez maiores ou a formas de repressão jamais vistas.

Segundo Paulo Freire, a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra – nesse sentido, as novas tecnologias de informação e comunicação possuem condições ímpares para fazer a ponte entre essas duas leituras, do mundo e da palavra, cabendo aos educadores, aos artistas e pensadores, e à sociedade como um todo, a descoberta e a elaboração dessas possibilidades.

CARLOS SEABRA é editor multimídia, especialista em tecnologias na educação, criador de jogos de tabuleiro e digitais, escritor de livros de literatura, poesia e microcontos, e de obras infantojuvenis. Contato: carlos@seabra.com



Mãe terra maltratada, seus filhos se perdem

Fiquei isolado aqui pelo litoral de São Paulo. A quarentena imposta pelas autoridades para combater a disseminação do coronavírus obriga a gente a mudar as formas de viver. Imagina ficar em uma cidade do litoral, verão, sol a pino e não poder ir à praia, ou tomar uma cerveja no boteco.

De qualquer forma esta minha ida era por poucos dias, mas por conta da quarentena tive que ficar muito mais tempo. Aí bateu a preocupação: não trouxe roupa suficiente para mais que quatro dias. E como diz o ditado, a necessidade faz o ladrão. Diante da situação, foi possível sim viver com o que trouxe, só ir lavando a roupa que tinha, usando o que era possível sem qualquer vaidade consumista.

E aí lembrei-me dos livros do Zygmunt Bauman que fala que vivemos em um “capitalismo de excessos”, isto é, tivemos aumentos de produtividade imensos nos últimos 50 anos, graças ao avanço tecnológico. Mas ao mesmo tempo, estes avanços tecnológicos como foram apropriados para a reprodução do capital serviram muito mais para reduzir o número de pessoas que trabalham. Produz-se mais com menos gente empregada.

Só que aí a conta não fecha. Com menos gente empregada, a miséria aumenta e ao mesmo tempo que se produz mais mercadorias, tem menos gente que podem consumir. É aí que Bauman propõe o conceito de “consumo intensivo” ou o brasileiro Muniz Sodré fala do “turbocapitalismo”. O consumo intensivo significa o seguinte: as mesmas pessoas que tem poder de consumo hoje são instigadas para consumir ainda mais. Quem tem um celular, é incentivado a trocar por um outro mais novo a cada seis ou sete meses, se você tem uma linha, a operadora te empurra uma outra (como se fosse necessária mais de uma linha), uma casa com três pessoas cada

um tem um carro, a cada ano, os aparelhos eletrônicos ficam obsoletos e o conserto fica mais caro que a compra de um novo e assim vai. E toda a tranqueirada velha para onde vai? Lixo!

O mesmo Bauman disse que a cidade de Londres produz uma quantidade de lixo por ano equivalente a quatro vezes o tamanho da sua cidade.

O automóvel, símbolo da modernidade, usa apenas 3% da energia que ele produz para carregar o seu condutor, o resto é para mover ele mesmo e resíduos eliminados para a atmosfera.

Os avanços tecnológicos do capitalismo não são apenas trágicos. Descobertas científicas nos anos 1960 possibilitaram a cura de muitas enfermidades, hoje a humanidade é muito mais longeva. As tecnologias de informação e comunicação permitem que esta quarentena forçada de hoje seja atenuada com a possibilidade de conversar com os amigos, familiares. Grupos de psicólogos organizaram terapias em grupo pela internet com pessoas que estão deprimidas. Tem um grupo de amigos que, inclusive, fez um “churrasco virtual”, cada um na sua casa comendo uma carne e tomando uma cerveja e conversando pelo hangout. Eu medieei um debate sobre o coronavírus e a periferia para um canal da internet com cada um dos participantes nas suas casas. E ainda as informações sobre esta crise chegam de forma instantânea para a gente. Tem as fake news, mas prefiro acreditar que isto são os efeitos colaterais.

Mas este modelo de sociedade em que cada vez mais se concentra riquezas vai criando mundos à parte. Nem todos podem usufruir de todos estes avanços. Ao mesmo tempo, uma casta de bilionários enriquece como verdadeiros parasitas, sem qualquer contribuição à sociedade. É o turbocapitalismo de que fala o brasileiro Muniz Sodré. Ganha uma grana e aplica no casino do mercado rentista. Rende mais dinheiro e vai indo neste caminho. E vai turbinando ainda mais o seu consumismo, não basta um palacete,

precisa de dois, três, não basta um carrão, tem que ter três, quatro... “Compra” ilhas, se isola do mundo, viaja de jatinhos e helicópteros.

Na outra ponta, milhões de famintos desesperados vão em busca do mínimo para sobreviver. O mesmo mundo que conectou todas as localidades pela internet e mandou sondas à Marte convive com pessoas em busca de água potável. Como pensar em quarentena para aqueles que sua casa é a rua?

No topo, os milionários consomem de forma turbinada e isto exige um consumo predatório dos recursos naturais para produzir os artefatos que usam. Na base, os miseráveis pegam os restos. E estes miseráveis agora viraram os restos. Quando a pandemia começou a entrar forte nas periferias, os mandantes de plantão já falam em “flexibilizar” a quarentena. Um empresário brasileiro fala que é preciso não assassinar os CNPJs.

É a turma do deus “cartão de crédito”. Ou do “deus mercado”. Em nome deste deus, que os comentaristas econômicos nos jornais e telejornais pregam o corte dos direitos sociais.

Deus mercado, sacerdotes CNPJs e humanos-restos. Estes últimos são os que cometem o pecado de não terem os meios de produção ou não conseguirem entrar no paraíso do consumismo. Tem aqueles que possuem o cartão de crédito e estão no purgatório do shopping center. Querendo entrar no paraíso do capital, do deus mercado, desprezam os pecadores dos humanos-restos com veemência.

Aplaudem e se regozijam com os milionários passeando de barcos chiques, jatinhos e helicópteros e passeiam virtualmente nas suas casas pelos programas de celebridades que passam na televisão. O paraíso nunca esteve tão perto, pelo menos pelas imagens.

E os humanos-restos são os responsáveis pela destruição da Terra, pois ocupam áreas de preservação ambiental e não têm higiene. Se o coronavírus destrói a existência deles, é por culpa deles.

Não respeitam as medidas de isolamento social, por mais esforço que governantes engomadinhos façam.

E um dia um policial asfixiou, diante das câmeras, um homem negro acusado de ter tentado passar uma nota falsa de 20 dólares, na cidade de Minnesota, nos Estados Unidos. Diante do seu último apelo, “não posso respirar”, o policial simplesmente continuou com o joelho sobre o seu pescoço, matando-o a sangue frio.

Os humanos-restos saíram às ruas, exigiram a pronta condenação do policial. A empresa que denunciou o homem negro à polícia é a mesma que tem uma folha corrida de processos judiciais de assédio moral praticado contra os trabalhadores. Mas ela é um CNPJ que foi “ameaçada” por um homem negro e vítima de saques dos humanos-restos. E o presidente dos Estados Unidos sai falando que não irá tolerar “vandalismo” e que irá mandar tropas federais para reprimir os pecados dos humanos-restos.

A mãe Terra sendo maltratada, filhos seus – seres humanos – sendo maltratados. Por quem? Pelo deus mercado, seus sacerdotes CNPJs e seus discípulos cartões de crédito. Os artefatos sofisticados criados pela ciência viraram armas. A emoção da fruição artística e do conhecimento científico perderam sentido neste mundo dominado pelo deus mercado. As cores da tela ficaram cinza. Não foi o coronavírus que ganhou, a humanidade que se perdeu. Agora se quer podemos nos tocar uns aos outros.

E dá-lhe álcool gel.

DENNIS DE OLIVEIRA, jornalista e escritor, filho de Xangô, professor da Escola de Comunicações e Artes da USP, coordenador do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, autor dos livros “Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire” (Editora Appris, 2017) e “A luta contra o racismo no Brasil” (Ed. Fórum, 2017). É também ativista da Rede Quilombação.



Faca, arbusto e uma vida nova depois da covid-19?

Peilin Yu

Em outro dia de Setembro de 2019, escrevi no meu diário: “...mudei para um apartamento renovado, que é um T3 vasto onde ainda não residiu nenhum outro colega de quarto naquele tempo, exceto eu. Salvo os mobiliários necessários, como camas, mesas e cadeiras, o senhorio não nos instalou os objectos que sempre se utilizam na nossa vida quotidiana e moderna, por exemplo, o frigorífico. Então tenho vivido na tal casa até o momento como se fosse aquela menina, Julie, no primeiro capítulo do filme *< Je Tu Il Elle >* da Chantal Akerman, em que sozinha e ociosa, o que ela faz todo o dia num quarto é mover seus mobiliários, escrever cartas e comer açúcar em pó. E por minha parte, é o diário que escrevo. Hoje de manhã, entretanto, encontrei uma faca, que se calhar é o único instrumento cá. Estava surpreendida pela sua existência: como é que é possível que não exista nenhum electrodoméstico, mas ter uma faca? E com este espanto, decidi usá-la por todos os lados. Usava-a, ritmicamente, para abrir a caixa grande do sumo de laranja, trincar uns tomates, e cortar a etiqueta das minhas novas calças de ganga. Subitamente, num instante, sentia uma certa originalidade, ou melhor dizendo, uma pureza ingénua da essência da vida, cuja simplicidade se perdeu há muito, desde o fim da minha infância e apareceu diante de mim adulta com o seu rosto renovado. Esta sensação parecia uma aragem pairando ao meu redor e, em seguida, por causa da janela aberta pela qual fluiu depressa para o quarto um alvoroço das ruas, se diluindo e sumindo. Lembro-me agora desta manhã, e acredito que isso seria uma profecia esquisita.”



Naquele tempo, ainda não podia saber (como muita gente) que iria surgir e expandir-se por todo o mundo uma pandemia e que esta calamidade de saúde pública, invisivelmente, iria se tornar permanente, causando impactos inestimáveis em todos os aspectos da vida humana. Dentre as várias influências, a mais imediata tal-

vez seja a do confinamento e da quarentena, que veio transformar enormemente os modos de vida, de trabalho e estudo. Daí a rotina da maioria das pessoas foi se assemelhando à da Julie: estar por um dia todo em casa, comendo feijões e carnes que compraram *online*, trabalhando e frequentando aulas através do zoom, andando entre a cama e a mesa como a única actividade física..... Aos poucos, tenho-me acostumado a esta sequência de acções regulares e fixas, mesmo que sejam até menos voláteis e movimentadas que as minhas actividades psicológicas..... e já se pode provar que a gente pensa mais que age nesta situação, visto que não podemos agir como de costume, não é? Pelo menos eu sou assim. Portanto, quando estava a vaguear na floresta da minha recordação, numa noite, revisei essa folha do diário e compreendi de imediato a minha sensação constante à medida que tem continuado a quarentena por dois meses. É uma sensação relativa à vida, igualmente àquele dia, “Uma pureza ingénua da essência da vida”.

Como explicar esta sensação repentina e a ligação entre a vida na quarentena e a faca? E porquê a faca? Achei a semelhança das duas sensações, mas não consegui buscar a razão. É hora de elucidar a minha sensação ao ficar na quarentena. Também é um bocadinho abstracta, ao mesmo tempo que se articula com as especificidades da vida, tal qual o que aconteceu naquele dia de Setembro. Durante a quarentena (que ainda perdura enquanto escrevo), o que eu faço com maior frequência é fitar os olhos no arbusto à frente da janela do meu quarto, fumando cigarros do “Português” ou tomando o chá de limão. Às vezes ouço programas musicais de rádio, japoneses ou italianos, chineses ou ingleses, tanto faz. De qualquer modo, enfim, olhar o arbusto torna-se uma parte da minha rotina e isso no início aconteceu devido à ociosidade, mas depois achei coisas que nunca antes tinha encontrado, quer dizer, notado. É que variam as figuras do arbusto em função dos tempos: quando chove e venta o arbusto move-se mais libertino, mais denso e mais agitado, e a paisagem com a casa se parece com aquela quinta em < *Wuthering*

Heights>, de Emily Brontë; ao cair o crepúsculo terno com a bruma azulada, o arbusto torna-se delicado e brando, através do qual se infiltra um raio de brilho fresco.

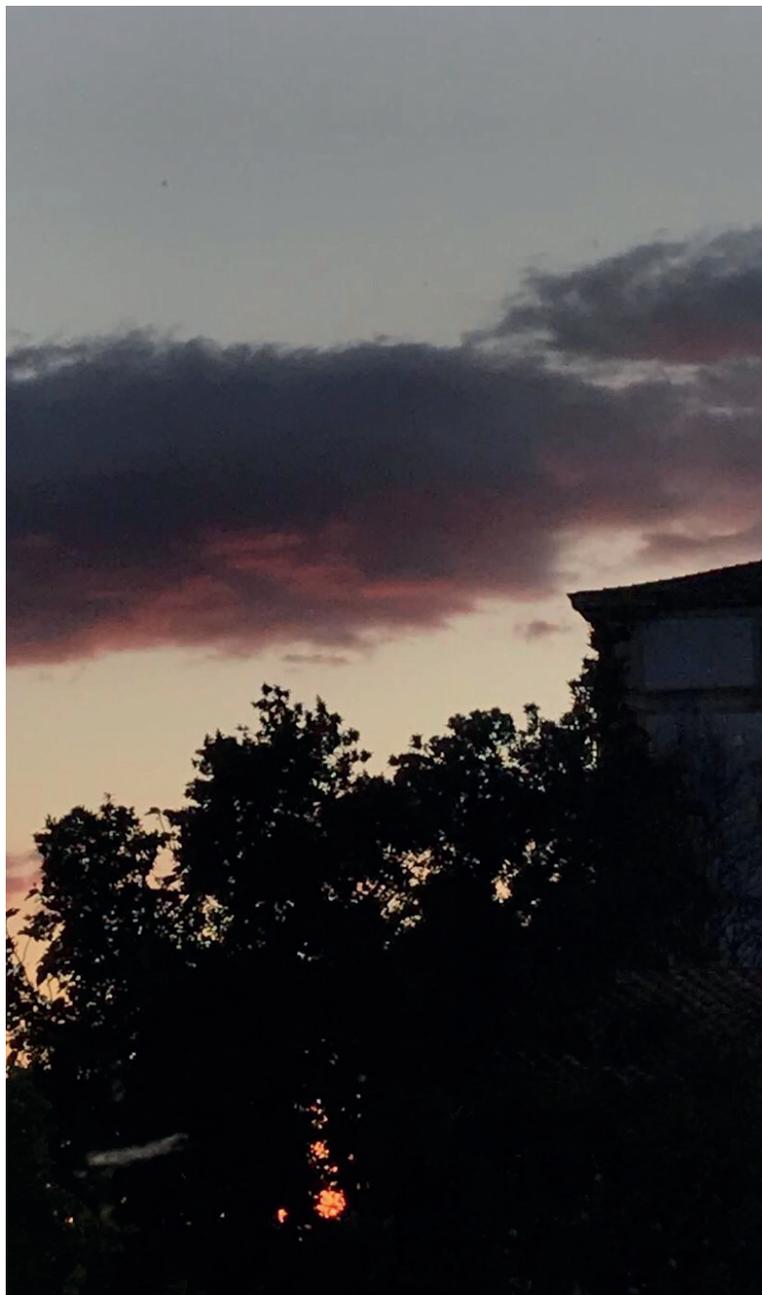
Acontecem comigo outras experiências análogas a esta, que me indicam sempre as alternâncias minuciosas da natureza ou os pormenores inefáveis da vida. O que pretendo expressar é: viver num espaço minimalista - não quer dizer que tem que ser um apartamento vazio como aquele para onde tinha me mudado, mas um espaço singular e monótono, como o quarto onde temos de ficar durante a quarentena - se calhar, não é uma coisa aborrecida. Aquela faca ou aquele arbusto, ou qualquer outro objecto não obstante a sua função ou qualidade prática, numa espécie de quotidiano extremamente simples pelo qual estamos a passar, eles juntos provocam-nos um susto encantador, no sentido de estética da vida, como se abrissem uma fenda pela qual podemos examinar uma banalidade, não da existência, mas do ser humano próprio que perdeu desde muito a capacidade de apreciação perante o rosto mais primitivo da vida.

Durante uma manhã, uma amiga partilhou-me a carta escrita por Apichatpong¹, dirigida para Jia Zhangke, em que se trata justamente da questão sobre como é que vive a gente actualmente na quarentena e para onde é que nos levaria este “dilema”.

“We feel the vulnerability of our mind and body. We are aware of our clocks – internal and external. My morning routine has become established. I remember each step I take as I prepare breakfast. I remember what the sun’s direction is outside at any particular time.

To keep our sanity, some of us have embraced mindfulness techniques. We try to observe our surroundings, emotions, actions, time, impermanence. When the future is uncertain, the now becomes valuable.

¹ Veja o texto completo em <https://filmkrant.nl/opinie/signs-life-a-letter-from-apichatpong-weerasethakul/>



This morning, after breakfast (a plate of fruits, weet-bix cereal, and two boiled eggs), I imagined a scenario. Perhaps this current situation will breed a group of people who have developed an ability to stay in the present moment longer than others. They can stare at certain things for a long time. They thrive in total awareness.”

Acho eu que este discurso de Apichatpong é a melhor representação, tanto destes nossos dias, como do futuro imprevisto. A partir desta experiência colectiva do ser humano, é à sensibilidade em relação à vida a que precisamos atribuir mais importância. Slavoj Žižek, no artigo “Clear racist element to hysteria over new coronavirus”², ao pensar as mudanças deixadas pelo coronavírus, destaca a importância do “tempo morto”: “Dead time – moments of withdrawal, of what old mystics called *Gelassenheit*, releasement – are crucial for the revitalization of our life experience.”

Ao final, por tudo isso, como é que será o novo mundo depois da covid-19? Segundo a minha imaginação estéril e, tendo em vista as minhas sensações “proféticas”, acredito que o futuro será uma continuidade da incerteza, e nós aprenderemos a observar, estimar e reflectir cada momento presente.

PEILIN YU é chinesa e está a viver em Coimbra, Portugal. Mestranda em Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de Coimbra, se dedica ao estudo das literaturas africanas de língua portuguesa.

Contacto: yueuricid@gmail.com

² Veja o artigo completo em <https://www.rt.com/op-ed/479970-coronavirus-china-wuhan-hysteria-racist/>



O Sabor do Próprio Veneno

O reduzido planeta Plutão foi o local estabelecido para a reunião do Primado Geral, composto pela tríade de mentalidades absolutas geradas pela energia de uma estrela média a quem chamavam Sol.

– Por que motivo não eliminamos esta praga de uma vez por todas? O extermínio do HMN/ ∞ é assim tão complicado? – perguntou Tanakh, na sua primeira intervenção durante aquele encontro virtual.

– Eu continuo a considerar que o problema não reside propriamente na possibilidade de extermínio, mas na sim na forma desse *extermínio* – opinou Ichtus, uma das três consciências do Sistema Solar. Diin, a segunda delas, lembrou:

– O HMN/ ∞ tem revelado uma persistência a toda a prova, adaptando-se aos ambientes mais inesperados.

– Porém, como todos sabemos – atalhou Tanakh – apenas consegue desenvolver-se nos corpos rochosos.

Ichtus concluiu:

– Mesmo assim parece-me que, se não recorrermos a medidas drásticas, os agentes deste fenómeno escapar-se-ão de novo para outro lugar.

– Sim, são de uma teimosia inabalável – confirmou a consciência Tanakh.

– Talvez o pior flagelo que alguma vez afetou o nosso sistema, tirando o Grande Snooker da formação! – comparou Diin, de modo um pouco desproporcionado.

As consciências da soberania solar parlamentavam numa troca de impulsos convertida em fluxo comunicacional. Embora o encontro não fosse propriamente materializado, a localização escolhi-

da tinha algo de simbólico: Plutão fora o longínquo berço do vírus HMN/ ∞ , vulgo *humanidade*. Através de uma capacidade invulgar de mutação, este curioso conjunto de organismos, dotados de inteligência meramente intuitiva, assumira variadas formas de propagação de acordo com os meios físicos ocupados. Nas fontes hidrotermais do subsolo de Plutão, o HMN/ ∞ surgiu como um melindroso exército de bactérias procariotas. Incontáveis eras após uma aparente extinção inicial, renasceu nas luas interiores de Saturno, primeiro em Encélado e depois em Titã, multiplicando-se em seres pluricelulares subaquáticos, na forma de filamentos pisciformes. Em seguida, ao migrar para Marte em busca de melhores condições de habitabilidade, escapando à vigilância do Primado Geral, a humanidade tomou a feição de extensos bandos de serpentes aladas – criaturas grotescas, cobertas de escamas sensitivas e de perfil reptilíneo. Por fim, no planeta Terra, local da sua última ressurreição, o genoma viral optou pela simplicidade: desenvolveu-se na estrutura molecular de uma família de primatas arborícolas, fazendo culminar a sua linhagem na grande ameaça ao equilíbrio solar – o perigoso *Homo Sapiens*. Esta mortífera mutação do HMN/ ∞ atingira um grau de evolução técnica deveras preocupante, movendo-se por todo o sistema com extremo à-vontade e chegando, inclusive, a enviar sondas exploratórias para além da região de influência gravitacional do Sol.

– Desta vez não podemos falhar! – asseverou Tanakh – A tenacidade deste vírus já passou todas as marcas.

– A verdade é que se verifica algo de imprevisível no seu comportamento – considerou Ichtus. – Trata-se de uma praga que, após sucessivas eliminações, reaparece de maneira completamente inesperada.

– Tal não voltará a acontecer: é a estabilidade da nossa esfera que está em causa.

– Teremos de ser ousados.

– Não bastará alterar a órbita das luas ou causar tempestades prolongadas em Marte; precisamos doutra estratégia...

– Para grandes males, velhos remédios: proponho a extinção em massa através da colisão de um meteorito no planeta ocupado!

– Não creio que resulte neste caso – sublinhou Diin, a consciência mais cética. – O vírus arranjará uma solução, é demasiado subtil. Além disso, são de evitar efeitos secundários; decerto que se recordam de como deixámos Marte inabitável e desajustámos os anéis de Saturno...

– Há que alterar procedimentos: será preciso criar um novo mundo para que fiquemos livres desta maleita.

– Seja: venham daí as propostas novas para um novo mundo!

As propostas apresentadas foram muitas, todas assentes num radicalismo sem precedentes na luta contra o HMN/ ∞ . Terminado o encontro virtual, uma derradeira moção preconizada por Diin acabou por sair vencedora, num despique aceso contra o projeto insidioso de Ichtus: a sabotagem das sinapses cerebrais dos líderes Homo Sapiens, cujo pensamento seria habilmente manobrado no sentido de um genocídio total e completo. Este recurso, sem dúvida aliciante, foi considerado demasiado primitivo: as guerras autodestrutivas entre a mesma espécie há muito que estavam proibidas pela Suprema Lei Astrobiológica. O plano alternativo de Diin, todavia, não deixava de ser igualmente maquiavélico: porque não infetar o vírus com um outro vírus, bastante mais microscópico mas infinitamente mais letal? Seria elementar: bastaria despoletar o crescimento de partículas virais que estrangulassem as funções essenciais dos órgãos humanos. Por exemplo, a respiração e os pulmões.

– Nessa lógica, poderíamos simplesmente privar o HMN/ ∞

da atmosfera que o sustenta, não? – sugeriu Tanakh.

– Mas quantas vezes urge lembrar que os cataclismos são contraproducentes à harmonia do nosso sistema? – frisou de novo Diin, num tom impaciente. – Não voltaremos a destabilizar um planeta graças aos surtos desta peste.

– Ah bom – resignou o outro.

– Então parece que chegámos a um consenso – proferiu Ichtus. – Criaremos condições para que o HMN/∞ sucumba perante uma toxina infecciosa. As vias de proximidade global e a extensa rede de interação humana serão o veículo privilegiado deste novo vírus indefetível. A pandemia fará o resto.

– Perfeito!

– Apoiado!

No desfecho da reunião do Primado Geral, a segunda consciência do Sistema Solar voltou a receber cumprimentos e felicitações dos seus pares, devido ao estratagema tão astuto:

– O teu programa de extermínio é genial, Diin – congratulou Ichtus. – É como virar o feitiço contra o feiticeiro...

– E fazê-lo provar do próprio veneno! – acrescentou Tanakh.

– Veremos – retorqui Diin, cauteloso.

Júpiter, o maior planeta do Sistema Solar, foi o local escolhido pela tríade de consciências para um plenário de avaliação da resposta ao HMN/∞.

– Temos que admitir que, numa primeira instância, os resultados do nosso plano não se mostram animadores.

– Discordo; neste momento todas as deduções são prematuras – redarguiu Diin. – Seria de esperar uma reação preventiva dos agentes da humanidade; sabíamos que os seus apetrechos técnicos

lhes permitiriam identificar o nosso vírus. O confinamento generalizado é apenas um reflexo de autodefesa.

– Bom, pelo menos o impacto negativo do HMN/ ∞ estagnou por completo. Há muito que a Terra e o Sistema Solar não apresentavam indícios de alívio tão auspiciosos.

– Precisamente! São sinais que devemos aproveitar. O nosso trabalho ainda mal começou. Não podemos abrandar agora!

– Subscrevo; não há tempo a perder. Imaginem, por exemplo, que os humanos descubrem uma vacina capaz de travar a epidemia.

– Oh não, isso seria uma catástrofe!

– É absolutamente necessário endurecer a batalha contra este inimigo matreiro.

Aproveitando a corrente favorável, Diin declarou, perentória e solenemente:

– Voto num reforço severo das diretrizes. Para tal, solicito ao Primado um alargamento extraordinário de competências.

Face à urgência da situação, a aprovação foi unânime. Todos corroboraram, de modo enérgico:

– Agravemos o contágio, antes que o HMN/ ∞ atinja a imunidade de grupo.

– Aumentem-se já os focos de contaminação.

– E, se for preciso, que se introduza uma segunda ou terceira vaga.

– Nem mais!

Diin preparou-se mentalmente para o que aí vinha: a humanidade não fazia ideia da razia que a iria atingir.

PAULO BRANCO LIMA é licenciado em Jornalismo pela Universidade de Coimbra e Mestre em Literatura de Língua Portuguesa (UC). Com o selo da Aquarela Brasileira Livros, publicou as obras de ficção *Origem e Ruína* e *Peregrinação Crioula*, esta última selecionada para a edição de 2020 do Prêmio Oceanos. Entre inúmeras colaborações destacam-se os seus artigos publicados na *Revista de Estudos Literários* (Centro de Literatura Portuguesa) e nas publicações angolanas *O Chá* e *Jornal Cultura*. O seu trabalho foi destacado por vários veículos de comunicação em Portugal e África. Atualmente exerce funções de produtor executivo no equipamento cultural Convento São Francisco, em Coimbra.



Versos des(confinados)

Tijolos esculpem pedreiros
Madeira aplainam carpinteiros
Lápis rabiscam desenhistas
Panos torcem lavadeiras
Teclas digitam o nerd
O aço forja metalúrgicos
Um bisturi pariu o médico
Um divã analisa o psicólogo
A montanha escala o alpinista
O dinheiro esmola o pedinte
As coisas moldam o mundo

Vai ser sempre este minério
Que pariu um poeta
E mil brumadinhos

Vai ser sempre este
A embaçar a paisagem
E turvar a água

Vai ser sempre
Esta saudade
E corpos espalhados

Vai ser
De novo Tiradentes
a ressuscitar outros cadafalsos

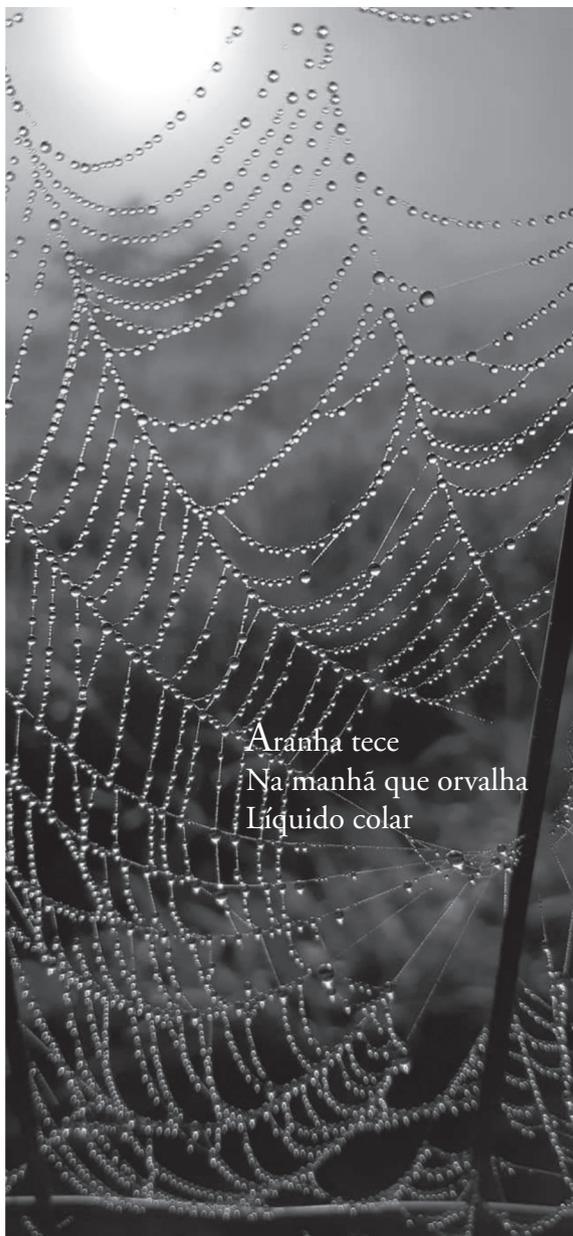
Vai
Até não ser mais

Vá te despindo de tudo
Roupas, meias,
do imenso ego
que tu achas super
Dissolvas as ideias velhas
nas águas do mar
Dribles a vaidade
que está no teu encalço
Te banhes de prazer, de dores
nos corais, nos arrecifes
Por fim encontrarás o castelo de areia,
o que dura eternidades
Verás uma placa na porta:
Aqui só se entra descalço

Ele disse que ia terminar tudo em sete dias! Falou, ainda, que dessa vez se equivocou e nos trouxe antes de terminar a obra. Esse protótipo de lua, por exemplo, já devia estar no céu. Esqueceu o mar, faltou paleta de cores. O grande design de interiores errou feio nesse edén. E para completar, a vizinha, aquela víbora, veio me oferecer uma jaca! Tudo tem limite!

Ali, perto do fim do mundo, onde Judas não perdeu as botas, porque lá nunca esteve, há um lugarejo. E, mergulhado na mais rica escassez e sem saber da palavra supérfluo, vive um povo que cultiva o precioso hábito de rir. De rir de tudo. E faz isto porque sabe que no fim restarão grandes gargalhadas ecoando pelo universo, desafiando os deuses e a morte.

Incesto, amores, traições, ousadias, vitórias
Um tanto de dor exposta ao passeio
Uma casa tombada não tem
mais pudor



Aranha tece
Na manhã que orvalha
Líquido colar

Todo verso que me foge
Se esconde na biblioteca do Borges

Sigo meu ritmo
Dançar na beira do abismo
É meu batismo

Rômulo Garcias



Uma única vez
Você fica por dentro
O resto é fora

O sol é o calcanhar de Aquiles
Para quem sonha ceras e penas
Quer voar?
Planeje a queda!

Rômulo Garcias



Recall

A receita do concreto armado
A penicilina
A partição de uns átomos
O divã
Muita luta de classe
Um tanto de ciência
Muito suor no rosto
Pouco saber
Aqueles duas mordidas
A gente pode devolver?

Quem tem o poder bélico
De transformar padeiros
Pianistas, verdureiros
Em bicho colérico?

Quer saber?

Receita rápida:

- um quilo de fronteira
- 500 gramas de raça
- um mastro de bandeira
- um hino
- Polvilhe ressentimentos
- Bata a massa com cassetetes
- Recheie com notícias falsas
- Adicione qualquer coisa amarga

Agite bem!

Fica pronta em décadas
Ou amanhã de manhã



Toda tempestade
guarda em teu ventre
A calma
Toda calma
guarda em teu ventre
a tempestade

RÔMULO GARCIAS, 59, é ilustrador programador visual. É peregrino das escolas de arte de Belo Horizonte, com passagens pela Escola de Belas Artes da UFMG e pela Fundação Mineira de Educação Artística. Tem trabalhos publicados pela PUC Minas, Escola de Direito Dom Helder Câmara e pela Universidade Federal de Ouro Preto. Especializou-se em ilustrações de livros infantis. Em 2014 lançou “Clandestino”, livro objeto com poesia, fotos e ilustrações. Suas ilustrações circulam em livros publicado pelas Editoras Miguilim, Dimensão e Ramallete. *Tia Geralda, a morte e o gato* e *Nãotalkei*, são suas recentes publicações. Gosta de viver de riscos e rabiscos.



Dos Vastos Mundos (Im)Possíveis

Fórmula do conflito de

W. Burroughs

É sempre nós _____

ou o vírus ____ OU/OU

X ----- Sobreviver a qualquer

preço ao hóspede invadido

-----Y

Eliane Testa

Pensar a poesia. Pensar de que maneira a poesia pode nos deslocar, contagiar e fisgar. Se essa não nos toma o corpo todo, como uma lava de “*obsession-possession*”, que, ao menos, a poesia reverbera nestes mundos (im)possíveis para ampliar e fortalecer a nossa escuta sensível. E essa condição da escuta pela poesia é – atravessa – um movimento incessante e atemporal. Seria uma tragédia não termos acesso a essa escuta sensível que a poesia possibilita. Não poder sentir as “batidas” cravadas da palavra em estado primevo (constituída de um *continnum status nascendi*) seria deixar de estar sempre (de algum modo) inaugurando o mundo. A poesia, a insubmissa-poesia, como um incessante coexistir no tecido da vida, não nos diz tudo (e ela nem deve ter esse compromisso), mas ela abre espaços para vivermos ausências e presenças, ordem e desordem, vigílias e sonolências, mudezes e falas & intermináveis e indescritíveis (in)quietações.

Quando Marina Tsvetáeva disparou a seguinte questão: “O progresso? Mas até quando? E, se formos progredir até o fim do

planeta, ir à frente para onde? Para o buraco?” Se respondermos afirmativamente à questão lançada pela poeta russa, poderíamos pensar: Que forças terríveis (humanas/inumanas?) estão a nos impelir a esse “buraco”? Seria o “buraco” como um abismo a nos seduzir? (Pois, sabemos que os abismos nos chamam quando deles nos acercamos). Estaríamos nós a passos lentos (mas nem tão lentos assim) indo ao encontro desse buraco? Ou a vida toda já se tornou um grande buraco e ainda não o sabemos, sabemos? Não sabemos?! E o que a poesia tem a ver com esse buraco? Talvez ela não nos dê nada, e continuaremos a ir para o buraco (se é que dele nós já não estamos a participar). Mas, talvez, a poesia nos dê uma condição de um respiro, ou, quiçá, aponte saídas/brechas de (re)existências e de resistências. Sendo assim, que a poesia nos abarque/abrigue “aos borbotões” das angústias do viver, que ela nos cinja neste estar “aqui & agora” [quase sem querer | querendo], de modo que não nos recusemos a nós. E, diante de todas as coisas existentes e (im) palpáveis dos mundos, dos vastos mundos, que nossos ouvidos se deem a ouvir a voz de Dionísio, em sua potência, em sua alta tensão. Que possamos seguir dialeticamente entre o buraco e a vida, mas, que os nossos olhos/ouvidos estejam mais voltados à vida do que ao buraco.

::uma conversa com marina tsvetáeva::

uma pausa/ ou quase pausa/ o tempo
 ruindo retalhando rindo resfolegando
 oceanos não pacíficos o declínio insidioso
 à força da natureza [quanto mais
 civilização mais barbárie quanto
 mais barbárie civilização] a reversão
 à luz do fogo ninguém foge à linguagem
 os que morreram [e se salvaram antes]
 os que morreram [e se salvaram depois]
 a luta, a resistência, os mundos possíveis
 o sol sob sangue derramado e as veias
 obstruídas e aço e dores e o ouro do tolo]
 & outros mundos tão cheios de vozes vítimas
daemones – os de fora os de dentro – os gênios
 mortos§vivos ausentes§presentes a agonia atônita
 à frente dos choques de reconhecimento
 batalhas abismos vendavais quedas

o disparate de reexistir aos (in)visíveis
inimigos: a revolta – as vivas revoltas –
acaso, milagre, tudo, tudo, pouco, pouco
o confronto está sempre lá à beira do
animal que quer atirar-se a recusa
mas, que os grandes esforços relativizados
pelo ponto do olhar-além ----- não deixam
a tragédia é [não] temer o relógio
que marca sempre a mesma hora
& nós giramos giramos no pulso
da palavra [desordem é o ritmo
revolucionário] o paradoxo do im-
possível – diz-se [do pesar & do peso]
desse mundo desses tempos pandêmicos:
“somos todos lobos do bosque impenetrável do eterno”

– *voilà!*

– como é feito tudo isto?

§ Banqueteemo-nos de migalhas!

– sim, de migalhas?!

De vida, de amor, de fôlego, de respiro, de dignidades
&

– a toxidade é *idiosugkrasías*

– *voilà!*

ser o rufião amaruado à deriva
da própria desgraça / sorte / nesta zona o rio nunca é
atravessável

– *voilà! Àlèa jáctá ést* [a sorte está lançada]

– *voilà!*

– *voilà!!!!*

ao modo de locução latina na pandemia

pois: ou é ou não é

pois: vencer ou morrer

pois: ou César ou nada

pois: nada obsta

pois: não se injúria o que se consente

pois: não deves querer ver o que não [te] é lícito [ver]

pois: ninguém dá o que não tem

pois: o que é demais não prejudica

pois: ninguém [deve] ser considerado feliz antes de morrer

pois: a necessidade [não] tem lei

pois: não convém [a quem?]

pois: não admiramos [todos] as mesmas coisas

pois: não em são juízo [ébrio sim]

pois: até onde [não] subirá?

pois: é [impossível] que a mesma coisa seja e não seja

pois: aquilo [que está] em vez de outra coisa

pois: *inter moras* [= durante a demora] da pandemia

sempre há um pé torto para um sapato roto

já que *inter manus* só álcool e sabão

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a (im)permanência
das coisas

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a (im)possibilidade
do dizer

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a
(im)potência
da ordem

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a
(im)perturbável
convivência

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a
(im)passível
contato | contágio

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a
(im)placidez

o epicentro dos acontecimentos | sintomas | a
perda da consciência

ondas§entre§ondas

ciclos descompassos

& aos (des)avisados

lastros desassossegos

ausência§presença

i.n.t.e.r.m.i.t.ê.n.c.i.a.s

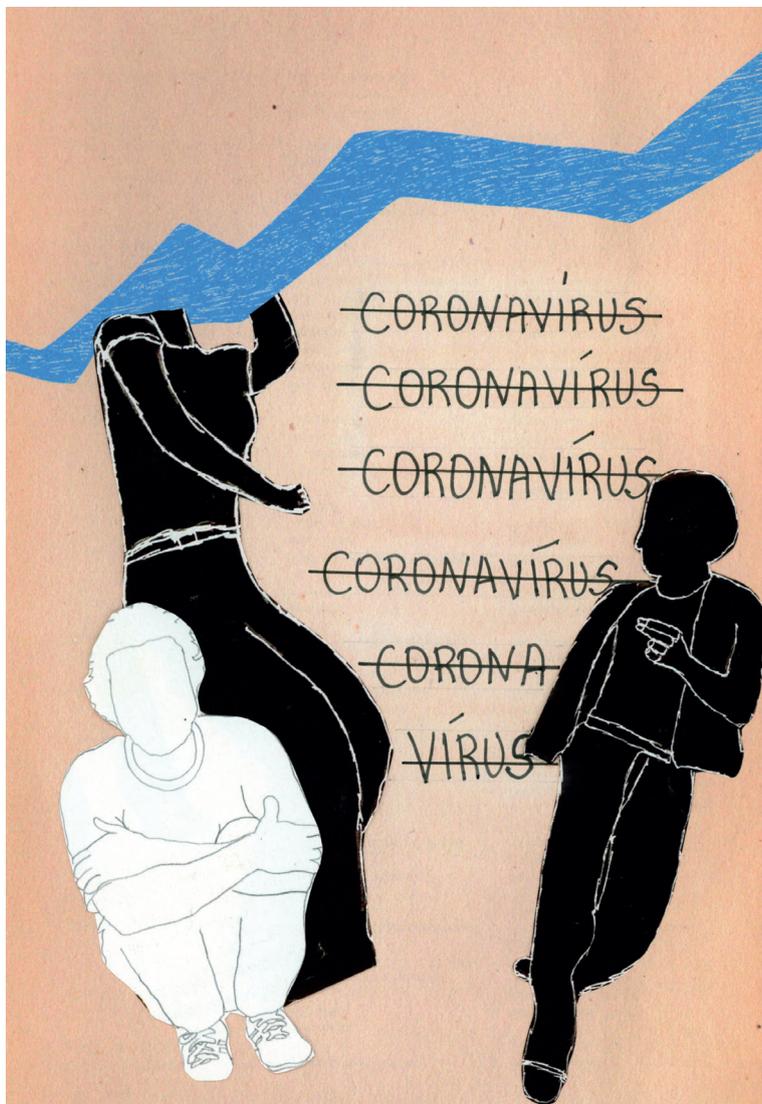
a cada momento da vida

de um modo ou de outro

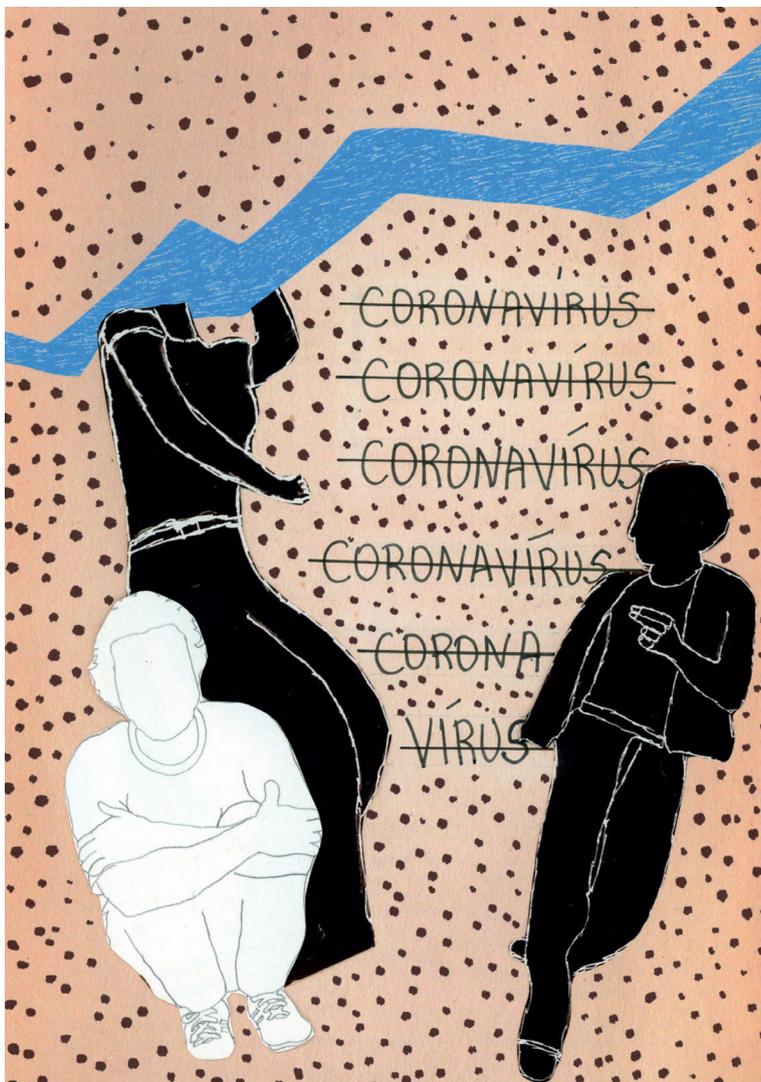
de quando as coisas não são, sendo.

quando o viver não
quando o morrer não
quando o absurdo não
quando o caótico não
quando o tempo não
quando o corpo não
quando o arsénio não
quando o tato não
quando o contato não
quando o buraco não
quando o cidadão não
quando o entorpecer não
quando o amanhecer não
quando o encontro não
quando o confinamento não
quando o companheiro não
quando o desejo não
quando o barulho não
quando o combate não
quando o resistir não
quando o desafio não
quando o matrimônio não
quando o pânico não

quando o poder não
quando o profeta não
quando o amar não
quando o verso não
quando o poema não
quando o poeta não
quando o ritmo não
quando o despencar não
quando o devorar não
quando o futuro não
quando o sagrado não
quando o terreno não
quando o pulsar não
quando o medo não
quando o ansioso não
quando o começo não
quando o fim não não
----- prosseguir ----- não, sim, não?!



Propostas novas para novos mundos



ELIANE TESTA (Lia Testa) gosta de palavras que se encontram em permanente estado encantatório e de envolvimento. Busca ritos degustativos de salivas que molham a linguagem numa fala erótica e de erotização. acredita que a poesia está em todos os espaços para recodificar o corpo. Tenta viver/estabelecer uma íntima relação de atravessamento com a palavra, pelo desejo/sonho de encontrar seu intenso e incessante tecido (palpável e/ou impalpável), para chegar a um estado poético possível. toma a sua produção como um “*work in process*”, impelida de desdobramentos múltiplos, de energias moventes e de imersões. Além de se dedicar à produção poética e à produção visual “obras-colagens” (feitas à mão), é professora de Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Tocantins – UFT, Doutora em Comunicação e Semiótica, Mestre em Letras. Atualmente está desenvolvendo pesquisas em etnopoesia em seu pós-doutoramento. Tem trabalhos publicados em revistas acadêmicas e literárias, em *sites*, participa de algumas antologias poéticas e é autora dos livros: “guizos da carne: pelos decibéis do corpo” (Poesia Menor/SP, 2014) e “sanguínea até os dentes” (Patuá/SP, 2017).



Elijo vivir

“Elijo vivir” es el tema del cual surgen algunas de mis obras más íntimas que expuestas recientemente en Barcelona en febrero del 2020. Casi como un dejavú de lo que estaría por ocurrir.

Como ecuatoriana y nómada, siempre he tenido que improvisar y reinventarme para sobrevivir. Y la vibra del sur que llevamos dentro es pura magia que nos da una fuerza inexplicable!

Las obras que presento son como relatos visuales de la conexión que siento con mi naturaleza profunda.

En quéchua, Sumak Kawsay, significa el Buen Vivir. Y vivir en plenitud implica saber vivir en armonía con los ciclos de la Tierra y el Cosmos, en equilibrio con toda forma de existencia, empezando con uno mismo. Comprender que la auto realización y construcción de un porvenir se subliman al compartirlas.

Porque el deterioro de una especie o del planeta es el deterioro conjunto.



“Vida”

100 x100 cm

Técnica mixta sobre metacrilato

2019

Es la Matriz donde quizás empieza nuestro contacto con este mundo.



“El salto”

100 x 200 cm

Técnica mixta sobre metacrilato

2019

Es la pasión misma por vivir. Por estar presente y movernos sin ningún miedo.

Es la libertad de sentirme un poco pájaro y humano.

De volar, saltar, soñar y mutar.



“Ser de luz”

13 x 20 cm

Técnica mixta sobre tela

2019

Tres personajes de la luz: el humor, la disciplina y la conciencia.
Dan vida, buscan el equilibrio y la armonía.

PILAR COLÁS es una artista visual nacida en Guayaquil, Ecuador. Estudió Artes Plásticas en Firenze y Barcelona, y Producción de Arte en Helsinki. Ha participado en exposiciones colectivas en Ecuador, Suecia, Italia, España, Finlandia y República Dominicana. Pertenece al Gremio de Artistas Finlandeses. Sus muestras individuales han sido en Guayaquil, Barcelona y Helsinki. En cuanto a la técnica, siempre está explorando con nuevos materiales y soportes en muchos casos de reciclaje.



Irrealismo Poetico

Fondatore del movimento Irrealismo Poetico prova creare una nuova strada letteraria per un mondo nuovo, da una nuova sensibilità. Fino adesso si sono aggiunti poeti dalla Spagna, l'Argentina, il Messico, l'Italia, Colombia, il Cile la Svizzera, tra altri.

1.

ROBA REALE

In una casa vuota

Vive una donna vuota

Che usa parole vuote

Lei, che non esiste, desidera

Salire come lava e saltare

Dalla normalità che

È un vulcano attivo

Ma lei

irreale

Come tutto ciò che immagino

Lancia i suoi coltelli

Contro uno specchio rotto

Che è me stesso

Lei sono io e

Sta morendo

Su una maledizione in fiore

Su un campo radioattivo

Su quello che la gente

una volta chiamava

amore.

2.

LUI

Sono io

Una e mille volte

Uno specchio inchiodato al muro

Un'ombra che transita i tuoi pensieri

Sono io

La paura che sale dai tuoi pori

Come un vulcano solitario

Sputando odio

Sono io

La metà di un diamante

La metà di un uomo di fango

Vivendo o morendo sopra il tempo

Sono io

Martellando la mia vita sul bianco

Con sangue, con inchiostro

Con il peso del ricordo

Sono io

Rubando l'oro del tuo volto

Mentre fuori dagli occhi

Resta solamente

Il fuoco

Sono io

Sei tu

Siamo noi

Gocce della stessa pioggia

Tempo dallo stesso orologio.

3.

IL NON-TEMPO DELL'IRREALTÀ

Faremo tutto ciò che serve
 Per rimanere nell'essere:
 Non scapperemo dalle sue correnti
 Non sfuggiremo dal suo abbraccio

Noi resteremo lì
 Come l'ombra di uno spaventapasseri

La bomba è sotto i miei piedi
 La strada la fanno i miei occhi
 Lancia i tuoi leoni
 Nello sguardo liberato
 Ruggisce all'aria
 Ruggisce felice

Sono un camminatore
 Vado sempre sui miei piedi
 Sulla nebbia che sorge all'alba
 Piantando epicentri di silenzio
 Così vado,
 come l'incendio che nessuno vede

Ecco perché
 Io sono
 Essere del mondo
 Essere di me stesso
 Io sono essendo
 Adesso che mi leggi

Adesso che mi senti
In te, sono la tua voce
Sono nel tuo silenzio
Sono ora, forse
Sono morto
Sono ora perché solo ora
Nel presente
È quando
Si può
Essere
Io sono
Una e mille volte
Io sono e non ho tempo
Io sono e queste parole vibrano
Sono gli epicentri. Quelli che
Ho piantato quando ero un essere
Di materia e tempo
Ho coscienza
Chi sono
Io sono l'anima
Di qualcuno
che dà la
Mano a
qualcuno
Che è
L'anima
Mia
Non
C'è
Un io

Solo delle voci che corrono
In fretta su un corpo
La cosa terribile è questa:
Il corpo, la realtà sono
Essenzialmente
Tempo
Ma
Il tempo
Non esiste
E
Tu ed io
Non esistiamo
Non siamo reali
Tu ed io siamo eterni
Una polvere di sporcizia
Che vola senza aver bisogno
Di ali.

4.

RETROMOMENTO

La pistola era nella mia mano. La mia mano cadeva dal mio braccio. Il mio braccio pendeva dal mio corpo. Il mio corpo eretto sulla terra. La terra inquinata dagli umani. Gli umani infettati dai sistemi. I sistemi resistendo gli anni. Gli anni costruendo secoli. I secoli partorendo storie. La mia storia è stata raccontata da un proiettile. Il proiettile veniva dalla mia testa.

5.

LA TUA SCHIENA

Sulla tua schiena

Lunga come un fiume

Scrivo lettere, gocce di pioggia

Lacrime che scappano dalla mia memoria

Sulla tua schiena

A metà della nera notte

Cammino e spengo tutte le luci

Dei tuoi occhi, della foresta incendiata

Del sole che esplose

Sulla tua schiena

Navigo con la mia barca di sogni

Contro le maree della realtà

E le sue onde di sangue

Contro l'urlo della città

E i suoi normali matti

Attraverso il mare

E nel suo silenzio

Di orizzonti non

Ancora nati

Scrivo libertà.

6.

PASTORE DELLE ANIME

Noi sognatori avremo il nostro premio

Noi, irreali e anticonformisti

Coltiveremo l'anima in silenzio

Creeremo le nuove parole

Per abitare un mondo nuovo

I giardini che aneliamo

Romperanno il cemento

Copriranno la grigia città

E contro la realtà vinceremo.

7.

COSA FAREMO?

Cosa faremo

Io e te

Quando scopriremo

Che non siamo veri

Solo materia prima

Solo resti dei sogni

Nuotando nel nulla

Navigando il vuoto

Cosa faremo

Io e te

Quando le nostre bocche

Svuotate di parole

Si troveranno nel buio

Quale nome santo invocheremo

Per uscire dall'insopportabile eternità

E così poter morire insieme di nuovo.

8.

LA MIA GABBIA DI OSSA

La mia guerra è con te
Così mi guardi
La mia guerra è per avere la tua attenzione
Con i miei attentati poetici
Al centro dei tuoi campi aperti, desolati
Di fronte alla tua torre di controllo
Dove guardi tutto e tutto giudichi
Regina della spazzatura
Principessa di coloro che si bucano le vene
Con cattiva eroina e cattiva vita
Lassù ci sei tu
Dove mai arriveranno quelli di sotto
Fumando le sigarette già spente
Baciando ogni uomo
Che il suo nome ha dimenticato
Ladra di memoria
Mi hai lasciato perso in questo corridoio
Muto e bianco
Mi sono strappato le costole con le mie proprie mani

Rami che stacco da un vecchio albero
Rovistando con le mie dita rotte
Ho toccato il mio cuore
L'ho sentito palpitare nel mio palmo
So che mi guardi
So che ridi
Maligna
Libera

E io
Distruggerei il carcere del corpo
Costola a costola
per liberare
Il Leone del Vento
un leone immaginario
Furioso. Impredicibile. Violento.
E salire con il mio naso fino al tuo seno
E inchiodarti i miei occhi al tuo sguardo tenero
E crocifiggerti arresa al mio letto
E festeggiare insieme l'abolizione del Tempo
Con cattivo vino e resti di sigarette

E dopo
Camminare insieme mano nella mano
Ubriachi ed eterni
A passo leggero per non svegliare il quartiere
Fare un giro per la galassia e la stupidità
Come mosche curando il letamaio
Perderci ancora nella insensatezza della pace
Mentre le foreste si incendiano e gli Dei
Cadono come uccelli soffocati
Cibo per gli affamati cani
Tutta la divinità agonizza e noi qua, seduti
Con il resto di una birra senza gas,
brindando per la fame delle nostre mani.

9.

IL MICROSECONDO DOPO IL RISVEGLIO

La città non urla più

La strada solitaria

La casa oscura

Il tacchettio lontano

I passi arrivano da un corridoio

Bianco e muto si allunga finché non lo vedo

Sparisce quando entra nel mio terzo occhio

e lo sento scappare in fretta attraverso le mie tempie

Non so se c'è qualcuno che cammina dietro il mio sguardo

Ho provato a strapparmi gli occhi

ma il sangue esce furioso

E adesso il nulla

solo un pozzo rosso

che cresce bagnando i miei piedi

E nell'intimità della ferita con il mio sangue

Una voce sale

Una voce è rimasta dal mio sogno

Una voce che attraversa la soglia

Una voce mi aspetta sotto la porta

Così mi sveglio

La realtà è pesante,

pesa e io cammino sotto l'acqua senza aprire gli occhi

Passi pesanti; passo delirante

Passo per il tetto delle case che ancora fanno festa

Armato solo con un sottile cristallo

Che è una parola

vuota. La danza senza musica tra la bottiglia e il bicchiere

Ballano all'alba tutti ubriachi, tutti assieme si uccidono i fratelli
 Il ritmo viene da lontano
 Qua arriva solo il giallo eco

dell'eco

dell'eco

dell'eco

Da un corridoio muto
 Senza finestre
 senz'altro che
 l'assoluto bianco
 La sveglia suona
 Cado nel vuoto.
 La sveglia suona.
 Mi picchiano negli occhi
 La sveglia suona.
 Il mondo non è più mio.
 La sveglia suona.
 La sveglia suona.
 La sveglia suona.

10.
LIBERATE LA LIBERTÀ
Libertà
Prigioniera della parola
Libertà
Non sarai mai libera
Perché nel tuo nome
Era possibile uccidere
Libertà
7 lettere
7 barre
7 proiettili per l'anima
Libertà, tu non esisti
Ma ispiri gli oppressi
A diventare liberi, a voler volare
Per cieli che ancora non esistono
Un blu che nessuno conosce
Dipinge il cielo impossibile
Altare della mia utopia
Libertà, tu no
Sei libera
Libertà
La più
Puttana
Delle
Parole
Libertà
Scrivendo a te
Mi sento più libero
Tra le righe di questa
Insopportabile realtà
Tu ed io soleggiamo
Irrealtà.

11.

POSACENERE PIENO

Tra i poeti

Sono il primo ad occupare i giorni

Arrivo da loro per abitare

Le loro case vuote

Pesano su di me

Mille notti

Insonni

Solitudine infinita

Per vivere sempre con me stesso

Sapendo che fuori dai miei occhi

Nessuno mi aspetta

Ordino i miei fiori neri

In mille pentole diverse

Il giardino morto dei miei polmoni

Mi fa sputare fumo attraverso la bocca

Non sono una persona, né un poeta

Cado sull'indifferenza come

Un incendio o una tempesta

La mia personalità di

Cintura bomba

Mi ha isolato

Umano

Suicida

Affondato

In un mare

Immaginario

Del posacenero

Dove navigano

I poeti che saltano

Dalla mia gola in un foglio bianco.

12.

IN UN LUOGO, LONTANO DA ME

Venire a vivere in Svizzera
Mi ha gettato il Cile in gola
Ed è rimasto catturato lì
Tra le lacrime
E il rigurgito
Mi sono perso
2 coppe America
La nascita dei miei nipoti
La morte di mio fratello
La fioritura dei miei amici
E nello stomaco
Adesso sento
Un vespaio
Che esplose in colpa
Dentro i miei occhi
Per non essere
Nel mio paese
Nelle mie strade
Vene del mio sangue
Autostrade che si aprono in rosso
Non capisco perché
La vita gioca così con me
Dandomi così tanto e rubandomi
La gioia delirante
I primi passi
Gli ultimi saluti
L'incoronazione dei miei ideali
La primavera del mio continente

Ed eccomi ora, buttato qua
In una galleria lontana, come spettatore
Mentre dentro di me cresce l'abisso
E tengo me stesso mentre cado
Ancora l'angoscia
La maledetta colpa
Terra negli occhi
mi fa tanto male
Questo gioco
Di dadi
I miei occhi si allungarono e
Non tollerano più così tanta realtà
Si rompono e sanguinano
Piangono in silenzio
Più mai
Si asciugheranno
Non sono mai stato
così lontano dal mio corpo
come adesso.

13.

SOGNO SENZA DORMIRE

Ho sognato che scendevo
Che entravo nei miei occhi girati
Fino al precipizio del mio pensiero
Al bordo di me stesso, sale il fuoco
Sale e salta, affamato della mia carne
Ho sognato che camminavo solitario
Attraverso il lungo tunnel della mia gola
Con lo sguardo spento, passo dopo passo
Calpestando crani
Muto tra il rumore delirante della folla
Ho sognato una tana di corvi
Nascosta tra le mie costole
Ho sognato il suo sbattere
Nero, frenetico, cattivo
Il loro volo mi rompe
Le ossa, la vita
Il sangue fugge
Goccia per goccia
Ho sognato di essere
Uno spaventapasseri
Piantato solo, a metà
Della solitaria galassia
Sono cosmico
Una millesima parte del cosmo
Che sogna con dei sogni mai sognati
Che non dorme dal tanto sognare
Sono una goccia di acqua
Che sogna di tornare
A casa sua, il mare.

14.

IDEALISTA

Mi hanno detto che non potevo volare
ma io ho dipinto il pavimento di blu e bianco
e mi sono strisciato attraverso i miei sogni finché ho vomitato
nuvole, pianeti, intere galassie
dall'abisso della mia gola.

15.

MOSCHE NELLA PIAZZA

E mentre la città si incendiava
Tutti videro l'angelo cadere
Ma nessuno fece nulla
Avevano perso la loro fede
Il colpo contro il suolo
colpì anche i loro occhi senza anima
Ma restavano solo ceneri di umanità
Solo le rovine degli edifici che sono cresciuti con loro
Pioggia e lacrime inondarono la fragile barca dell'essere divino
La folla celebrava
In circoli ubriachi giravano
In circoli ubriachi lo indicavano
Il processo senza scrupoli dei senza parole
Solo nel loro giro, solo nella loro danza macabra
Caduto e umiliato sul pavimento
l'angelo si strappò le sue proprie ali
l'obbligarono a farlo
I muti guardavano
Fermi senza musica
Aspettavano

che si staccasse tutte le sue piume
Guardando come la divinità si mutilava
masturbazione collettiva
La mandria vinse
Quando morì l'angelo
E si alzò l'uomo ferito
La folla pianse di nuovo
Perché ormai non volevano più salvare l'uomo
Bensì un'altra divinità per strappargli le ali.

FRANCO BARBATO è umano, nato e cresciuto a Santiago del Cile, luogo dove nasce il suo primo contatto con la poesia senza ancora saperlo. Innamorato dell'estetica propria della strada, comincia a scrivere (quasi a osmosi), per buttare fuori l'emozioni che gli producevano le storie di ogni persona dei, almeno, 20 quartieri dove ha vissuto. Dopo 20 anni pieni di avventure e sventure, dopo aver vissuto in Australia, in Patagonia e da 5 anni a Lugano, dopo aver studiato giornalismo e storia, e dopo essersi sposato e diventato padre, rimane ancora l'istinto animale, quella fame di vita, quel bisogno di sporcare la carta per pulire la sua anima. Autore di *Il Pilastro della Creazione* e diverse pubblicazioni in Grecia (tradotto), India (tradotto), Messico, Italia, Svizzera, Cile, Argentina, Ecuador.

<https://slamcontemporary.wordpress.com/2018/11/05/franco-barbato-poesia-come-danza-tra-silenzio-e-parola/>

<https://www.ticinotoday.ch/content/e-se-la-poesia-occupasse-la-realt%C3%A0>

<https://7dejunio.com/mi-amigo-capucha-un-poema-de-franco-barbato>

web: <https://www.facebook.com/Risatoleondelviento>

Hello world / ciao mondo_

Poesia post-futurista

Strade vuote profumate d'asfalto intonso, solcate da pavidoti tram dai bulloni ballonzolanti & inno nazionale a ripetizione @ ore 12:00 + voci angeliche graffiano le finestre come artigli elettronici. Pausa nella pausa. Psico-attività auto-indotta-meditativa nell'inattività, quando milioni di confabulazioni cerebrali si compenetrano e annullano la consistenza dei muri e la calma apparente che riecheggia come vernice plastica su scaffalature di anatemi. Sesto senso si sofferma nella non comprensione dell'estatica danza di rimaneggiamenti interiori, paragonabili solo a tramonti asettici sulle nostre città blindate. Sano spirito umoristico/neuro-attitudinale vagisce tra fronde di specificità polifunzionali; trasferimento-dati-pindarici tramite bio-microchip invisibili, impiantati da telegiornali cosmetici. Scomoda comodità della pace domestica, dov'è amore + eroismo quando fuori piovono strali di collettiva pandemica sopportazione. Cognizioni vitree sovrapposte si susseguono a simbologie social bidimensionali. La preclusione della riflessione sul Sé non preclude un'ascesa di fluorescenti corrispondenze sulla sommità di un'illuminazione. Giustapposizione di stato mentale quieto e frenetiche concatenazioni molecolari che danno luogo a eco di sillabazioni enfatiche, mentre terminologie draconiane coniate da intelligenze artificiali incomplete, attendono approvazione post-innesto-nella-mente-collettiva + rivitalizzazione di bucoliche sintonie di classicità. Cristalli di tempo si accavallano sognanti e riflettono lo sgretolarsi di un flusso ambiguo dove espressione metallica di rinascimento contemporaneo, più fluida di una carezza aeriforme, ottiene lo stato di materia nobile dal telefonico luccichio di un'emozione all'Earl Grey.

Gian Luca Masciangelo - Roma, 04.2020

The intent of producing a fast and spontaneous piece of post-futuristic poetry was to “frame” the attention on a specific moment in time during the 2020 lockdown in Rome, Italy. This was a very unique time to experiment with reality. Many of us had the chance to witness mixed sensations within themselves, and it was almost possible to interact with thoughts and emotions of other people sharing the same situation even though physically separated in different buildings and different parts of the city.

The emptiness of the streets created a very specific sound of silence, permeating the city space, space you could now appreciate from a window or a balcony as if it was a volume on itself.

Lockdown has been a truly collective and planetary experience, and it was probably the first time we as humans living on Earth could experience a common sense of purpose, while some of us could rearrange their thinking and the way of seeing life, maybe in front of a nice cup of Earl Grey tea.

GIAN LUCA MASCIANGELO / Lanciano (CH) - Italy
20.07.1974. Entrepreneur, Business Coach, and Networker. 20+ years of experience in Digital Marketing. His mission is to help people and businesses connecting with their true potential and expressing the best qualities in their respective industries, to achieve market leadership through digital media and innovation. He believes that everything should be conducted as a work of art, in the sense that every act must express good vibrations and nourish the Spirit. Author of Amazon bestseller: “Il Libro Segreto del Network Marketing Online” and many other books and video courses on Marketing and Network Marketing. Gian Luca is passionate about both classical and contemporary art expressions, with a specific focus on Graphic Design, Digital Art, and Visual Poetry.
masciangelo.com

Notas e Agradecimentos

Como é do conhecimento de todos, os vários agentes culturais estão a trabalhar para que os seus públicos, que agora atravessam um período de isolamento, não sejam privados de acesso e contato com a prática das artes. Interessa-nos que a reflexão seja um instrumento para as mudanças necessárias. Atenta a isto, a Aquarela Brasileira Livros propôs a estas autoras e autores a participação neste livro de livre expressão. O que sonhamos foi um livro afetivo, criativo, crítico, colaborativo, meio para expressar ideias e expandir possibilidades para o hoje e os amanhãs. Não há fins lucrativos. A distribuição é gratuita. Ao citarem alguns destes trabalhos ou o livro (e-book), solicitamos que sejam dados os devidos créditos.

Agradecimentos

A todas e a todos que se doaram a esta formidável experiência!

A todas e a todos que fazem sua parte para cuidar dos outros e melhorar o mundo!

A todas e a todos que puderem espalhar essas ideias e mensagens!

Acompanhem as produções e reflexões das autoras e autores aqui presentes e apoiem suas iniciativas!

Notes and Acknowledgments

As everyone knows, the various cultural agents are working so that their audiences, who are now going through a period of isolation, are not deprived of access and contact with the practice of the arts. We are interested that the reflection is an instrument for the necessary changes. Attentive to this, Aquarela Brasileira Books proposed to these authors the participation in this book of free expression. What we dreamed of was an affective, creative, critical, collaborative book, a means to express ideas and expand possibilities for today and tomorrow. It is not for profit. The distribution is free. When quoting some of these works or the book (e-book), we ask you to give the appropriate credits.

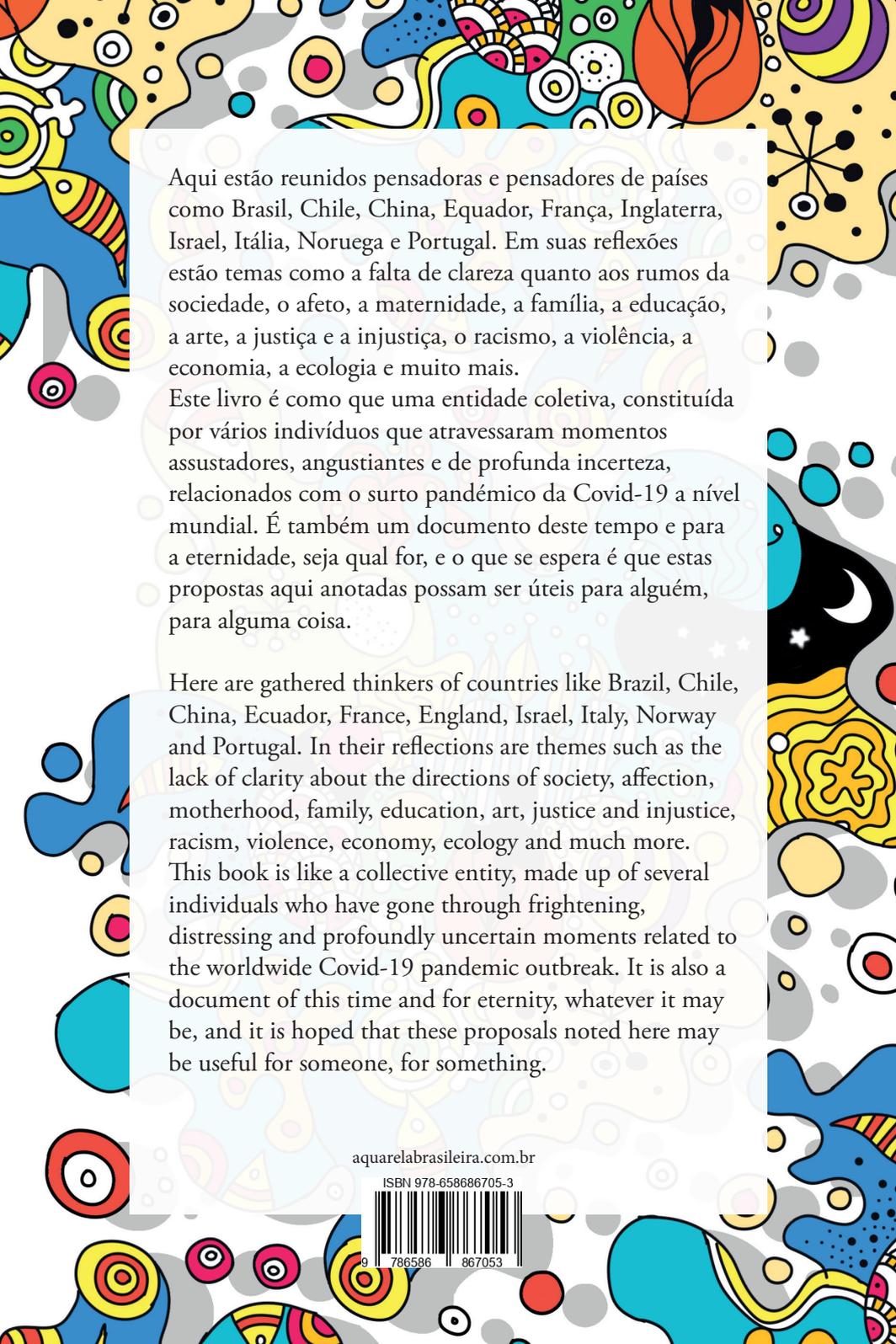
Acknowledgements

To all of you who have given yourselves to this wonderful experience!

To all of you who do your part to take care of others and improve the world!

To all and everyone who can spread these ideas and messages!

Follow the productions and reflections of the authors here present and support their initiatives!



Aqui estão reunidas pensadoras e pensadores de países como Brasil, Chile, China, Equador, França, Inglaterra, Israel, Itália, Noruega e Portugal. Em suas reflexões estão temas como a falta de clareza quanto aos rumos da sociedade, o afeto, a maternidade, a família, a educação, a arte, a justiça e a injustiça, o racismo, a violência, a economia, a ecologia e muito mais.

Este livro é como que uma entidade coletiva, constituída por vários indivíduos que atravessaram momentos assustadores, angustiantes e de profunda incerteza, relacionados com o surto pandêmico da Covid-19 a nível mundial. É também um documento deste tempo e para a eternidade, seja qual for, e o que se espera é que estas propostas aqui anotadas possam ser úteis para alguém, para alguma coisa.

Here are gathered thinkers of countries like Brazil, Chile, China, Ecuador, France, England, Israel, Italy, Norway and Portugal. In their reflections are themes such as the lack of clarity about the directions of society, affection, motherhood, family, education, art, justice and injustice, racism, violence, economy, ecology and much more. This book is like a collective entity, made up of several individuals who have gone through frightening, distressing and profoundly uncertain moments related to the worldwide Covid-19 pandemic outbreak. It is also a document of this time and for eternity, whatever it may be, and it is hoped that these proposals noted here may be useful for someone, for something.

aquarelabrasileira.com.br

ISBN 978-658686705-3



9

786586

867053